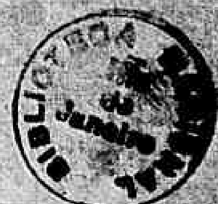
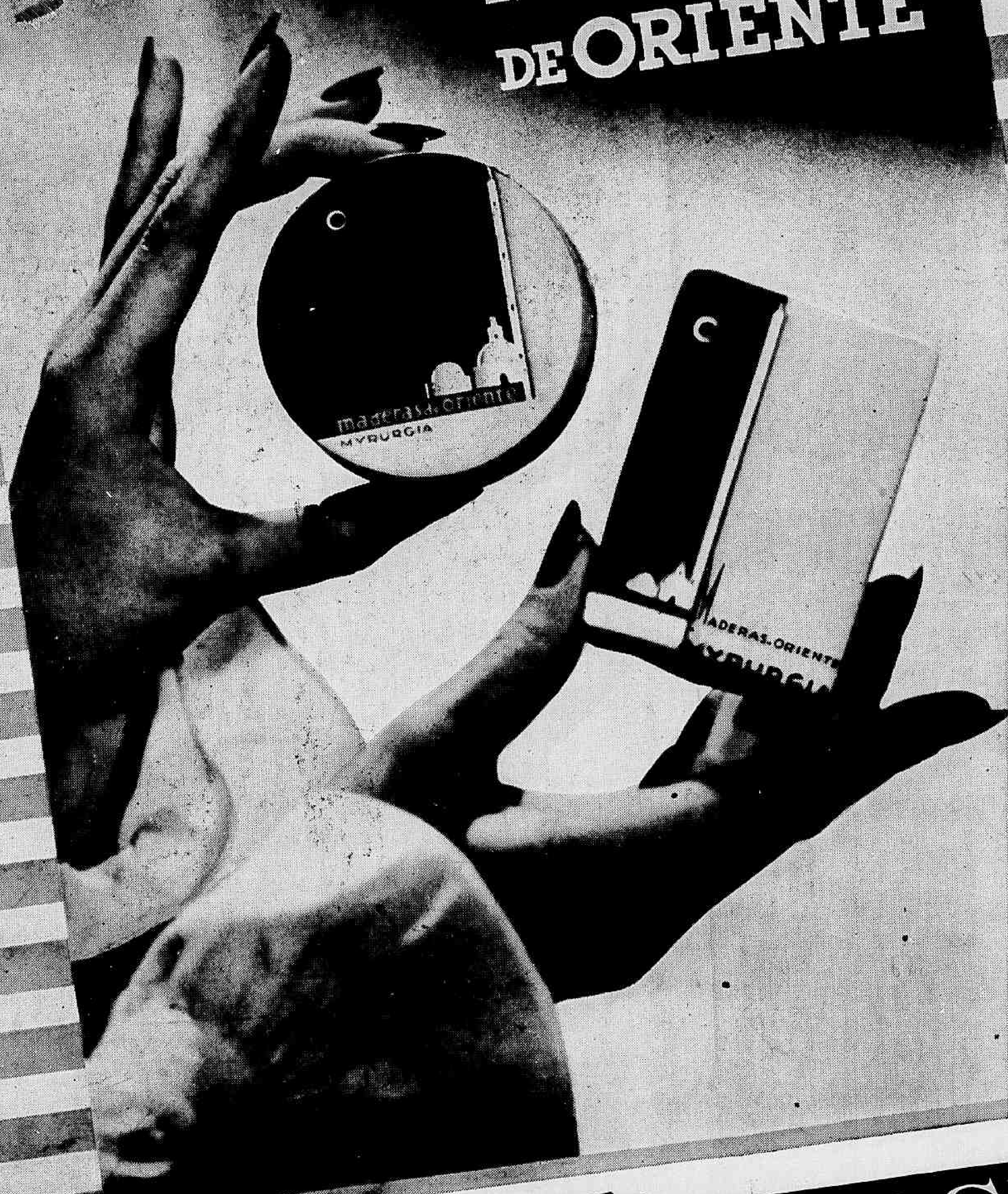
o País
dos
arajás

NDAS E MISTÉRIOS
O RIO ARAGUAIA

(Pág. 17)



Eis a apresentação igual e uniforme
do delicado Pó de Arroz
e do maravilhoso Sabonete



MYRURGIA

ANO LI ★ N.º 14 REVISTA DA SEMANA 5-4-52

SUMÁRIO

REPORTAGENS EXCLUSIVAS

Um Sonho de Sol e Concreto 4/9
Eu3ncs Aires: subúrbio carioca (por A. Marcanti) 14/16
No país dos Carajás (por Nilo Veloso) 17/21
Os "crotos" do Capitão Carr 28/31

LITERATURA

O Cinema de Cocteau (por Alceu Marinho Rego) 3
O Pequeno Conto(por Geo William) 12
O noivo de Aurélia (Conto de Delore Gurgel) 26
Papéis trocados (Conto de Waldemar J. Fernandes) 35

ROMANCE

A Insatisfeita (por Irene Temple Bailey) 22/23

SEÇÕES PERMANENTES

A Semana em Revista 12/13
A Personagem da Semana (General Zenóbio) 13
Puxe pelo Cérebro 48
Palavras Cruzadas 49
A Revista há 50 anos 51
Correio da Revista 51
Tudo isto aconteceu 52/53
À luz da psicanálise 54
A Pergunta da Semana 58

FOLHETINS

Aventuras do Capitão Rob 24/25
Os Espinhos do Amor 38

FEMININAS

A Saúde do Bebê (Dr. Saboia Ribeiro) 34
Figurinos (por Ramon) 36/37
Detalhes originais 45
Aspectos variados da moda 46/47

CINEMA (Por Leon Eliachar) 39/44

CARICATURA

Êste mundo e o outro (por Darcy). 10
Aumentolândia (por Théo) 27

VARIEDADES

Porque Elizabeth será uma grande rainha (por Godfred Winn) 11
Uma espiada no mundo 32/33
Dança — Esporte ou divertimento? 56/57

NA CAPA
Índios Carajás (Goiás)



O CINEMA DE COCTEAU

O cinema de Cocteau é feito para ser discutido mas não para ser levado a sério. A discussão admitida, porém, é claro que também envolverá o problema mesmo da seriedade, mas êste não passará nunca do plano da pura sofisticaria.

Trago esta convicção da "avant première" de **Orfeu**, dada para convidados, num cinema de Copacabana. Já assistira há tempos outra produção do mesmo Cocteau, poeta que se extraviou numa forma ambígua de cinema, na qual não se encontra nem gôsto de carne nem de peixe, nem cinema nem poesia. Foi a outra, parece que a última do mesmo gênero antes desta, **A Bela e a Fera.**

E falamos em gênero — terá Cocteau conseguido mesmo um "gênero" para a sétima arte, explorando uma habilidade que não fica longe da do sujeito que faz sumir cartas na manga do paletó e depois as retira do nosso bôlso? Gênero que seja ou que não seja, transferimos a dúvida aos classificadores de assuntos.

O Cinema tem amplas possibilidades de linguagem plástica dentro de certos limites, e um filme recente, **O Moinho do Pó,** italiano, mostra que essa linguagem pode oferecer poesia. Mas querer, como quer Cocteau, que a própria linguagem cinematográfica (imagem em movimento) se confunda essencialmente com a poesia, em vez de provocá-la, é pretender mel em pau de mandacaru.

O Teatro, que vive do diálogo, tem possibilidades muito mais completas nesse terreno, ajudado pela unidade visual da cena. Já o Cinema tem que dar excessivo movimento às imagens para não se tornar insípido e nessas imagens está o fundamental de sua linguagem. E' portanto uma linguagem que se dissipa em vez de concentrar-se, perdendo fàcilmente em densidade. No gênero realista, como no filme que mencionamos, a poesia vem de uma combinação de elementos. No gênero fantástico ou fantasista de Cocteau a tentativa poética resvala fàcilmente no ridículo.

Orfeu, seu último filme, quando não se faz ridículo é afetado. E só deixa de ser afetado para ser enfastiante.

ALCEU MARINHO REGO

UM SONHO DE SOL E CONCRETO

Obra de Le Corbusier

NASCIDO há 63 anos, em La Chaux de Fonds, na Suiça, Charles Edouard Jeanneret é conhecido em todo mundo pelo seu pseudônimo de Le Corbusier e pelo seu mote: "Uma casa é uma máquina para se viver".

Pioneiro da moderna arquitetura e do moderno urbanismo. Le Corbusier é autor de 30 livros e de 29 edifícios — excluindo a sede das Nações Unidas, em Nova York, onde atuou apenas como consultor. O projeto do Ministério da Educação, no Rio, antes de ser desenvolvido, é sua concepção. Ao seu estúdio, num antigo convento jesuita, em Paris, os estudantes de todo mundo acorrem num longo desfile, para trabalhar algum tempo sob a supervisão do mestre.

Se a obra literária de Le Corbusier se mostra maior em comparação com o número de suas construções, isso se deve, parcialmente, ao fato de seus projetos serem muito caros — e ao mesmo tempo muito revolucionários — para estarem à altura das fortunas particulares. Desenha também casas particulares (das quais já construiu uma infinidade) mas seu interêsse maior está em construir para grandes massas urbanas. Sua concepção da "Cidade Irradiante" consiste em múltiplas unidades de arranhacéus, espaçados, que fornecem a seus residentes não apenas apartamentos mas todos os serviços necessários a uma cidade viva, onde o sol e o ar existem em profusão.

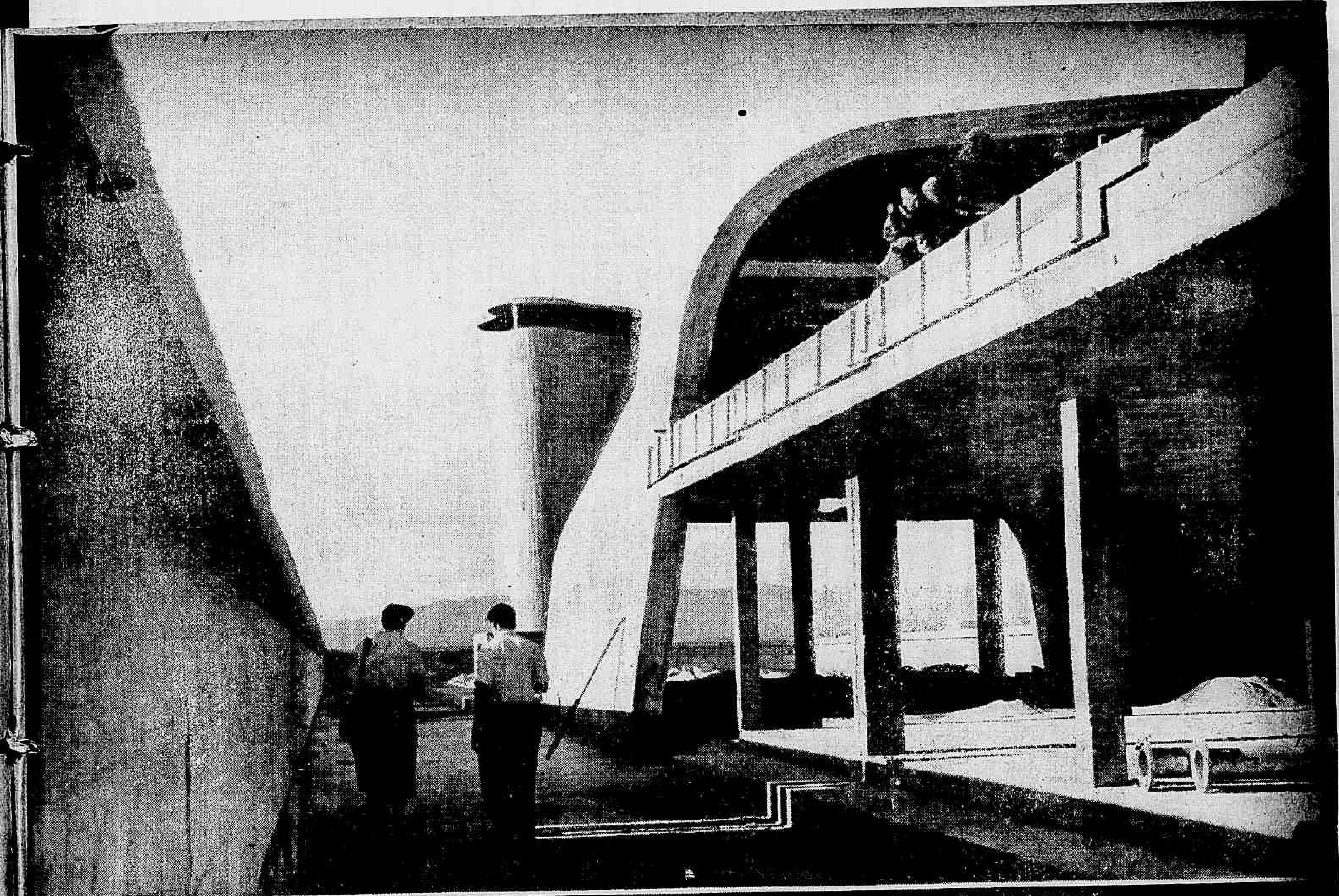
A destruição causada pela guerra deu a Le Corbusier a sua primeira oportunidade de por em prática, em larga escala, as suas teorias. Em tôrno do velho pôrto de Marselha os alemães tinham destruido uma grande parte da cidade que, justamente, era horrível como aspecto. Depois da guerra o Ministro da Reconstrução Francesa, entregou a Le Corbusier a tarefa de reconstrui-la.

Êle planejou uma série de grandes edifícios de apartamentos, segundo os seus princípios da "Cidade Irradiante". O primeiro dêsses prédios, com 320 apartamentos e com capacidade para 1600 pessoas, já está pràticamente pronto para ser ocupado. Todos os dias chegam visitantes de tôdas as partes para ver as construções e a maquete do projeto integral.

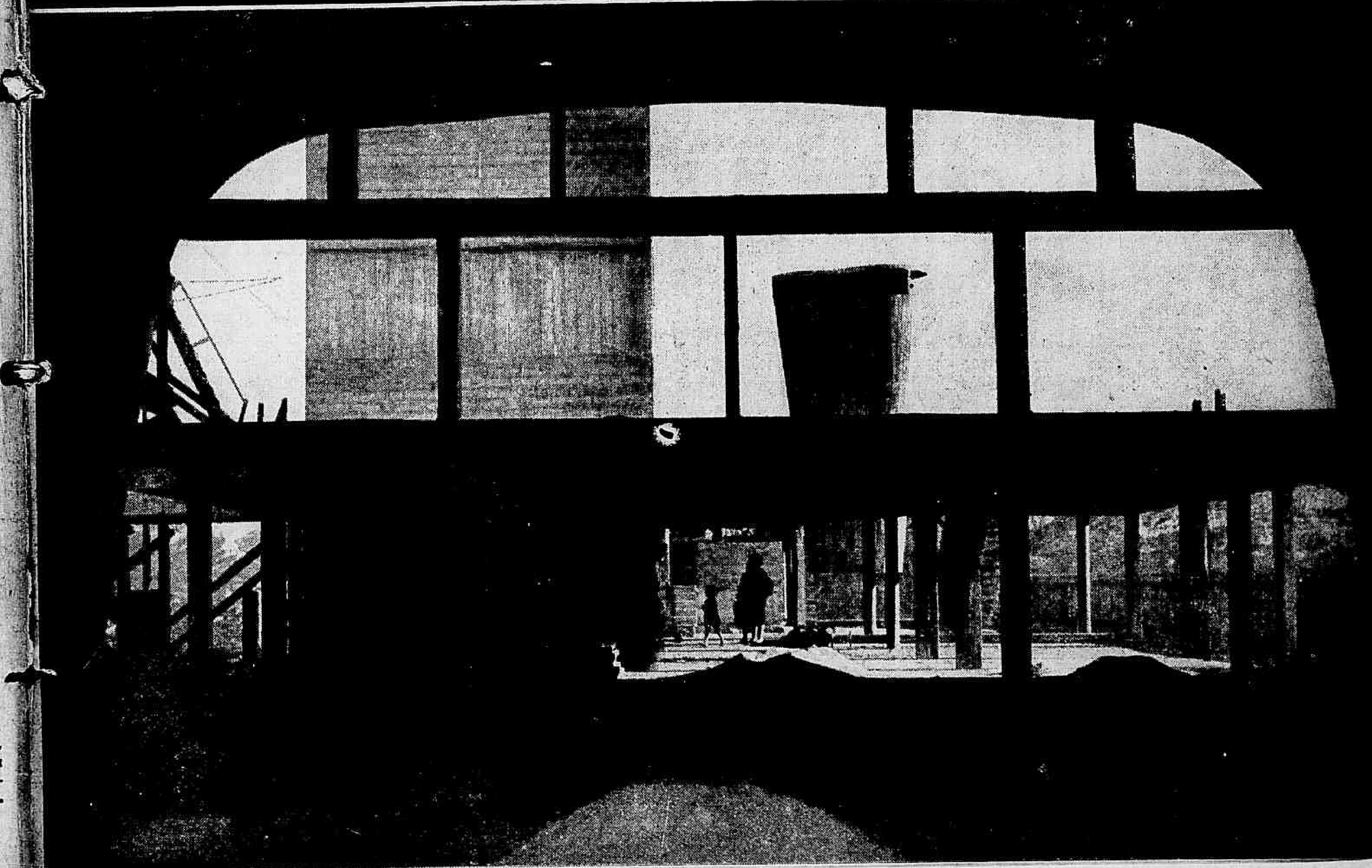
A fim de facilitar a vida da dona de casa, o prédio é equipado com um sistema de aquecimento elétrico e de ventilação controlada também eletricamente, e ainda de estufas e refrigeradores elétricos, além das maquinas automáticas de lavar, uma creche comum, playground, enfermaria, consultórios médicos e escritório central. Um centro comercial ocupa os dois pavimentos centrais dos prédios de 16 andares. Também foram previstos: bi-

(Cont. na pág. 49)

O criador e a criatura. Le Corbusier, acompanhado de sua mulher, visita a obra uma vez por mês, hospedando-se num dos apartamentos terminados.

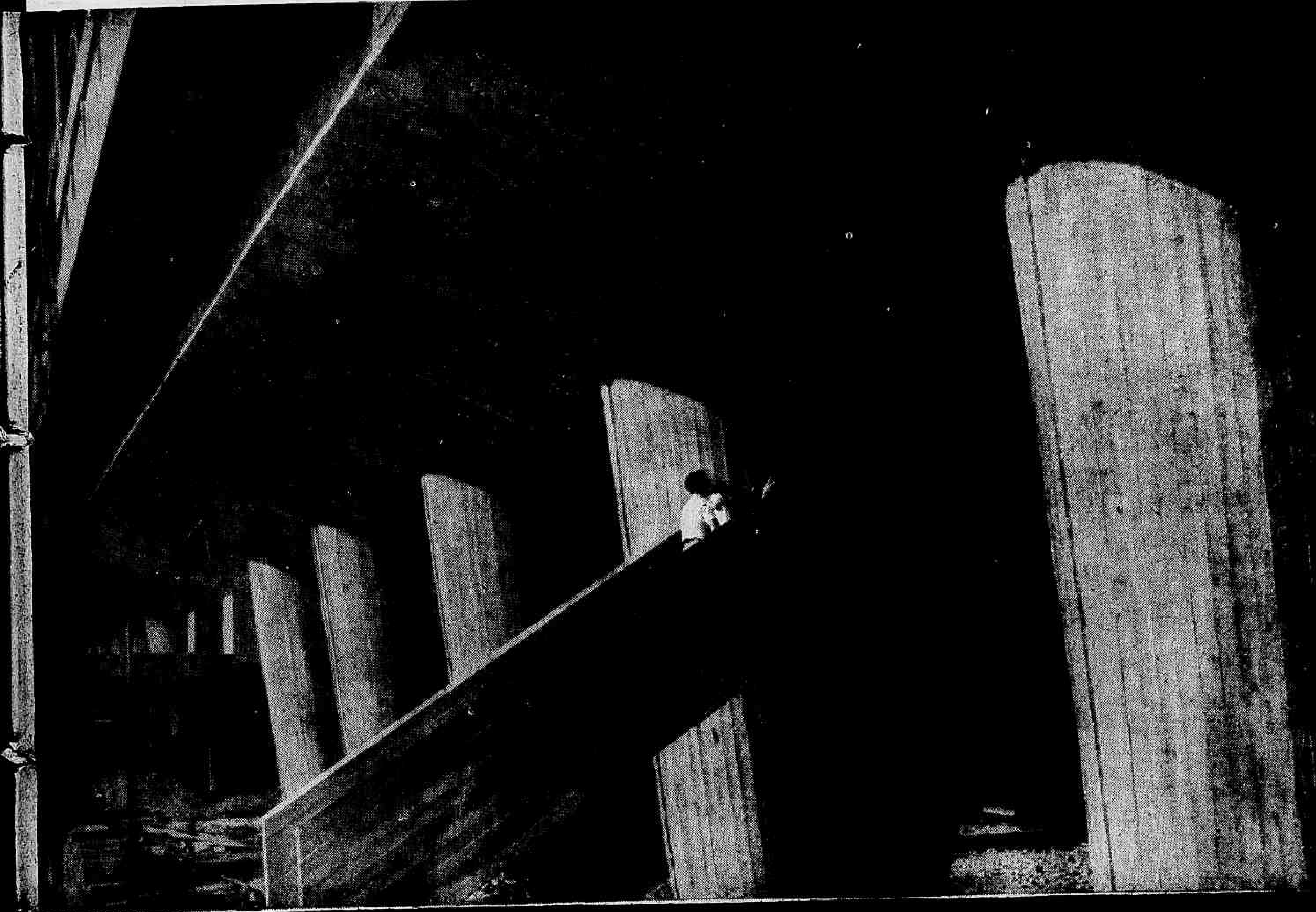


O terraço do edifício dispõe de uma creche, um "playground" e uma alameda. Le Corbusier, nas visitas de fiscalização, aí passeia pela manhã percorr[illegible] 2 quilômetros. O terraço do prédio, parcialmente concluído, constitui uma das atrações dos visitantes, que são vistos na foto superior, em dia de permissão espe[illegible]

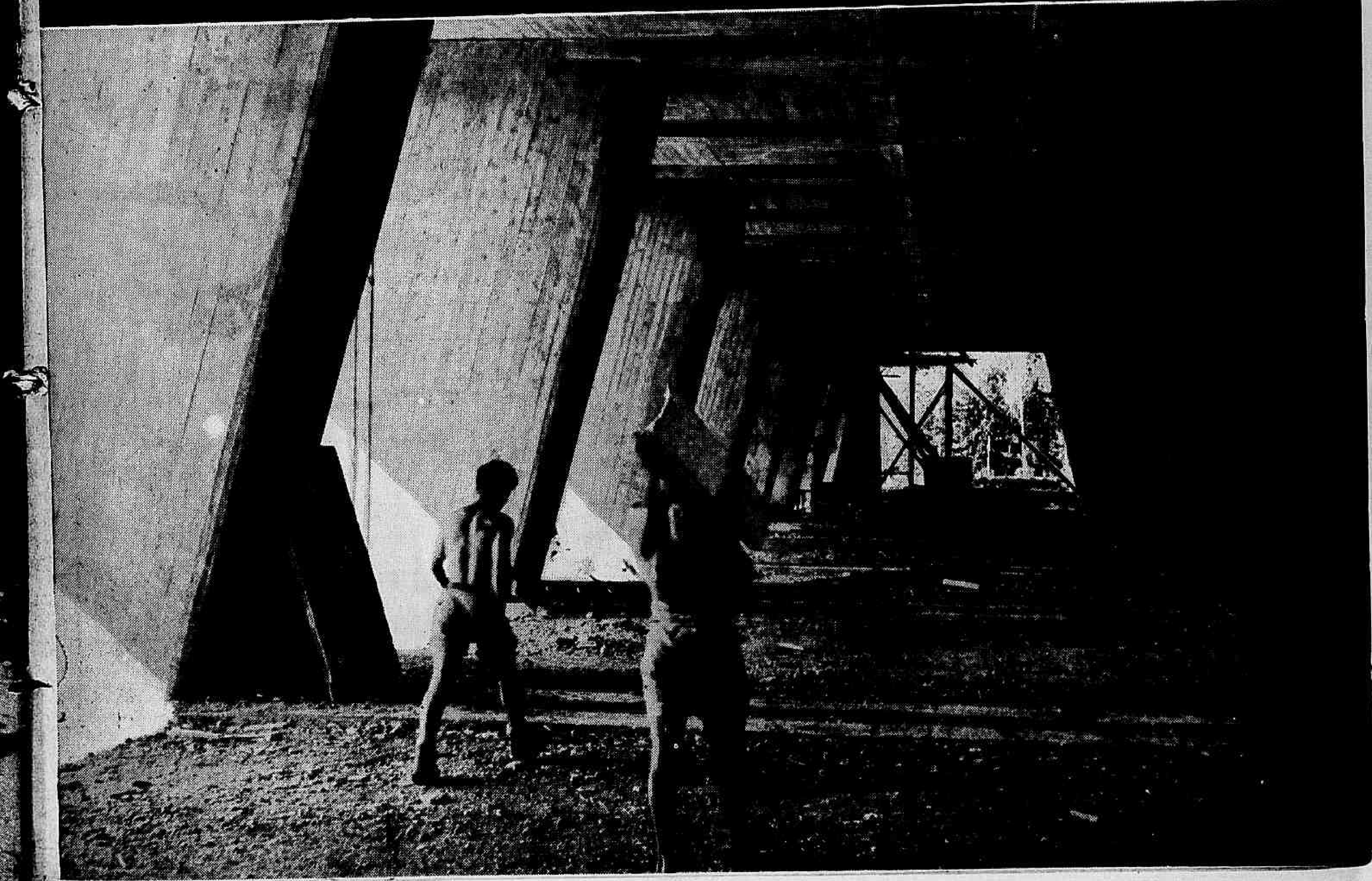


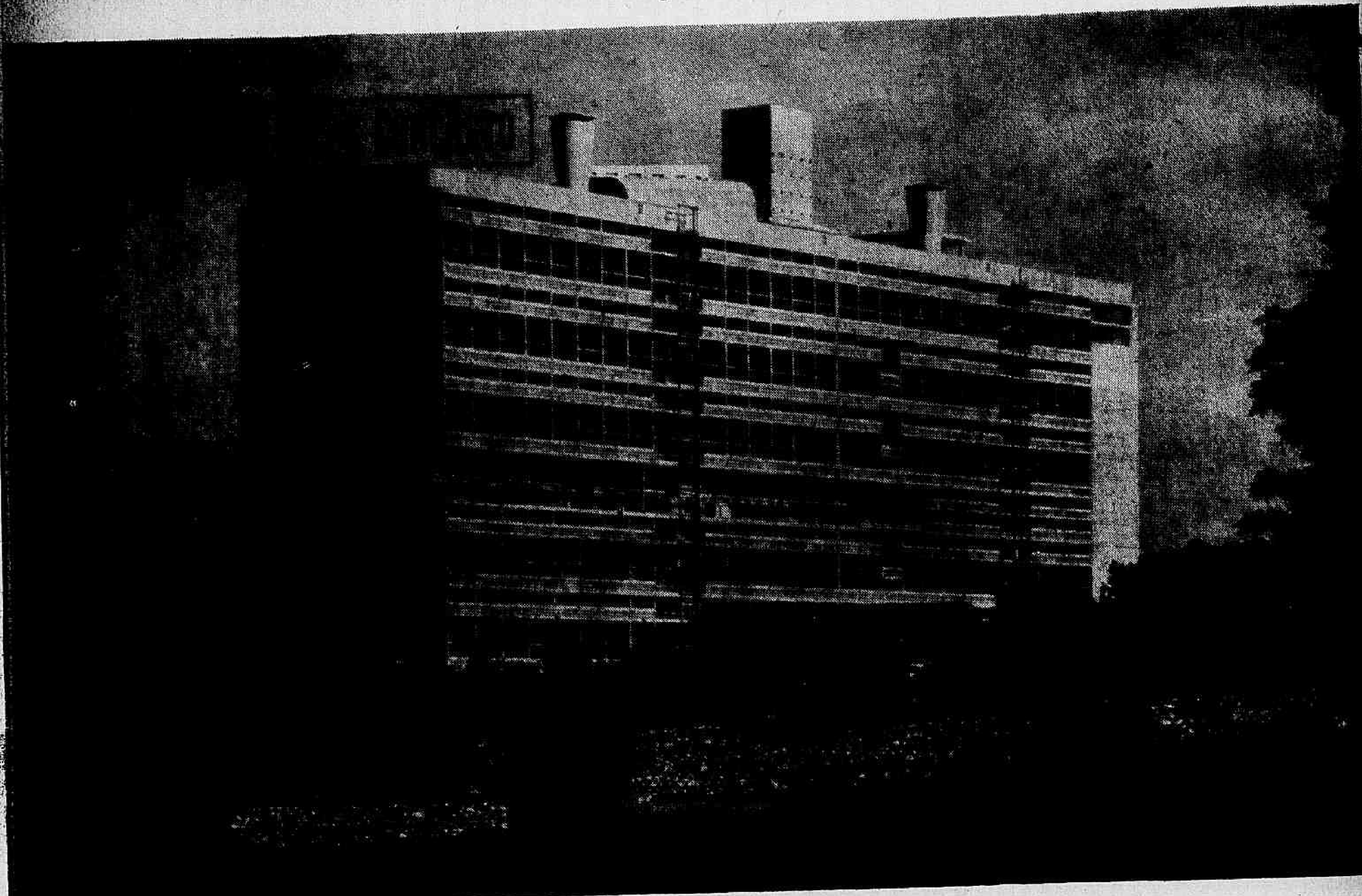
E CONCRETO

Antes de se dirigirem para uma visita à primeira "Cidade Irradiante" os visitantes ouvem as explicações ministradas por um assistente de Corbusier.



Quantos arquitetos terão desejado conceber algo dosse arrojo e dessa esquisita beleza? [illegible] guido a **seis metros do solo. Em** baixo vemos, em detalhe, os pilares que suportam a monumental estrutura [illegible]

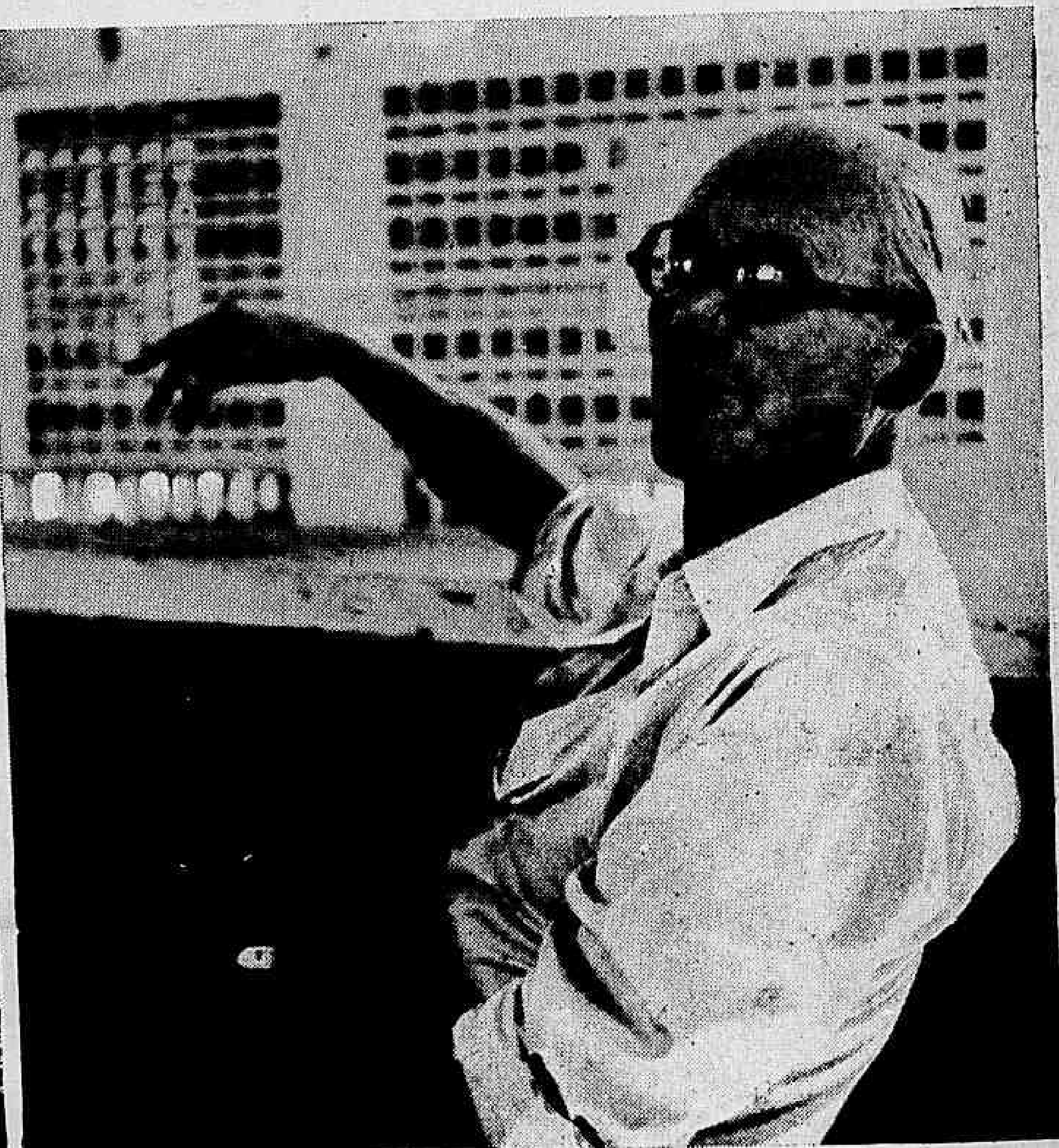




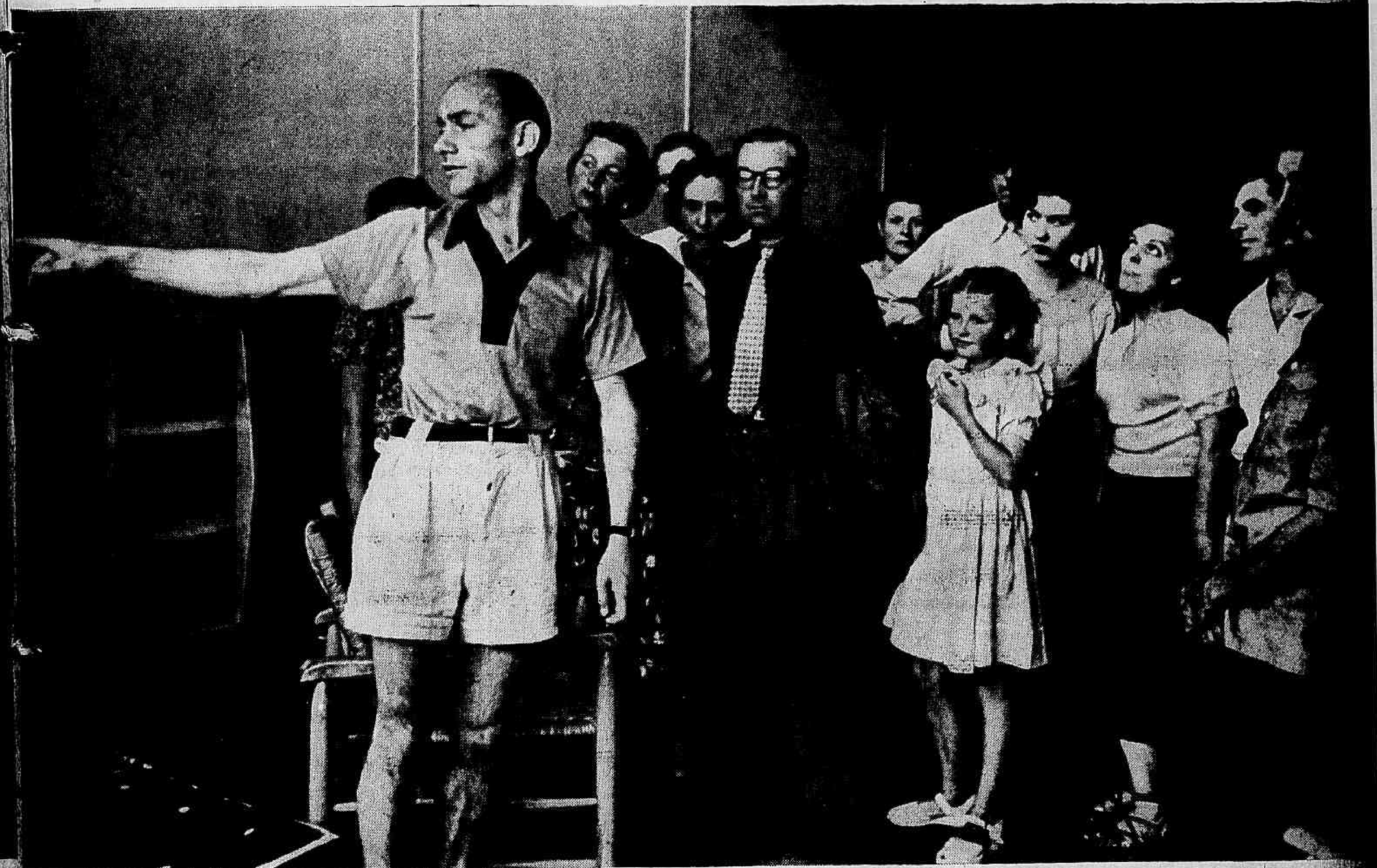
Fachada Noroeste do edifício. Observe-se a parede Norte, sem janelas. E' o lado que na Europa corresponde ao nosso lado Sul: aquêle em que não bate o sol.



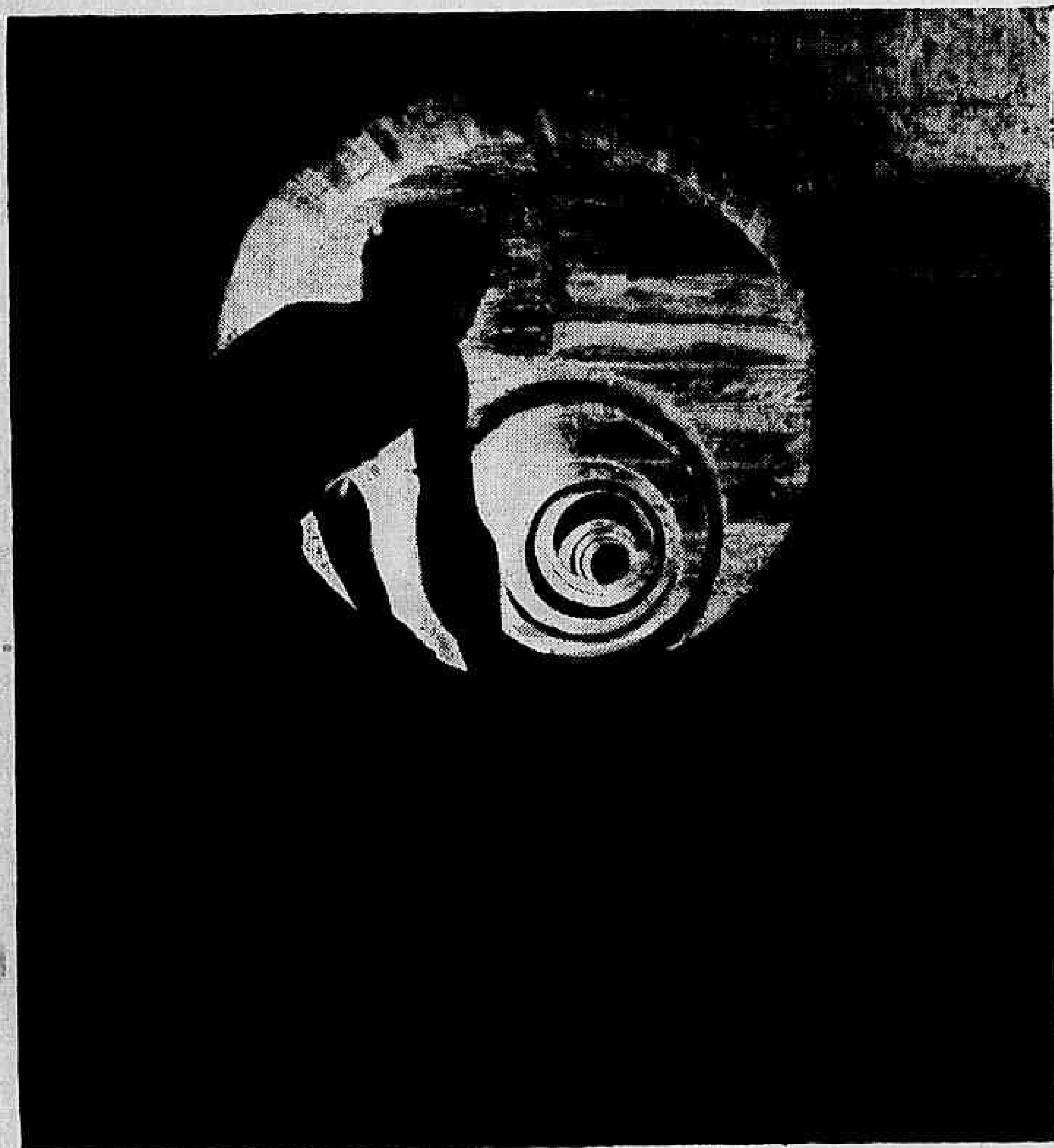
Um assistente de Le Corbusier mostra aos visitantes o apartamento modêlo. As expressões fisionômicas fazem tôda a escala da surprêsa ou do interêsse.



No escritório instalado no próprio local de trabalho, Le Corbusier conversa com visitantes. Vê-se, atrás, a primeira "maquette" da Cidade Irradiante.



Não há lugar inviolável: os visitantes são recebidos no apartamento de Le Corbusier quando em trabalho na cbra. O homem de "short" encarrega-se das explicações.



Detalhe colhido no primeiro andar: as aberturas circulares destinam-se à instalação de depósitos de lixo e oferecem, na foto. um curioso efeito.



Diante de uma figura moldada em concreto, mandada especialmente executar por Le Corbusier, êste expõe sua teoria do "modulor". (Veja-se o texto).

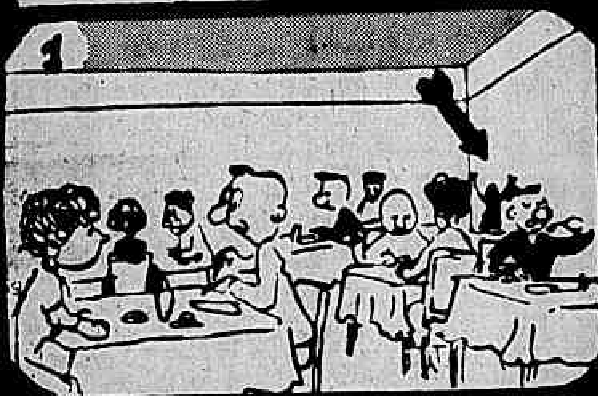
ÊSTE MUNDO E O OUTRO

MANUAL TEÓRICO para gente prática

Criação de DARCY

CONQUISTE O SEU GARÇON

Lição n. 1



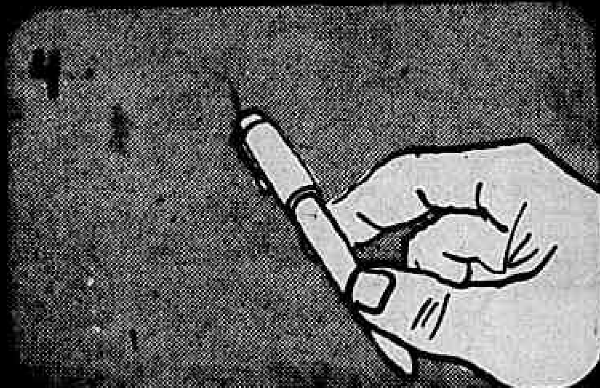
Não escolha uma mesa lá no fundo. Você se cansará de fazer «pssiu» para o garçon.



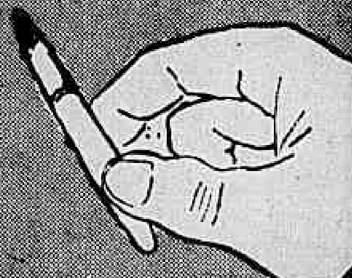
Prefira uma mesa central, estratégica, fácil de agarrar o «bicho» quando êle passar.

EMPRÉSTIMO DE CANETA

Lição n. 2



Se alguém precisa de sua caneta-tinteiro «por um momento só», empreste-a mas...



...já aberta, retendo na mão a capinha da caneta. Assim será difícil não devolvê-la «por esquecimento».

TELEFONES SECRETOS

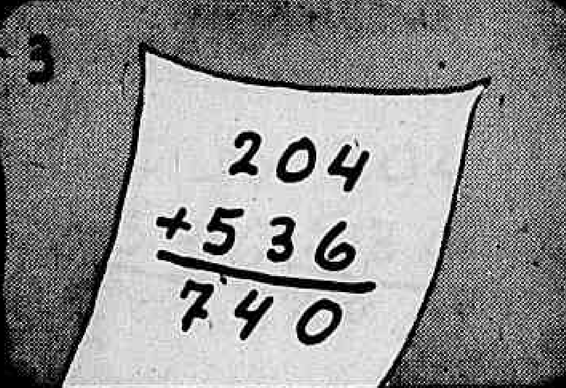
Lição n. 3



Não deixe nos bolsos números de telefones comprometedores...



Escreva o número nesta disposição...



....e depois realize a operação...

ESPÔSA E DINHEIRO

Lição n. 4



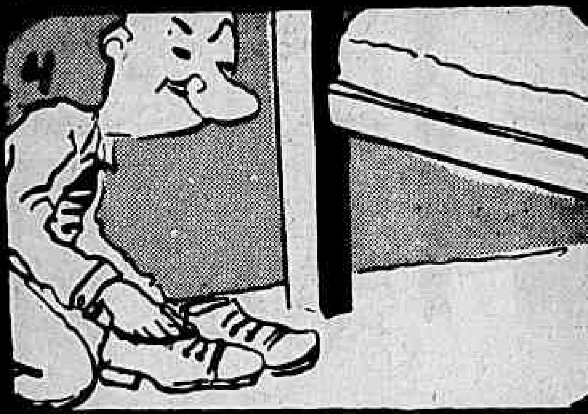
Ao chegar em casa não esconda misteriosamente o seu dinheiro.



Isto deixará a espôsa sèriamente desconfiada e ofendida... na hora da «sortida»...



Deixe uma pequena quantidade no bôlso de costume...



...e ela não suspeitará que a bolada está escondida no sapato...

POR QUE ELIZABETH SERA' UMA GRANDE RAINHA

Por GODFRED WINN

EXCLUSIVIDADE DA REVISTA DA SEMANA NO BRASIL

NAS vésperas da partida da Princesa Elizabeth em companhia de seu espôso, o Duque de Edinburgo para suas interrompidas férias em Kenya, eu estava tomando chá com a governanta, no Castelo de Windsor.

Mrs. Bruce é uma escocesa, como o é a Rainha-Mãe e tem estado a serviço da Família Real durante tantos anos, que não causa surprêsa ver-se em seus aposentos filas de fotografias e lembranças referentes à então Princesa Elizabeth, desde os dias em que ela era apenas uma garotinha nos braços de sua mãe.

Mais tarde Mrs. Bruce me conduziu a uma tôrre privada nos reais apartamentos, sabendo eu então que ali funcionava a escola das crianças durante os anos da guerra.

Havia então pó por todos os lados e fantasmas em tôda parte. Minha cicerone foi-me dizendo na sua voz macia de verdadeira filha da Escócia: Guardo muitas lembranças daqueles dias; mas uma houve que será sempre a mais lembrada e foi quando Sua Majestade falou pelo rádio, na guerra. Depois que ouvi a voz do Rei pelo rádio, corri até aos apartamentos das das Princesas a fim de verificar se tudo estava em ordem para a noite. Eu não poderia saber qual o efeito dessa fala no espírito de Sua Alteza, mas a Princesa, a sorrir-me com aquêle seu sorriso amável e luminoso, me disse:

— "Foi admirável, Mrs. Bruce. Eu não posso ouvir tudo esta noite. Logo que eu der alimento aos cães sairei para o terraço, a fim de pensar sôbre o assunto".

Eu não imaginava, aquela tarde, quando deixava o castelo que, através de séculos, continuava como símbolo da firmeza de nossa monarquia, que, dentro de alguns dias, teria que ver a transformação por que passara aquela criança emocionada anteriormente pela voz do pai, agora elevada ao mais alto grau de suas responsabilidades perante a nação, sucessão de seu pai no trono britânico.

E agora, todos fazem esta pergunta: quando passar o luto, a consternação que envolve a herdeira do trono, que espécie de Rainha será essa moça — pois ela é ainda muito jovem — destinada a ser a quarta soberana da monarquia inglêsa?

Será uma outra Elizabeth cujo reinado inspirou uma nova e firme lealdade à Coroa, um grande movimento de nacionalismo, cerrando fileiras em tôrno da pátria, aumentando nossas conquistas e nossos postos avançados lá fora? Seguirá ela o mesmo exemplo de sua tetravó que deu seu nome à mais próspera das eras de expansão de que há memória na história britânica?

De certo que o reinado de Elizabeth II poderá ter paralelos com o registro de outras Rainhas britânicas do passado, como Anna, por exemplo, que, com a sua figurinha minguada e sofrendo de enfermidades, dificilmente conseguia aparecer a impressionar o povo como se fazia necessário para a concepção perfeita da Realeza diante de seus súditos.

A Inglaterra sempre tem sido feliz com suas Rainhas no poder, e mesmo nos breves doze anos do reinado de Anna, foi das mais fecundas a sua gestão, promovendo a união entre a Inglaterra e a Escócia, introduzindo o sistema do Partido do Govêrno dirigido por um Gabinete e proporcionou a Era Augusta da Literatura que produziu nomes como os de Swift, Defoe, Addison e Pope.

Tinha a Rainha Anna trinta e sete anos quando ocupou o trono em março de 1902

Ainda estava a Rainha Vitória recolhi da aos seus aposentos, quando recebeu, pelo Arcebispo de Canterbury e pelo Lord Chamberlain, a notícia de que ela já era Rainha há quatro horas. Imediatamente mandou ajaezar os cavalos e veio de Windsor para Londres, àquele tempo mais distante do que está hoje a Inglaterra de Kenya, não relativamente à distância geográfica, e sim pela diversidade de comunicações.

Com a Princesa Elizabeth, num segundo soube ela da morte de seu augusto pai, embora estivesse a milhares de milhas de Londres. Ambas essas Rainhas receberam tais notícias quando ainda estavam em seus aposentos, a dormir. Estranha repetição dos caprichos da História.



Entretanto, a mais curiosa coincidência entre a primeira Elizabeth e esta que ocupa hoje o trono inglês, está em que ambas tinham quase a mesma idade. Quando a filha de Henrique VIII e da desgraçada Anna Bolena subiu ao trono, em 1558, estava com 25 anos de idade. Mas reinou tumultuosa e triunfalmente durante quarenta e cinco anos.

Não há mesmo esperanças e encorajamentos nesta comparação, ao saber-se que, quando a nossa primeira Elizabeth subiu ao trono, estavam os inglêses a sofrer sérias dificuldades? Estávamos a suportar várias derrotas no estrangeiro, com a pe[...] de Calais, tendo a França dominado o C[...]nal, seguindo-se a tôdas essas desgraças [...] falência do Tesouro que não suportou o [...]so das despesas de guerras. A Rainha so[...] enfrentar tôdas as dificuldades. Apesar [...] ser mulher, desanimava em face de tan[...] atribulações? Ao contrário. Com suas "[...]las do trono", conseguiu restabelecer a co[...]fiança e os conselheiros se uniram em vo[...]ta da Coroa, prestigiando-a.

A Marinha Real foi restaurada. Home[...] como Drake, Frobisher, Raleigh, Hawki[...] não sòmente apagaram as derrotas da A[...]mada, como abriram para os navios bri[...]nicos uma nova era de riqueza em suas vi[...]gens pelos mares estrangeiros. O comér[...] foi protegido pelos navios de S. Majesta[...] e os comerciantes, encorajados pela se[...]rança marítima, iam cada vez mais al[...]gando a área dos negócios, sem limitar-[...] apenas ao estreito âmbito da Europa.

Em verdade, aquela mulher, no tro[...] restaurou o orgulho nacional, graças à [...] individualidade e ao seu caráter firme. P[...]suía ela o mesmo admirável senso de o[...]timi[...]mo e o mesmo poderá suceder agora co[...] reinado da segunda Elizabeth, pois os [...] súditos estão dispostos a ajudá-la inte[...] e externamente.

Efetivamente, pode-se argumentar [...] as coisas de hoje não podem ser compar[...]das com as do século XVI, quando um [...]berano, se não possuía poder absoluto, [...]nha o direito de escolher seus próprios [...]nistros e recompensar a quantos cump[...] sem o desejo real.

Hoje em dia, porém, o destino da sede [...] Império é o de servir mais aos membros [...] Comunidade do que o de ser servido [...] êles. O Parlamento em nosso país se [...] la pela vontade do povo livremente [...]pressa. E a última coisa que um mona[...] britânico do século XX procuraria, [...] disputar qualquer decisão emanada de [...]toridade constitucional. Ou então insi[...] em reformas vitais e tremendas, como o[...] a primeira Elizabeth.

Muitos cronistas tem reproduzido ne[...] últimos dias as palavras que a nossa [...]nha pronunciou quando de seu 21º an[...]sário natalício, através do rádio da Af[...] do Sul. Ao invés de repetir aquêle disc[...] desejaria fechar estas considerações [...] palavras de uma outra fala que ela [...]nunciou depois de seu casamento, ou[...] ela declarou diante de grande multidã[...] mulheres: "Creio haver grande receio [...] nossa geração, de ser tachada de [...]mida".

Ninguém procura ser isso; mas Eliz[...] II, através de sua educação aprimorada [...] influência de sua personadidade de ve[...]deira e admirável mulher, muito ced[...] prendeu lições que ela pode subminist[...] tôda a nação que tanto a ama e que [...] deseja o bem: ser bom é muito mais d[...] do que ser esperto, ou mesmo bravo.

Uma coisa é certa. O prestígio dess[...] vem que em situações tão trágicas pa[...] mundo foi tão cedo chamada a assum[...] responsabilidades imensas do trono, h[...] conduzi-la à vitória, seja como espôsa, [...]mo mãe, ou como Rainha.

Antes de ser coroada, escreveu a Ra[...] Vitória em seu diário:

"Sinto-me orgulhosa de ser Rainha d[...] nação".

Não tenho a menor dúvida de que e[...] escrevendo por todos nós, quando af[...] por meu turno, sentir igual orgulho d[...] esta segunda Elizabeth como nossa sob[...]na e defensora de nossa fé.

O PEQUENO CONTO

O CAMUNDONGO

GEO WILLIAM



RARLF, o Tristonho. era um dêsses delinqüentes perigosos que são classificados por uma numeração. Portanto, a Polícia designara-o como sendo o "perigo nº 4" da grande cidade. Ralf não ficou muito satisfeito com isso e disse-o pelo telefone ao "pé de chumbo" do pôsto policial. Pretendeu galgar ràpidamente a escada da notoriedade e matou outra meia dúzia de pessoas, indo direitinho para o almejado "nº 1" e, ao mesmo tempo, para Sing-Sing, onde a cadeira elétrica esperava-o ansiosa para fritá-lo com tôdas as regras e requintes.

Aos repórteres dos grandes diários novaiorquinos, com um sorriso "made gangster", dêsses que nas telas dos cinemas celebrizam os artistas especializados em reeditarem as façanhas dos bandidos, declarou:

— Vou mostrar a essa canalha como sabe morrer um genuino criminoso, de alto coturno e escola perfeita! Julgaram que choraria ou imploraria mercê ao ser condenado à cadeira elétrica? Puff! Já vi muito "cara" metido a valente, tremer na hora "H". Eu mesmo liquidei uns pares dêles e vi-os implorar perdão e clemência na hora em que ia estourá-los! Comigo é diferente! Sou o "nº 1" e como número um, sem ver ninguém na minha frente, sentarei cômodamente na poltrona, fazendo ainda melhor figura do que Sacco e Vanzetti. Esperem e verão!

E' preciso, para a comodidade dos leitores, que se saiba da fóbia que o Tristonho tinha de ratos, ratazanas e camundongos. Desde criança sentira terrível aversão por êsses roedores. Pior que qualquer mulherzinha, abria a bôca no mundo tôdas as vêzes que um dêsses animais lhe passava rente. Ao fazer a sua fanfarônica declaração aos jornalistas, nem sequer lembrou dessa sua fraquesa que, seja dito de passagem, irritava-o sobremaneira. Tudo fizera para se livrar dêsse complexo de inferioridade, mas jamais o conseguira.

Os dias foram passando e as manchetes dos jornais, em doses sempre aumentativas, preparavam o espírito público sôbre os últimos momentos do terrível "gangster". Seus admiradores, faziam das declarações do bandido, palestra obrigatória. Êles também blazonavam, de alto e bom som, o valor intrínseco dos "verdadeiros homens".

★

Chegou o dia da execução. Jornalistas e convidados ao triste espetáculo, comprimiam-se na sala onde senhoreava a fatal cadeira. Tinha havido intensa procura de convites para êsse espetáculo macabro. E' que os jornais souberam preparar o ambiente. Os que não puderam entrar, ficaram, formando multidão, pelas adiacências da grande prisão, aguardando o resultado e milhões de ouvintes, atentos, junto aos aparelhos receptores, esperavam a descrição pelo rádio, visto que o governador, pela primeira vez, permitia a instalação de um aparelho transmissor, no local da execução.

Tristonho foi retirado da "Sala da Morte" e iniciou sua derradeira caminhada. Já o "speaker" anunciava todos os pormenores, com voz soturna, apropriada ao momento. Ralf vinha todo risonho, cumprimentando à direita e à esquerda. Era o tal, o colosso, o herói do "bas fond". Para

(Cont. na pág. 48)

A Semana

Alucinação

DIVULGARAM os vespertinos do dia 18 de março, uma notícia de caráter policial que envolve uma pessoa que merecia melhor sorte. Trata-se de um advogado e funcionário público, senhor já beirando os sessenta anos de idade, e que, pelo que se sabe, nunca se vira envolvido em chantagens e atos ilícitos. Nascido em Pernambuco, desde muito residia no Rio, dedicando-se à advocacia, chegando mesmo a ser professor substituto de uma cadeira numa das nossa Escolas de Direito. Pois é sôbre a cabeça encanecida dêsse bacharel que desabam agora as imputações mais deploráveis, envolvendo-o nas rêdes de uma chantagem que só poderia ter sido verdadeira, enxergando-se no fato delituoso, os dedos da alucinação. Tudo é possivel numa época como esta em que vivemos. O custo da vida é um convite permanente à falcatrua, e, depois que se inventou o eufemismo "golpe", a delinquência passou à categoria de "defêsa" pessoal. "Vá no meu golpe", é frase que se ouve a cada instante, desde a ralé mais baixa e desclassificada, até aos mais elevados padrões de nossa sociedade. "Ir no golpe" é fazer negócio de qualquer espécie. Cada um procura seguir aquêle exemplo de velho e sabido inglês, que dizia a seu filho: "Make money, honestly if possible; but make money". Isso, em língua aqui dos tamoios guanabarinos, quer dizer: "Arranje a "gaita", honestamente se fôr possível; mas arranje de qualquer jeito". A fatalidade que destrói uma vida e uma família, num copo de guaraná é um dos mais tristes episódios de nossa sociedade.



Professôres de pesca



DE retôrno ao Ceará, chegaram ao Rio, de avião, vindos de Pôrto Alegre os heróicos jangadeiros nordestinos. Dizem telegramas de S. Paulo que os pescadores das praias de Iracema, fizeram um estágio em Santos, onde foram recebidos e hospedados pelo Serviço de Pesca, ali recebendo lições de como pegar peixe em alto mar. Tudo lhes foi mostrado: rêdes modernas, barcos, muito velozes e seguros, aparelhagem marítima, e, o que não pôde ser ensinado objetivamente, êles viram através de filmes cinematográficos. Contam os telegramas que os jangadeiros cearenses ficaram muito bem impressionados e que, logo que chegarem à sua terra, vão ensinar aos colegas de profissão todos os modernos processos de pesca segundo aprenderam em Santos. Os telegramas, porém, não dizem se êles levam as tais rêdes "Praull", os aparelhos, os projetores de filmes, os barcos a motor... Achamos que isso seria muito útil ao aproveitamento técnico e prático dos pescadores nordestinos. Êles estão habituados às suas jangadas; recebem sol desde o alvorecer ao anoitecer, e sol daqueles de rachar o Pão de Açúcar. Se muito aprenderam em matéria de pescaria moderna, sem que lhes dessem os meios materiais, para que tanta lição? Um bom maquinista precisa de boa locomotiva; um bom agricultor, precisa de boas ferramentas, tratores e sementes, adubos e terras. Ah! Mas agora nos lembramos: os pescadores cearenses fizeram todo êsse esfôrço para pedir médico, escolas e garantias para a venda de seus peixes. Receberam essas coisinhas?

Contra a majoração

UMA senhora tinha um filho menor. O filhinho tinha uma gatinha, e esta quatro bichaninhos ainda de olhos fechados. Quando o garôto foi para o Jardim de Infância, a mamãe pegou nos gatinhos e os matou afogados no tanque de lavar roupa. Quando o menino voltou da escolinha, foi feito ver os gatinhos. Ficou aflito. Sua mamãe lhe explicou: "Meu filhinho, os gatinhos eu os afoguei no tanque". O menino desabou em prantos! Chorou amargamente, desconsoladamente. Sua mamãe o acarinhou, e, chamando o espôso, disse: "Veja fulano como o nosso filhinho tem um coração piedoso! Está inconsolável sòmente porque eu afoguei os gatinhos". Mas o menino explicou, a soluçar: "E' que... eu... queri...a mes...mo a... a... fo...gar êles no... tan...que..." A anedota não diz qual a cara dos pais depois dessa "piedade" infantil; mas, agora no Distrito Federal se está passando um caso que, — valha-nos o Senhor Deus! — talvez seja uma reprodução daquele episódio. A Prefeitura do Distrito Federal autorizou o aumento de passagens em todos os ônibus. Êsses aumentos vão de 50 a 100 por cento. Mas, segundo afirmam os entendidos em coisas de aumentar preços, isso tinha que caber à repartição do Sr. Benjamin Cabello. Sem sua assistência, nenhum preço pode ser aumentado. Ou diminuido. E agora está a COFAP (ex-CCP) a discutir com a Prefeitura. Para anular as majorações? Nada! E' que, como na história do menino dos gatinhos, a COFAP queria ter o prazer de decretar os aumentos, pois o direito dessa nova espécie de "afogamento" em sêco, por lei, cabe a ela...



Em Revista

Jornalistas reprovados



OS cursos de Jornalismo em nossas Faculdades de Filosofia estão, ano a ano, mostrando que a profissão exige qualidades culturais e espirituais que não podem ser ensinadas como sucede nas escolas de Direito, medicina e farmácia. O Jornalismo é também uma Arte. Arte das mais difíceis, ligada à cultura e à inteligência, ao talento do cidadão. Na capital da Bahia acaba de suceder esta coisa sintomática: nos exames do Curso de Jornalimo todos (todos!) os inscritos foram reprovados! Já havia um recorde anterior, quando a reprovação atingiu número elevadíssimo. Êste ano, porém, a derrocada foi toatl: todo mundo recebeu a indesejável "bomba". Eram muitos os que desejavam fazer o curso de jornalismo. Entretanto, sem nenhuma base fundamental para o vestibular, os candidatos foram reprovados. Êsse exemplo, pelo que parece, é único, em nossos institutos de ensino superior. E, segundo dizem as notícias da capital da Bahia, os examinadores foram até condecendentes com os rapazes... Também na Faculdade de Medicina houve reprovações em níveis jámais vistos: de 248 candidatos inscritos, apenas 65 conseguiram passar para o grupo dos calouros. Não resta dúvida. Nos tempos atuais o que se quer é "passar" com colas, amizades e tudo. Não há desejo de estudar, de sobressair nos exames. A mocidade como que já não se entusiasma pelos conquistas da inteligência e da cultura. Tá excessões evidentemente: mas, realmente, se exceções deve haver, seriam em sentido contrário. Que est para acontecer a ste país, se isso continuar assim?

O velho Zé Bezerra

FOI antes do carnaval deste ano. Um carro de chapa não apurada, pegou um sexagenário alí na rua Sacadura Cabral, deixando-o estendido sôbre o calçamento. Populares o socorreram e uma ambulância de Assistência Pública o levou para o ospital do Pronto Socorro. HQuem era? O velho José Bezerra, natural de Pernambuco. Viéra para o Rio em 1951, inetgrando o bloco dos "Vassourinhas", o famoso clube pernambucano exímio no saracoteio do "frevo". Dentre os dançadores dessa coreografia alucinante, estava o velho Zé Bezerra. Êle se exibiu com outros no Teatro João Caetano, muito brincou nas ruas do Rio em pleno carnaval. Era motivo de aplausos vêr-se um velho de barbas a D. Pedro II, tôda coberta com a neve dos anos, a torcer-se, retorcer-se, baixar-se, gingar, cortando jaca, fazendo a tesoura, a chã de barriguinha, o diabo a quatro, com a agilidade de um adolescente! O velho Zé Bezerra é homem de uma têmpera inquebrantável. Sua fama ficou muito conhecida entre os nossos folgações momescos. Um cidadão chegou a convidá-lo para ser professor de frevo em um clube carioca. O seu novo empresário estava louco de vontade que Zé Bezerra ensinasse frevo aos seus amigos e aos associados do bloco. Não sabemos se o velhinho tão parecido com Papai Noel aceitou o convite e ganhou alguns cruzeiros para aliviar-lhe a vida difícil. Êle veio ao Rio com grandes sacrifícios, e aqui continuou sua odisséia. Por fim, aconteceu-lhe a pior de tôdas: alcançado por um automóvel, é derrubado e gravemente ferido o desventurado Zé Bezerra, o "Rei do Frevo" pernambucano! Que teria sido feito dêle?



O caso do IBGE



A comissão nomeada pelo Sr. Presidente da República, a fim de serem apuradas as denúncias do atual presidente do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, acaba de fazer entrega a S. Excelência, de volumoso relatório com as suas conclusões. Até ao escrevermos êste tópico não se sabia qual o resultado a que chegaram os delegados do inquérito. O caso do IBGE, seja qual fôr o final dessa disputa, trouxe aos nossos serviços de estatística e outros correlatos, sérias desarticulações, provocando retardamentos de produção num instituto que, embora muito novo, já vem produzindo muito do que do mesmo se esperava. Alega o atual presidente que muita coisa alí está errada, devendo proceder-se a uma revisão geral de todos os setôres, alterando a distribuição de chefias de seção, barateando o custo das publicações, tornando o IBGE um órgão mais eficiente e mais econômico. Não queremos, nem podemos, evidentemente, entrar no mérito dessa questão; apenas lamentamos que o IBGE viésse a sofrer êsse hiato tão prejudicial no ritmo de sua atividade construtiva. Se, depois de tudo isso, conseguir o seu presidente em exercício, afastar o que estivéra errado metodizar mais eficientemente a marcha dos serviços, fazer economias, etc., está a nação de parabéns. Mas, se depois de tanta discussão, de tanta contrariedade de parte a parte das duas correntes em choque, de todo o esfôrço de uma comissão de homens sabidamente probos e competentes, ficar apurado que não havia razão para tamanho alvorôço? Vamos, porém, esperar mais alguns dias.

A PERSONAGEM DA SEMANA


Gen. Zenóbio da Costa

A atitude assumida pelo General Zenóbio da Costa, comandante da 1ª Região Militar, que enviou, em carta endereçada ao Presidente da República, sua demissão das importantes funções que exercia, na sede do principal comando de armas do país, prende-se à crise militar em curso. Desde meses atrás essa crise, que apresenta remissões e avanços, preocupa as altas esferas da política federal, as classes armadas e a consciência civil da nação. O Clube Militar tem sido a cena em que se refletem seus aspectos mais agudos. No tradicional grêmio em que já se ergueram as vozes do patriotismo dos fundadores da República sua revista oficial foi acusada de veicular idéias contrárias às mais altas conveniências da pátria. A direção da «Revista do Clube Militar» foi por isso modificada, seudi retor transferido para outro ponto do país, mas as providências, ou hesitantes ou extemporâneas, tomadas com relação ao fato, não bastaram para restabelecer a tranqüilidade no seio da oficialidade de terra. Paralelo aos fatos notórios de que se tem ocupado a imprensa, visíveis a ôlho desarmado, foi noticiado que algo mais grave se processava em esferas menos perceptíveis para o grande público: uma tarefa de caráter sedicioso, executada por elementos comunistas agindo por ordem ou inspiração de Moscou, minava lentamente a consciência dos inferiores do Exército e estendia sua trama até à corporação dos sargentos. Êsse o motivo da decisão tomada pelo General Zenóbio da Costa, que explicou ao Presidente da República não dispor de bastante autoridade para desarticular a conspiração, que estaria bafejada pela indecisão de autoridades mais responsáveis que êle próprio. Diversas prisões foram efetuadas pelo serviço secreto do Exército. O Sr. Ministro da Guerra não deu declarações e o General Zenóbio falou ligeiramente a respeito. De um modo geral, o ambiente em tôrno do caso foi reservado e discreto. A crise teve como desfecho a substituição do Ministro da Guerra e do Comandante da 1ª Região Militar.

QUER SER ESCRITOR?
Inscreva-se no CURSO DE LITERATURA, ESTILÍSTICA E PORTUGUÊS por correspondência, sob a direção de RENATO DE ALENCAR — Cartas para: Av. Rio Branco, 117 — sala 305, para remessa do programa e bases do Curso.

Homens que trabalham

Se V. S. sofre de prisão de ventre e esqueceu-se de tomar Ventre-Livre ontem à noite, antes de dormir, não esqueça hoje.

Tome uma dose de Ventre-Livre hoje à noite, antes de ir para a cama, que amanhã passará o dia bem e trabalhará com prazer.

Os homens ativos, que trabalham com afinco, devem cuidar especialmente da saúde, pois precisam ter o estômago, os intestinos, o fígado, enfim todos os órgãos, e também os nervos, em bom estado, para conservar as suas energias.

A prisão de ventre intoxica o organismo, abate as fôrças e, por conseguinte, diminui a capacidade de trabalho.

Combata a prisão de ventre sem perda de tempo, usando Ventre-Livre.

Ventre-Livre tonifica as camadas musculares do estômago e intestinos e limpa os das substâncias infectadas e fermentações tóxicas, verdadeiros venenos, que perturbam as funções de todos os órgãos e causam tão grande mal aos nervos.

Tome Ventre-Livre hoje, à noite

• • •

Lembre se sempre: Ventre-Livre não é purgante

• • •

Tenha sempre em casa alguns vidros de Ventre-Livre

BUENOS AIRES

SUBÚRBIO CARIOCA

40 MIL BRASILEIROS GASTAM 400 MILHÕES DE CRUZEIROS NO COMÉRCIO DA CAPITAL ARGENTINA

Por A. MARCANTI



Buenos Aires, março.

ENTRE 30 e 40 mil brasileiros constituem desde muitos mezes uma população flutuante, mas permanente, na capital argentina. Êsse o cálculo que fazem as pessoas que daqui regressam, impressionados com o número de conterrâneos que encontram nos lugares de diversão, acotovelam nas lojas e com que cruzam na rua.

O relatório do chefe do Polícia do Distrito Federal vem confirmar êsses cálculos, informando que, no ano de 1951, 25.000 pessoas, que se destinavam temporàriamente a Buenos Aires, registraram seus passaportes naquela repartição. Considere-se depois de tal informação, que muitas pessoas podem viajar legalmente sem aquêle registro; que muitas outras, especialmente entre as populações da fronteira, atravessam ilegalmente para o Uruguai e para Corrientes, seguindo depois para Buenos Aires; considere-se, por fim, que êste ano aumentou sensìvelmente o número dos que deixam o Brasil com aquêle destino e veja se já não andam em 40.000 os brasileiros que são hóspedes da capital platina.

De regresso ao país os brasileiros mostram-se encantados com três coisas principalmente: a comida barata e abundante; o preço dos artigos de vestuário; e, por fim, com a cortezia do povo e das autoridades. Vai sem dizer que a das últimas só se faz sentir quando o turista não mete o bedelho em assunto político. Se começa a criticar Perón ou Evita, de público, é imediatamente acampanado pela polícia política. Se insiste, fazem-no logo sentir a conveniência de deixar o país.

Com tal afluxo de interêsse por Buenos Aires não há companhia de turismo ou de navegação que não tenha organização e não continui a organizar excursões coletivas a Buenos Aires. As tabelas são organizadas para tôdas as bôlsas, possibilitando a viagem do médico de boa clínica e do funcionário letra E. Com mais ou menos confôrto qualquer um pode embarcar. Com maior ou menor permanência no destino todos podem conhecer Buenos Aires, passeio que hoje custa menos do que uma simples estação de águas em Caxambu. De fato, com pouco mais de 4 mil cruzeiros o brasileiro salta na capital argentina e aqui passa seis dias sem outra qualquer despêsa obrigatória, se sair do Rio de Janeiro. Se vier do Norte, há de custar-lhe mais; e ainda menos, se tomar o avião em Curitiba ou Pôrto Alegre.

Buenos Aires está transformada, pràticamente, em um subúrbio carioca. "Vou ali e já volto", diz o habitante do Rio, que é a cidade de onde partem as maiores levas de turistas com destino ao Prata.

★

QUAL a atração principal que oferece Buenos Aires ao brasileiro, justo num momento em que a capital argentina vive sob a opressão de uma ditadura que asfixia todo pensamento e tôda liberdade?

Será fácil fixar essa atração se soubermos que o pêso argentino, que até alguns anos atrás custava cinco cruzeiros, vive hoje entre Cr$ 1,20 e Cr$ 1,50. A depreciação crescente da moeda argentina representa uma facilidade e um atrativo para compras que prodem ser realizadas em Buenos Aires e saem por quatro e cinco vêzes menos o preço que valeriam no Rio de Janeiro. Grande número de artigos de comércio são lá baratíssimos para quem levou cruzeiros e os transformou em pesos. O fato de os viajantes darem preferência a artigos de vestuário responde a conveniências de ordem alfandegária, pois é mais fácil levar de volta roupas, como bagagem, do que qualquer outra mercadoria. Artigos que não sejam de vestuário estão mais fàcilmente sujeitos ao ôlho e à implnacável tributação dos funcionários da aduana.

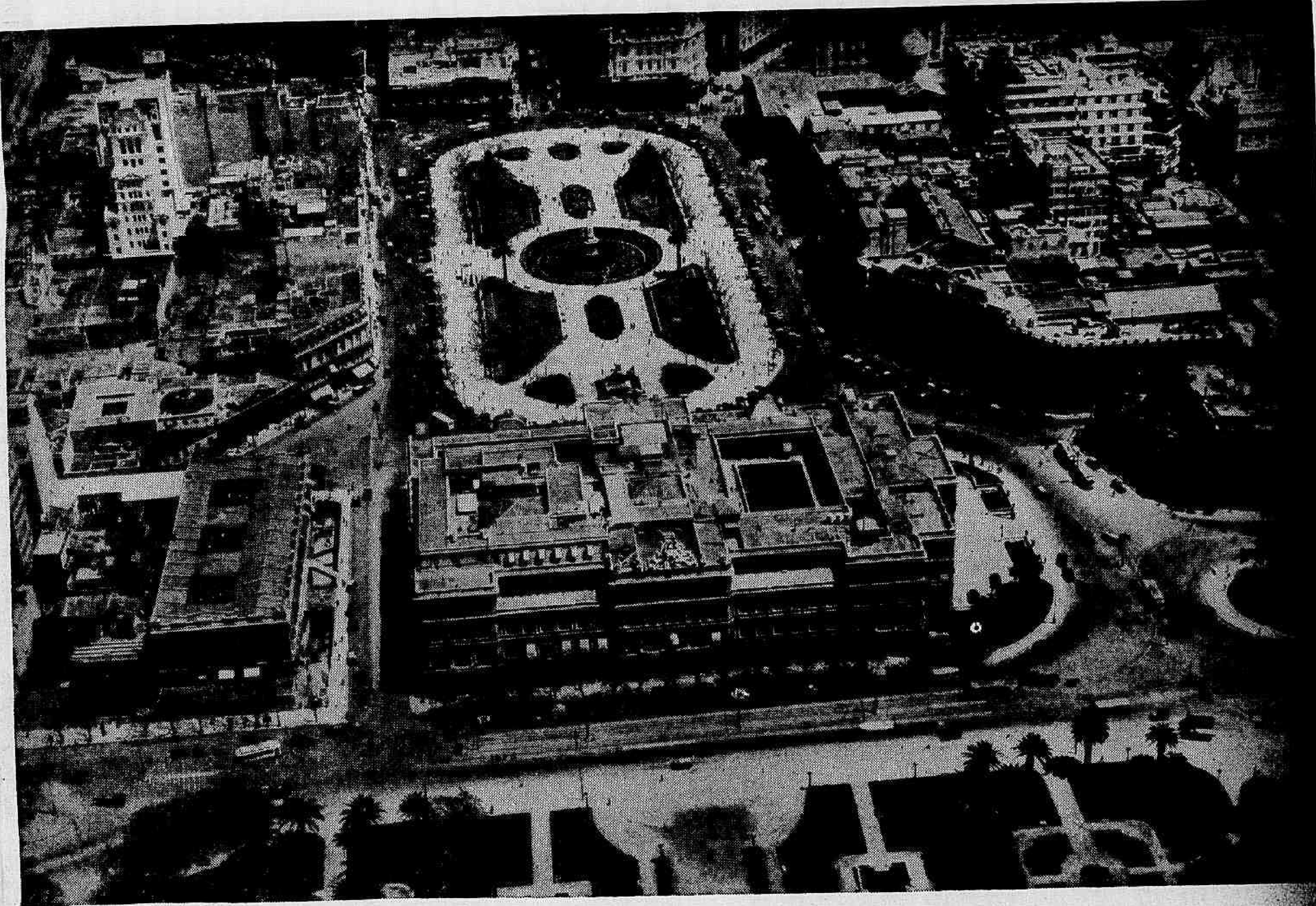
Não há homem que não volte com cortes de casimira, camisas de sêda e sapatos ou chapéus adquiridos nas lojas portenhas. Não há mulher que regresse sem casacos de diferentes tecidos, ou de pele, sem sapatos novos e bôlsas de crocodilo. Um e outro não deixa de trazer também valises, adquiridas a preços que chegam a parecer brincadeira.

Êsse é o lado prático da excursão, ao qual se juntam, naturalmente, todos os encantos que uma grande cidade cosmopolita pode oferecer. Os passeios citadinos, as boites de luxo, os teatros, as bibliotecas, os museus, as conferências, uma excursão à vizinha cidade de La Plata transformam a viagem agradável e instrutivo recreio do espírito.

★

AS recentes restrições no consumo da carne, na Argentina, têm sido objeto de pilhérias com os brasileiros que daqui se encontram. Os bifes servidos até pouco tempo nos seus restaurantes, altos, macios, apetitosos, a baixo preço, constituiam talvez o maior regalo dos turistas. O brasileiro, carnívoro por tradição, que come hoje, em sua terra, uma carne que parece sola de sapato afferventada, podia saciar sua fome de carne em Buenos Aires. Já não pode fazê-lo com igual facilidade, pois a carne começa a faltar também na Argentina, determinando a piora do produto que aparece a preços mais elevados. Como se tornara famoso o apetite carnívoro dos brasileiros, que iam para os restaurantes devorar quilos de carne sangrenta, um portenho recentemente observou a um conhecido brasileiro: "Ustedes liquidaram com a nossa carne. Agora temos direito a ir laçar uma boiada no Rio Grande..."

Com os passeios, os bifes, as compras nas lojas, cada brasileiro, em média, gasta 10 mil cruzeiros. Assim, com 40 mil brasileiros em Buenos Aires, são 400 milhões de cruzeiros que circulam na praça, injeção de dinheiro que faz bem à saúde do país. Agradeça Peron ao Brasil essa ajuda que nada lhe custa, mais interessante que o empréstimo que vem pleiteando do nosso Govêrno.



Uma grande cidade latina fotografada num detalhe que mostra seu coração: o Palácio do Govêrno, conhecido por Casa Rosada entre os argentinos, que aparece no primeiro plano, exibindo sua imponente e atrativa arquitetura. Peron domina a Argentina por trás das janelas dêsse palácio, de onde tudo vê e tudo sabe.





Essa coluna (ao alto) era um simples e belo ornato arquitetônico no centro de Buenos Aires; mas foi posta a serviço exclusivo do "justicialismo" e do casal reinante na Argentina.

Maria Eva Duarte era um nome que figurava nos programas de "broadcasting". Isso, antigamente. Hoje, porém, Maria Eva Duarte de Peron aparece em todos os cantos da capital.

BUENOS AIRES — SUBÚRBIO CARIOCA







Docas de Buenos Aires, (ao alto) na bôca do Rio da Prata. Rio da penetração e da conquista, em outros tempos; hoje é, apenas, o rio do perigo e da inquietação.

A série de fotos em quadro, que vemos à direita, mostra um grupo de turistas brasileiros visitando a Catedral de Lujan e gozando as delícias da boite "Embassy".

Os encantos da grande metrópole do Prata são oferecidos aos estrangeiros por preços convidativos, pelas agências de turismo. Eis as ofertas do ano corrente.

10 DIAS em BUENOS AIRES

PROGRAMA

1º DIA - Embarque no RIO DE JANEIRO, em confortavel avião BOAC 4ª e 6ª feiras
Chegada a MONTEVIDEO. Condução ao Hotel.

2º DIA - Passeio pela cidade, visitando o Palacio Legislativo, monumento a la Carreta, praias até Carrasco, etc.
a noite - Condução ao porto e embarque pelo vapor da Companhia DODERO.

3º DIA - Chegada a BUENOS AIRES. Condução ao Hotel.

4º DIA - Durante a estadia em BUENOS AIRES serão realisados os seguintes passeios:
CIDADE - percorrendo as suas principais Avenidas e belos Parques Palermo, Rosedal, Jardin Zoologico, Casa de San Martin, Estadium do River Plate, etc.

até EL TIGRE - Excursão a EL TIGRE, com pitoresco passeio de lancha por El Delta del Parana, Rio Lujan, Rio Capitan, etc.
Almoço no Hotel de El Tigre.
LA PLATA - Excursão a cidade de LA PLATA - Calle 7 - Bosque - Observatorio Astronomico, visita do Museo e da Nova Catedral.

12º DIA

13º DIA - Condução ao Aeroporto e embarque em confortavel avião de regresso.
Escala em MONTEVIDEO.
Chegada ao RIO DE JANEIRO.

***** FIM da EXCURSÃO *****

PREÇOS:

Em quartos de 2 pessôas .... Cr$ 6.700,00

Em quarto de solteiro .... Cr$ 7.200,00

*****



No País dos Carajás

LENDAS E MISTÉRIOS DO RIO ARAGUAIA

Texto e fotos de NILO VELOSO

A LENDA DO OURO DA SERRA DOS MARTÍRIOS ★ UMA CARTA DO BANDEIRANTE BARTOLOMEU DE GUSMÃO AO CAPITÃO-GENERAL DE GOIÁS ★ A NAÇÃO CARAJÁ, DAS MARGENS DO RIO ARAGUAIA, QUE TEVE ORIGEM NUM PEIXE ★ EXÍMIOS PESCADORES, NADADORES E CAÇADORES

O ouro e as pedras preciosas foram a alavanca poderosa que mobilizou homens e mulheres formando as chamadas Bandeiras. Umas partindo de São Paulo penetraram no Estado de Goiás e atingiram os pontos mais distantes do litoral. Homens de fibra de aço, nem as intempéries nem os próprios silvícolas os detiveram. Deixaram porém para a pos'eridade roteiros que nos levam a um país de sonho e riquezas sem limites, a exemplo dêste:

Ilmo. e Exmo. Sr. Tristão da Cunha — Capitão-General de Goiás. — Meu senhor. Participou-me Alexandre Bueno que V. Excia. me honrava em mandar remetesse o roteiro dos Martírios, que existe na Capital de V. Excia., comarca de Goiás, que, por ser tão dilatada cujo guião principia no Rio Vermelho desta jornada, cercada de perigos e de inundações do Rio Araguaia, consta pela antiguidade terem transitado duas Bandeiras mui populosas, e delas nunca se escutarem mais notícias, supondo-se que tenham morrido afogados nos alagadiços do Araguaia. (...) aí permanecem os Martírios em pedra jaspetão burnida, que se miram nêle os objetos, como um espelho, cuja altura à prumo é a de dois pinheiros e o comprimento que se estende pela ribanceira do Rio é de uma légua. No teto, então, estão pintados os Martírios, de carmin, côr da mesma pedra, aonde se não pôde chegar, por formar um torrão muito a prumo.

O rio banha o paredão, onde estão esculpidos os Martírios. Defronte dêles existe uma bola, como de jogar, maciça, de ouro, onde alcançou uma da comitiva de meu avô (...) Se V. Excia., nascido para coisas grandes e para ser alvo da inveja dos maiores aumentos, quiser mandar descobrir, abona afirmativamente a felicidade de V. Excia. que o há de conseguir. Deus dilate a vida de V. Excia., pois que a emprega em obras tão meritórias. Corumbá, 13 de junho de 1799 — (a) Bartolomeu Bueno de Campos Leme e Gusmão.

A lenda dos Martírios chegou até nós. O homem de hoje busca o ouro com a mesma avidez com que seus irmãos pré-históricos buscavam a caça e a pesca. Contudo os Martírios permanecem envoltos em mistério. E' lá no fundo dêste cenário, é lá no coração do Brasil, que vamos encontrar o lendário rio Araguaia, onde vivem os INAN, os belos indios chamados, também de CARAJÁS, que, apesar do homem civilizado vir se acercando mais e mais de suas tabas, desde as Bandeiras, resistem à civilização e conservam seus costumes, tradições e lendas.

Pensam e contam êstes indios que "no começo do mundo os Carajás eram Aruanã um peixe do Araguaia. Um dia, no lugar chamado Furo da Pedra, cinco léguas abaixo da Barra do Itapirapés, uma Aruanã saiu por um buraco existente até hoje naquele lugar e chegou à praia. Gostou muito. Achou o mundo bonito. Voltou às águas e foi levar as notícias da descoberta aos outros Aruanãs Todos quiseram, então, ver o mundo. Sairam pelo lugar descoberto pelo primeiro peixe e, chegando à praia, passearam muito. Caçaram, comeram frutas e mel de Tiúba. Misturaram milho, arroz, cará, aipim, e inventaram o Calogi de que muito gostaram.

Depois dormiram a sesta. Quando acordaram quiseram voltar à água. Não mais acertaram o caminho. Tiveram que ficar fora da água. Em vista disso transformaram-se en gente. Construiram casas. Fizeram canoas Plantaram roças. Por isso, até hoje os Carajá são moradores da região do Araguaia, e vivem tanto no rio como em suas margens."

São os Carajás tipos de acentuados caracteres mongolóide com tez bronzeada e cabelos pretos e compridos extremamente lisos. São exímios nadadores, e excelentes caçadores e pescadores.

Na época das chuvas, quando o rio Araguaia invade tudo, tomando o aspecto de um grande oceano, vêem-se espelhadas, naquela imensidão de águas, pequenas ilhas onde os animais selvagens se refugiam. Os indios, armados de arcos flexas e suas bordunas (pedaços de madeira duríssima), os ataca, chegando mesmo a abater a perigosa onça a bordunadas. Contou-me um chefe Carajá (Téoro) que certo dia uma onça pintada pegou um de seus cachorrinhos que gritava muito e êle, penalizado, aproximou-se do felino e deu-lhe segura e forte pancada no nariz com a borduna. A onça soltou a prêsa e retirou-se.

E' comum a caça ao porco do mato — o terrível queixada — a "borduna", sendo que na época das cheias o Rio Araguaia facilita a vida do indio, pois se reúnem, em pequenos espaços de terra, bandos de trezentos e mais animais.

Os Carajás retiram do genipapo e do urucum as tintas com que ornamentam seus corpos para as festas. Entre suas danças se destaca o "aruanã", que é uma dança coletiva acompanhada de lamentoso canto. Tem indumentária própria tecida com a fibra do buriti. As mulheres no entanto se apresentam quase despidas. Esta dança é vedada às mulheres estranhas ao ritual. Traz, segundo a lenda, a infelicidade da mulher que a assiste.

Constroem uma casa de palha a que chamam de "Casa do Bicho" ou casa de "Aruanã". E' aí que os Carajás se vestem sem serem vistos, pois uma vez vestidos para a dança não devem ser reconhecidos. Se lhes falta comida na "Casa do Bicho", um indio vestido de *Iê tê-kê*, vai à aldeia e, de maloca em maloca, colhe o necessário para que não falte alimento aos que estão tomando parte nas festas. A dança é acompanhada e marcada pelo maracá e consta de um bailado em que o homem procura envolver as mulheres, enquanto estas se esquivam. Um leve passar das pontas dos dedos no ventre faz parte da figuração feminina.

Tomam parte no "Aruanã" as jovens noivas ou que esperam ser em breve escolhidas pelos moços da tribo.

No dia do casamento de uma jovem Carajá o Capitão e os pais dos noivos, reúnem tôda a tribo. As noivas ostentam ricos enfeites de penas e todo o corpo se acha pintado com os mais variados desenhos. Em uma estrada de mais de meio quilômetro se estendem duas alas de indios. O noivo e a noiva são conduzidos por seus pais até perto do Capitão. Vem agora a grande prova, em que o noivo deve dar mostras de sua fôrça e capacidade para nutrir uma familia.

Levanta agora, o noivo, um toro de madeira formado por pedaços de buriti pesadíssimo e inicia a corrida pela estrada. Os gritos estrugem de todos os lados e êle tem que chegar ao fim da estrada, dar volta em corrida regular e sem cair, do contrário o casamento fica adiado até que, por crescimento de fôrça e agilidade, o possa fazer e merecer então o lugar de chefe de familia. Esta cerimônia indica que o marido deve ser bastante forte para defender a espôsa e, se necessário, transportá-la levando-a sôbre os ombros.

O casamento entre os Carajás não é eterno. As suas leis permitem o divórcio. Já pela infidelidade da espôsa, já pela mesma falta cometida pelo marido (sendo que com êstes as espôsas são mais tolerantes, uma vez que se afastam com freqüência e por muito tempo de casa, em suas caçadas e na pesca). Também pela incompatibilidade de gênio ou por tédio conjugal. Mas, quando a mulher é abandonada pelo marido, principalmente em caso de infidelidade conjugal, é considerada "perdida". Quando uma mulher Carajá se divorcia fica com os filhos e em caso de novas núpcias os filhos serão tratados como se fôssem de seu novo marido. Se com o decorrer dos anos vier a voltar ao seu primitivo espôso e tiver filhos do seu segundo casamento, tôda a prole passa ao encargo do primeiro espôso, que trata a tôdas as crianças com o mesmo carinho e desvêlo. Que a consciência do homem civilizado deixe que os Carajás vivam em paz com a própria natureza, reconhecendo seus direitos incontestes às terras em que viveram os seus antepassados, e que há milhares de anos escuta os sons de seus maracás.



O FUNDO DE BANANEIRAS empresta uma adequada côr local a esta cena, que mostra duas jovens carajás a caminho do local da dança, podendo-se observar os adereços e pinturas que levam no corpo. A índia da frente ondulou artificialmente os seus negros cabelos escorridos.









NO ALTO e em baixo da série, tomado em diferentes distâncias, um detalhe do encontro dos dançarinos dos dois sexos. Ao centro, o lê-tè-kê — o bicho da dança "Aruanã", que recolhe alimentos para ofertar aos dançarinos. A direita, uma jovem noiva da tribo Carajá, tomando parte no "Aruanã"





MENINO ÍNDIO assistindo à dança ritual, todo enfeitado para a cerimônia, como os adultos. No outro lado, homens carajás na "Aruanã".





UM MESMO detalhe da dança "Aruanã", colhido com maior e menor proximidade, mostrando duas índias carajás que tomaram parte na mesma.





VÊEM-SE, NAS fotos maiores, duas fases da dança "Aruanã". No quadro aparece um menino carajá, exibindo a pintura ornamental e os adereços que trazia por ocasião da cerimônia.



RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

MARY BALLARD, órfã de pai e mãe, vivia em grande casa acastelada em companhia de suas tias Frances e Isabelle. Para fazer face às despesas, ela resolvera, à revelia das tias, alugar um dos cômodos a um senhor funcionário público, que vivia só. No dia do casamento de sua irmã Constante, Mary foi mostrar o apartamento na «Câmara da Tôrre», sendo fechado o negócio. O casamento de sua irmã mais velha deixou Mary desalentada, ficando apenas com seu irmão Barry, mais jovem que ela. Dentre os que pretendiam a mão de Mary havia um moço rico, de nome Porter Bigelow, mas que não era correspondido por ela. Porter tudo fazia para atraí-la; mas Mary não cedia, razão por que lhe pôs o apelido de Mary Rebelde. O inquilino da casa, Roger Poole, começou a apaixonar-se por Mary, em silêncio. Numa festa do «Dia de Graça», êle apareceu na reunião íntima, integrando a festa como um dos convidados, além das pessoas da família. Nessa ocasião declamou um poema e se tornou o centro de tôdas as atenções. Mary ficou encantada; mas não dava nenhuma demonstração de estar apaixonada por êle. Uma das tias de Mary, Isabela, solteirona e muito surda, tinha confidências com a sobrinha, e se mostrou interessada no casamento da moça com Porter. Na noite do Natal novamente foi convidado, mas Roger não aceitou. Mary o convidou para a Missa do Galo, e novamente êle declinou, agradecido, do convite. Houve uma árvore de Natal e um mundo de presentes. Roger sentia aumentar sua paixão para com Mary, mas não se achava com coragem para declarar-se. A diferença de idade era um entrave. Depois do Natal estava sòzinho em seu apartamento, com a gatinha Pittiwitz ao colo, quando lia um livro, quando Mary pediu licença e entrou. Roger ouviu dela, então, uma novidade sensacional: Mary desejava ser estenógrafa, trabalhar num dos Ministérios. E fôra ouvir a opinião de Roger. Mas o inquilino era de opinião que ela devia casar-se, dedicar-se ao lar e não ficar arquivada numa repartição pública. Mary estava sèriamente preocupada com a ausência de Barry, e quando soube que um dos seus companheiros de farra era Jerry Tuckerman, ainda mais preocupada ficou. Roger se ofereceu para telefonar para o Country Club, procurando comunicar-se com o irmão de Mary. Esta aceitou; mas quando Roger ia telefonar, chegou Barry, descendo Mary para recebê-lo. Levou-o ao seu dormitório e ficou a meditar do lado de fora, sôbre certas atitudes de seu irmão. Roger a viu assim, lá de cima, e adivinhou o quanto aquela moça estimava o irmão mais moço. Leila e Delilah foram com Porter, Mary e o general Dick assistir a um exercício de cavalaria e evoluções de artilharia. Quando Barry se encontrou a sós com Leila, declara seu amor. Entretanto, a moça, que havia descoberto em casa de Delilah uma fotografia dêle com dedicatória amorosa, mostra-se decepcionada e confessa sua desilusão. Mas Barry lhe explica que a fotografia fôra enviada a ela e não à outra. Por engano de uma empregada nova é que se deu a confusão. Leila se enche de alegria. Mas o amor entre ambos é coisa secreta. Barry, porém, revela-o à irmã Mary, e esta procura Roger Poole para ouvir sua opinião, mas sem esclarecer de quem se tratava. Roger se oferece para ir buscar Barry, que está ausente de casa e do trabalho, sem ter dito nada a ninguém. Mary não sabe como agradecer tanta gentileza de Roger Poole. Êste vai «descobrir» o fugitivo, que está ao lado de sua doce amada, Leila, numa praia de banho, em companhia do general, seu pai. Roger leva Barry para passar uns dias no campo antes de trazê-lo de volta. E lhe dá conselhos muito úteis. Em setembro todo mundo volta a Washington, inclusive Porter Bigelow. A irmã de Mary também volta com seu espôso, Gordon. Então êste reconhece em Roger Poole um antigo colega de colégio. Roger confessa que se dedicara à vida religiosa, tendo dirigido uma igreja evangélica; mas depois abandonara as ordens. Roger acha que terá que confessar a Mary êsse episódio de sua vida, antes que lhe fôsse narrado pelo seu cunhado: Está naquela mesma noite a contar a sua história quando Porter Bigelow intervém e convida Mary para, com outras pessoas da família, darem um passeio de carro. Chama Roger, mas êste agradece e não aceita. Mary não esconde o seu desapontamento. Mas sorri para Poole e lhe diz que, noutra ocasião, ouvirá o resto da história. Não tendo sido possivel contar a Mary a sua história, resolveu escrever-lhe uma carta. Depois que Mary leu a carta de Poole, vestiu-se e saiu, dizendo à irmã Constance que ia fazer compras, experimentar vestidos e pagar algumas visitas. Mas, em verdade, foi ajoelhar-se na igreja que freqüentava desde sua infância. Ali está em meditação durante largo tempo, pensando na carta de seu inquilino. Mary convidou Roger Poole para tomar chá em sua companhia, mas êles dois a sós. Ali, entre lírios olorosos e num ambiente romântico, conversaram durante mais de uma hora. Mary conduziu a palestra no sentido de Roger voltar às suas funções como pastor de uma igreja. Mas êle parecia resistir, embora estivesse adorando as sugestões e a fôrça de fé que a jovem possuía. Logo que chegaram outras pessoas, êle quis retirar-se, mas Mary pediu que ficasse. E quem mais sentiu o impacto foi Porter Bigelow. Quando Mary procurava encher de álcool o fogareiro para fazer mais chá, êste incendia e as chamas ameaçam queimá-la. Há gritos e corre-corre. Mas quem a salva em tempo é Roger Poole, que, num segundo, abafa, apagando as labaredas. Mary teve apenas os cabelos chamuscados num cacho ao lado direito e rendas destruídas, de seu vestido. O problema de Barry vem à baila e ela discute o assunto com seu cunhado Gordon, o qual não parece aprovar os amores do rapaz com Leila. Por sua vez, Mary percebe que Gordon não via com bons olhos qualquer tentativa de Roger para entrar na família, casando-se com Mary. A jovem, se bem que não esteja apaixonada como o inquilino, parecia querer ajudá-lo a sair daquele isolamento. A carta de Roger a Mary terminava comunicando que descobrira, numa família de camponeses, um menino de grande vivacidade, embora analfabeto, e que iria ser instruído por êle. Em casa de Mary a situação se inclinava para separar Barry de Leila. Gordon propusera levá-lo para Londres, onde lhe daria emprêgo. Apesar de ter concordado com sua viagem para a Europa, Barry ilude a vigilância dos seus e foge com Leila, casando-se com ela. Leila também finge que vai passar uns dias em casa de uma amiga em cidade próxima a Washington, engana o pai e se une com Barry, mantendo o caso em segrêdo, até que o jovem faça a confissão sensacional ao general seu sogro. Barry estava arrependido do passo que dera e procurava agora conseguir que sua espôsa permitisse que êle fôsse embora com Gordon, mas guardando o segrêdo de seu casamento clandestino. Quando êle voltasse, então, tudo seria revelado e se uniriam. Leila estava repassada de paixão e cai nos braços de seu pai, que não pode adivinhar o que está acontecendo. Nesse ínterim, Constance dá à luz uma menina e estão todos da familia e demais pessoas íntimas reunidos no castelo de Mary para o batizado. Naquele dia do batizado da filha de Constance, Mary resolveu falar a Porter sôbre a carta que recebera de Roger. No jardim, ela lha entregou, e Porter ficou consternado diante da fugidia esperança que ainda alimentava de casar-se com ela. A revelação de Mary, ao jantar, diante de todos da família e de pessoas de intimidade, causou estupefacção. Tia Frances e Porter Bigelow foram os que mais se mostraram indignados com os propósitos da moça de trabalhar como estenógrafa no Ministério das Finanças, e Gordon não ocultava sua contrariedade. Na noite que se seguiu ao batizado da filha de Constance, Delilah levou Porter para tomar chá com ela e ali contou como iniciara relações de amizade com o seu hoje amigo íntimo, Colin Quale, exímio desenhista de modas femininas.

— Então, como já lhe disse, entramos naquele compartimento. Êle puxou para mim uma cadeira de tal modo que, ao sentar-me, fiquei mesmo em frente ao espelho. Lembro-me de que olhei para mim através do cristal, com uma certa complacência, pois que, aos meus olhos, meu aspecto não podia ser mais atraente. Minha cabeça envôlta naquele penteado de ouro, era o toque final da perfeição.

Dizendo isso ela começou a rir, como se recordasse o episódio nos seus menores detalhes, e Porter também se mostrava muito interessado e achando graça na narrativa. Delilah possuía a mais fria maneira de expor o "processus" de seus pensamentos e de esvaziar seu coração diante de todo o mundo. E prosseguiu:

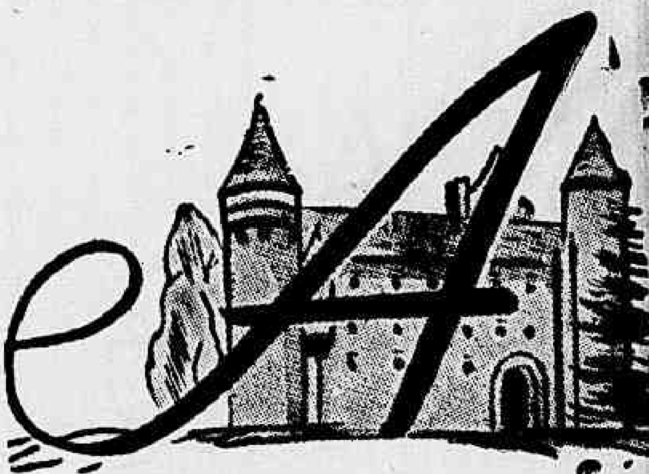
— Quando eu estava a mirar-me ao espelho, notei que aquêle homenzinho louro me estudava. Outros homens me haviam olhado; mas nenhum com aquêle olhar frio, calculista. E quando êle me falou eu me senti suspensa. Sua voz era enérgica, incisiva.

— Retire isto, ordena. E tocou na gaze que envolvia os meus cabelos. Eu me senti como que sem respiração. Mas, passado o primeiro momento, readquiri minha presença de espírito, e procurei não obedecer às suas ordens; mas o homenzinho não pareceu ligar muito à minha vontade. E foi-me dizendo: "Suponho, miss Jeliffe, que a senhora sabe que eu sou um artista. Desde o momento em que a senhora entrou no salão de baile, não tive mais um só instante de descanso. A senhora está menosprezando o seu tipo, e isso me causa muita pena. E' como se estivesse a ver um quadro mal pintado, uma coisa que nos causa aborrecimento". Sabe o amigo o efeito que me causou ao ser tratada como uma "palhaçada" por um homem como aquêle? Senti-me como que sentada em brasas, com o corpo inteiro a comichar-me, com o espírito inquieto. E o interroguei: — "Por que diz isso?". Minha inflexão de voz era a de que estava com medo, a balbuciar. E êle justificou. "As mulheres como a senhora pertencem ao tipo majestoso, aristocrático. Pode ser uma grande dama, uma duquesa; mas, como está, tem o aspecto de quê?... De uma criatura exótica, sem definição social, agravando tudo isso um chapéu horroroso e inestético! Tira isso!". Então repliquei quase a chorar: "Não posso tirá-lo! Se o fizer os meus cabelos ficarão num desalinho penoso! Mas o homem estava mesmo decidido a intervir na minha moda e rugiu: "Não tem nenhuma importância, pois nada há pior do que o que vemos aí. Eu quero ver a côr de seus cabelos. Vamos, retire isso". E eu retirei. Minha cabeleira estava achatada de encontro ao crânio. Ao olhar-me ao espelho senti vontade de rir de meu salvador. Mas Colin Quale estava solene como um juiz.

— Ah! — diz Colin — eu bem sabia que a senhora possuía boa cabeleira.

Delilah prossegue: depois, tomou do écharpe e o colocou em tôrno de minhas espáduas. Espalhou meus cabelos e, cuidadosamente, deu-lhes novo penteado. Puxou para diante de mim uma pequenina mesa e colocou entre meus braços um buquê de rosas, exclamando: "Agora, olhe-se ao espelho!"

Obedeci-lhe e olhei para mim. Jamais imaginei em minha vida que fôsse assim. O écharpe e a mesinha dissimulavam o menor traço daquele vestido de Paris, não mostrando mais que um pouco do pescoço branco. Com os meus cabelos bem penteados em duas metades e aquelas rosas, eu tinha o ar — e Delilah, ao dizê-lo, corou um pouco — eu tinha o ar que sempre desejei ter: eu me assemelhava àquelas imponentes "ladies" de velhos retratos pintados pelos mestres inglêses. Então Colin me interrogou: "Gosta disso?"



Êle bem sabia que eu gostava, conforme diziam os meus olhos, e, pela primeira vez depois de nosso conhecimento, êle se pôs a rir.

"Tôda a minha vida, diz o artista, andei à procura de uma mulher como a senhora. Uma criatura a modelar, uma mulher a criar. E' preciso que sejamos amigos, miss Jeliffe. E' preciso dizer-me onde poderei reencontrá-la.

Então, — prossegue ela — eu não voltei a dançar mais naquela noite. Pus o écharpe à cabeça e me dirigi para o hotel. Colin Quase me acompanhou. Durante todo o trajeto foi-me falando da santidade e da bondade. Como que me abriu os olhos. Compreendi que não se devia provocar voluntàriamente os toques sôbre os encantos que possamos ter, e sim, apenas "sugerir". Eu estou a dizer-lhe tudo isso, sr. Porter, para que compreenda bem as razões de minha amizade para com o sr. Colin. Êle não está apaixonado por mim. Acho mesmo que, quando regressar a seu país, em Amesbury ou em Newburyport, ou em qualquer outro lugarejo onde tenha nascido, encontrará alguém que se enamore dêle e se casem. Para êle sou apenas uma estátua a modelar. Sou a paleta, o cinzel, o mármore, um tubo de tinta, uma tela sempre pronta para o seu pintor. Diz sempre que precisava de uma pessoa assim, de um modêlo como eu, e não se cansa de repetir que o achou em mim. Não transformou apenas a minha atmosfera, e sim também as minhas maneiras. Poderia dizer mesmo, o meu moral; traz-me sempre retratos de mulheres de Rommey, de Gainsborough, com tanta persistência que eu nado, efetivamente, num mar de dignidade. E quando falo de minhas maneiras e de meu moral, é verdade. Eu jamais poderia falar em "jíria", com um chapéu Gainsborough na cabeça. E então não falei mais. Uma perfeita Lady no seu indumento distinto, precisa ter uma moral inatacável. Assim, metida em tais panos, é-me impossível dizer uma só mentira!

Vendo-a a falar assim, com as suas pestanas baixadas, era a coisa mais gaiata do mundo, e Porter se divertia bastante. Depois Delilah voltou às suas atitudes comuns, levantou os supercílios durante um instante, e, durante êsse momento, tornou novamente a ser a mesma Delilah de sempre, maliciosa e sagaz.

— Deseja êle que eu mude meu nome. Não o meu nome de família, compreenda bem, mas o prenome, o nome próprio. Diz que **Delilah** soa como o nome de uma aventureira. Não creio que êle esteja muito a par da história da Bíblia; mas é uma impressão que lhe ficou da grande ópera. Sentiu que a Delilah de Sansão não era gentil, não tinha boas maneiras, não poderia ser uma "Lady". Meu segundo nome é Anne, e êle o prefere.

— Lady Anne — diz Porter — isto lhe ficará muito bem com o vestido para o "garden-party" que Colin lhe desenhou.

Delilah chega ao fim a que visava.

Insatisfeita

Novela de IRENE TEMPLE-BAILEY

— Vai comigo?

Porter faz um movimento de dúvida com a cabeça.

— Tenho dúvida. Pode-se dispensar dessas obrigações sem faltar a ninguém. Além do mais os Ballard não comparecerão. Mary vai a Nova York em companhia de Constance, por alguns dias, antes do embarque. Eu irei vê-las no dia da partida.

— Você não queria ir sem Mary?

Porter, ao ouvir essa pergunta emudeceu como se não desejasse falar a respeito dela.

— Ela não iria, se estivesse aqui. Nem comigo.

— Mary Rebelde!

Delilah procurou dar a essas palavras um tom picante e sugestivo.

— Não é bem isso. Sua idnependência é característica. Ela não gosta que ninguém faça as coisas por ela. Sempre quis agir sòzinha. Mas, um dia, espero que me deixe fazer algo por ela.

Sentia-se nas palavras de Porter a sombra de uma tortura íntima, e Delilah olhando-o firmemente lhe diz com certa circunspecção:

— Será mesmo uma pena que Mary **se enfeitiçaria tanto por... Roger ôoole.**

— Não há perigo nenhum nisso.

— Não se pode pensar assim. A piedade conduz a sentimentos mais ternos, você bem o sabe.

— Mas, por que sentiu ela piedade?

— Pelo seu passado...

— Seu passado? De Roger Poole?... Que sabe você disso, Delilah?

Quando êle se inclinou para fazer-lhe essa ardente pergunta, também sabia que, segundo as regras do jôgo íntimo que entretinha desde muito, não deveria discutir com ninguém a respeito de Mary. Mas, nesse instante, Porter achava que deveria fazê-lo, para o bem de Mary. Se havia coisas ocultas, era preciso então pô-las à luz do sol, o mais breve possível. Era o melhor. Delilah lhe dá então detalhes dramàti**mente.**

— Com que então a sua espôsa morreu?

— Sim; mas, antes disso, o escândalo lhe fizera perder a igreja. Ninguém terá sabido os acontecimentos no seu todo, creio eu. Mary apenas me deu o relato disso em linhas gerais.

— E ela sabe de tudo?

— Sim. Roger lhe contou.

— A chance seria que houvesse uma outra versão.

Êle sabia que isso era uma coisa mesquinha. Porter não teria escapado isso de seus lábios a não ser naquele instante, na palestra com Delilah. Com certeza ela não o acharia odioso. Para **Delilah tudo era permitido um amo-**roso. E antes de retirar-se dessa visita, Porter havia prometido acompanhá-la ao garden-party.

Uma semana depois, celebridades e pessoas da mais elevada categoria social, reunidas nos vastos jardins da residência presidencial, puderam admirar uma deliciosa "Lady" em seu vestido branco ornado com rosas, e um chapéu azul-celeste, de onde esvoaçava um véu que ocultava seus grandes olhos.

E de tôdas as bôcas saía essa pergunta:

— Quem é?

Quando se descobriu que seu nome era Jeliffe, e que ela não era nenhuma personagem de maior importância, isto em nada alterou o interêsse. Havia

(Cont. na pág. 48)

Tradução de RENATO DE ALENCAR
Ilustração de JERÔNIMO RIBEIRO



Aventuras do Capitão Rob
O Império Celestial



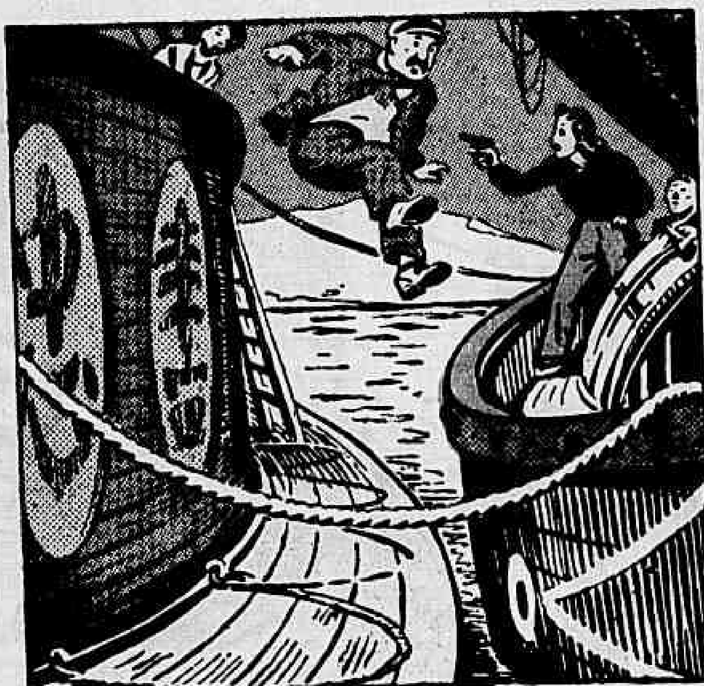


25 Wang Hang, o chefe dos piratas, recebe "Tough Tony" e o cap. Rob em seu suntuoso camarote. Parece ser muito rico e importante. Depois de muita discussão e acêrto, Wang resolve comprar a carga de ópio que lhe trazia "Tough Tony". O chinês manda que um seu experimentador examine o artigo e procura depreciá-lo. "Tough Tony" se encoleriza. Aquilo era trapaça. "Meça as suas palavras, Wang Hang!" Brada o pirata holandês. O chinês se acalma. Ofereceu a metade do preço e, em seguida, Hang e seu ajudante fingem dormir. Rob percebe que o chinês trama uma surprêsa, e Tony também desconfia.



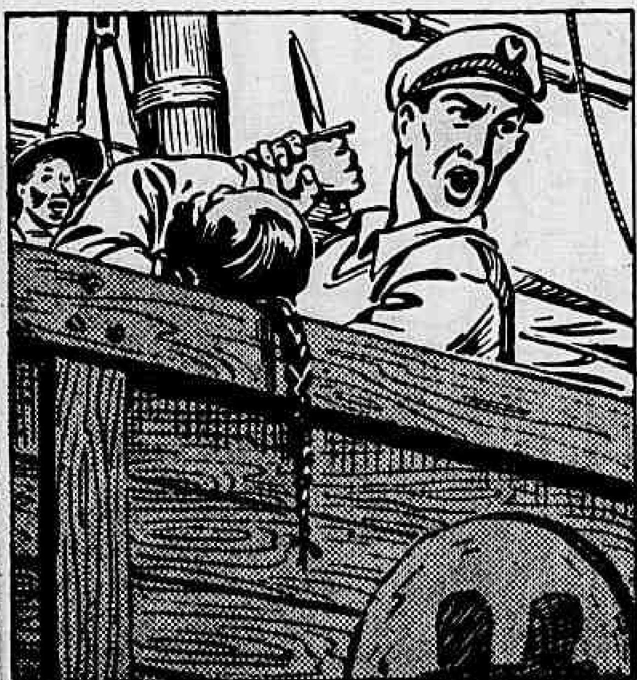


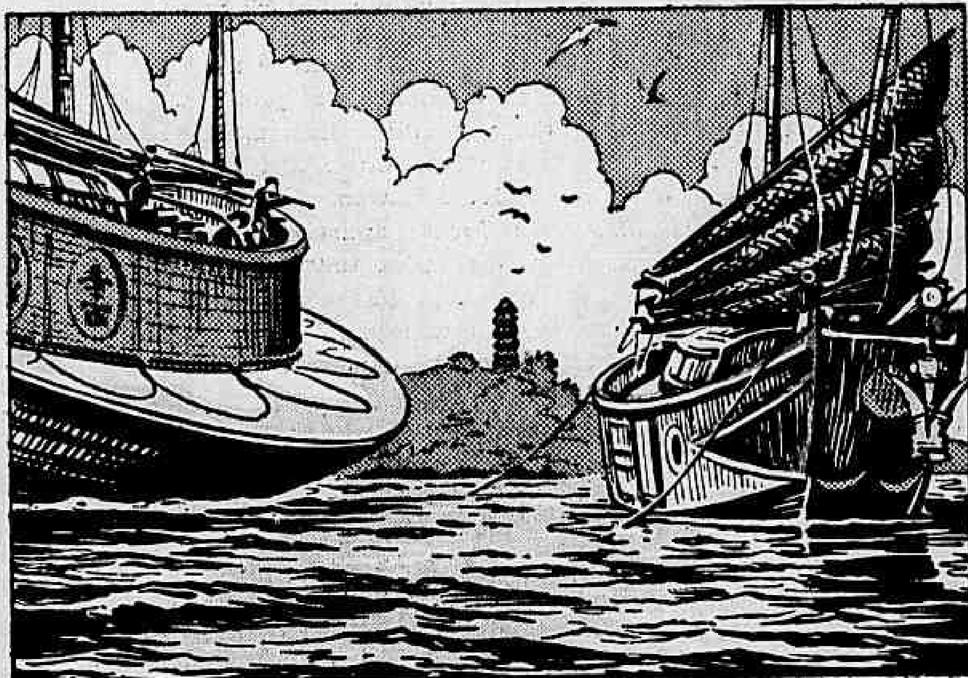
26 Enquanto as negociações estavam sendo realizadas para a compra do saco de ópio, ouviu Rob uns ruídos suspeitos por detrás da cortina de Wang Hang. Rob, desconfiado de uma traição, afasta Tony e se lança contra os vultos que estavam por detrás das cortinas. Era no momento justo em que dois chineses, armados com grandes e afiadas adagas, iam degolar os dois europeus: Tony e Rob. A luta se trava; Rob toma conta de um e Tony, do outro. Hang desperta e dá ordens ininteligíveis para Tony e Rob. Os dois chineses atacantes estão fora de combate, mas há grande tripulação a bordo e a luta prossegue.

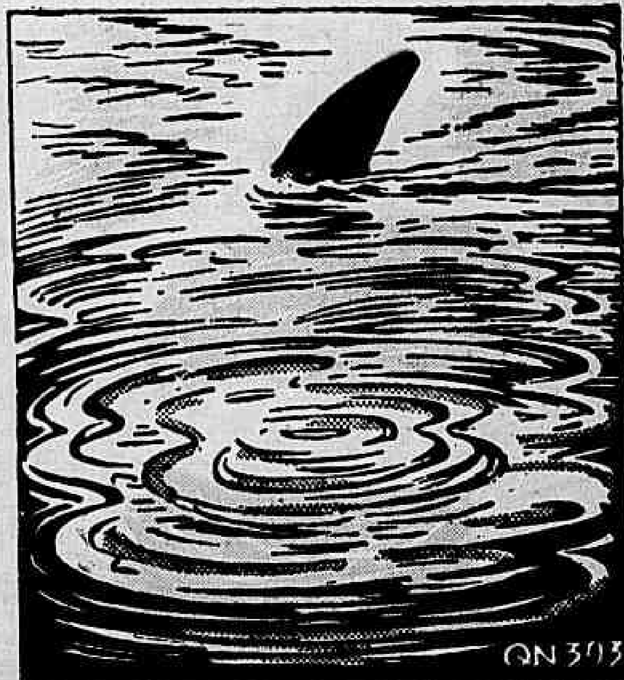




27 Em dado momento começaram a afluir tripulantes chineses de vários lados, cercando os dois europeus. "Precisamos abrir caminho e dar o fora!" grita Tough Tony, mas Rob está empenhado em luta feroz e não tem sequer tempo de concordar com êle. Em dado instante, Tough Tony se desvencilha dos seus perseguidores e, num salto felino pula para bordo do "Pandora", convertido em junco chinês. Marga, uma das jovens, percebendo a briga, aponta o seu revólver para um chinês, cobrindo a fuga de Tony. E Rob? Que era dêle. No momento em que procurava pular para a lancha, é agarrado pela perna por um chinês.

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA — O Cap. Rob ia navegando pelas águas do Pacífico, levando a bordo o seu cão "Skip", quando se viu acossado por terrível tempestade. A bordo levava um baú contendo o tesouro do pirata "Pepe". Antes de naufragar, emitiu sinais de SOS e lançou-se à praia, com o cão. Quando Marga e Willy, duas moças esportistas chegaram, deram-lhe auxílio, levando-o para bordo de sua lancha "Pandora". Ali Rob lhes contou suas aventuras. Elas decidiram retirar do fundo do mar o baú com o tesouro, e o fizeram com êxito. Voltando à cidade, Rob manda construir outro barco, e volta às aventuras, com elas. Nos mares da China são aprisionados por piratas contrabandistas de ópio.

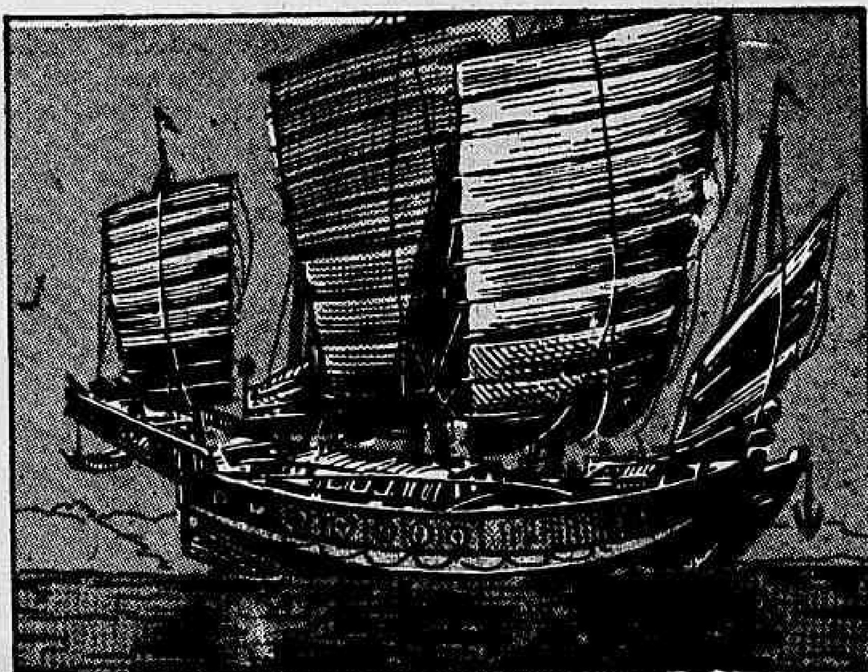






28 Rob, empenhado na luta com tripulantes, grita para Tony: "Larga com Pandora!" Mas Tony não quer aceitar sua sugestão, pois não sabe como é que seu já agora companheiro e vítima dos chineses, poderá alcançar a lancha. Rob toma o punhal do seu adversário e corta as amarras que uniam o navio pirata a "Pandora", tomando a lancha impulso para o largo. Rob procura escapar para a popa do navio de Hang, fugindo à sanha dos perseguidores. Atiram contra "Pandora", mas sem nenhum efeito. Rob se prepara para atirar-se n'água, mas tubarões começam a rondar em volta. O chinês Hang está contente por isso.







29 Rob se oculta a bordo do navio de Hang, e o patrão chinês ignora completamente que o valente capitão esteja escondido ali. Pensam todos que êle se jogou ao mar e foi devorado pelos tubarões. Hang ordena que o seu navio corra em perseguição de "Pandora". O pesado barco levanta âncora e começa a mover-se. Rob, de seu esconderijo, vai observando o movimento a bordo, e, embora não compreenda as ordens de Wang Hang, adivinha para que são dadas: atacar "Pandora" e escravizar as pessoas que estão a bordo da mesma. De súbito, vê que tripulantes afastam esteiras e um canhão aparece, ameaçador!







30 "Pandora" não havia ainda conseguido tomar muita distância. Na amurada, Tough Tony e Magda olham os mares, temendo qualquer emboscada dos chineses. Súbito, o velho lobo do mar faz uma careta. Êle percebera que o junco de Wang Hang vinha em perseguição de "Pandora". Era verdade que a lancha tinha marcha mais veloz do que o navio dos piratas, mas isso se fôsse pôsto o motor a funcionar. E Tony pede a Willy que ponha o motor em marcha. Infelizmente êste não pega. Todos a bordo da "Pandora" temem pela vida de Rob. Mas Tony acalma as moças dizendo que Rob sair-se-ia bem do caso.

O NOIVO DE AURÉLIA

A notícia estourou como uma bomba, lá em casa: «Aurélia vai casar, gente! Aurélia vai casar...»

— Já não era sem tempo! — falou minha amiga Antonina, uma loura espevitada e irônica. «As pelanquinhas estão caindo...»

E durante uma hora só se falou naquilo.

Aurélia é minha prima; filha mais velha da tia Eugênia. Suas quatro irmãs há muito tempo estavam dando netos à minha tia. Só ficara Aurélia, chuchando, de ôlho comprido na alegria ruidosa das maninhas.

«Titia»!... O destino de minha prima parecia não ter mesmo outro jeito. E por muitas razões: nunca fôra uma criança alegre, nem saudável, nem bonita... e assim crescera.

Sem pai aos sete anos, teve que ser a Babá de uma turminha endiabrada. E quando tia Eugênia, para agüentar o repuxo, começou a trabalhar no Hospital, Aurélia foi promovida à «mãe de família» e dona de casa, sem criadas... Assim, todo o serviço doméstica saia — sabe Deus, como! — daquelas mãozinhas, magras e inexperientes, que ainda pediam bonecas.

Aurélia teve, pois, uma infância atribulada, fadada a passar à maturidade sem conhecer a alegria da juventude. Cresceu trabalhando. Sempre cansada... sempre sem tempo.

Seus vestidos eram práticos, esportivos, uniformes. Abotoavam na frente e tinham sempre bolsos amplos que ela entulhava de chaves, lenços, óculos e dinheiro... Variavam, às vêzes, de padrão e de côr. O cabelo, liso, vivia esticado para trás numa trança enrolada em coque, tão espichado que, não raro, ficava dois dias sem ver pente. «Rouge», «baton», pó-de-arroz... para que? Aurélia não ia além da praça, e mesmo, até ali, só quando tinha alguma compra ou reclamação a fazer no empório.

Pobre Aurélia! Estava já com 37 anos e nem dera por isso!

A primeira a casar foi Geninha, a caçula. Êles ganhavam pouco; situação difícil... Ficaram morando ali mesmo, espremidos, numa apertura que só Deus sabe!

Antes de um ano, Geninha foi para o hospital, internada. Mandou o bebê para Aurélia cuidar; e, quando pôde voltar para casa, estava entrevada.

Laura, Margarida e Corália trabalhavam de dia e estudavam à noite... Tia Eugênia p'ra lá e p'ra cá... Aurélia tinha mesmo que estar sempre atenta a tudo! Quando o cunhado melhorou um pouco de vida, arranjaram uma empregadinha, mas as atribuições de Aurélia nem por isso diminuiram.

As irmãs foram casando... Ficavam por ali, na vizinhança. Os pimpolhos foram aparecendo... e Aurélia continuava sendo «pau p'ra tôda obra»: o banho das crianças era com Aurélia; a roupa das crianças era com Aurélia; a merenda, os ralhos, os remédios, tudo! — tudo, enfim, dependia de Aurélia.

Por isso, quando a notícia do noivado estourou lá em casa, eu fiquei intrigada, pensando na tragédia anônima daquela vida. E tive muita pena de minha prima!...

Afinal, como teria acontecido? Aurélia nunca tinha tempo p'ra nada... E quem seria êle? o «seu» Juca do empório — um português, solteirão inveterado, sem família, e que perdera a companheira havia coisa de dois anos? — Ou seria aquêle «gato pingado» do Edgard, que andara namoriscando primeiro com a Laura e depois com a Corália, enquanto seu amigo Mário Sérgio enrabichava-se por Margarida?! Seria o Edgard?... — Talvez...

No domingo seguinte, morrendo de curiosidade, fui visitar tia Eugênia. Chegando ao portão, tive a impressão de estar entrando num autêntico Jardim de Infância. Lá estava a gurizada da Aurélia, numa algazarra estrondosa e atordoadora: era bola, peteca, patinete, lataria velha, correria, gritaria, berreiro... Uma gracinha!...

Fernandinho veio correndo; agarrou-me violentamente pelo pescoço e, sacudindo a cabecinha linda, indagou-me curioso, na sua meia lingua encantadora: «Ocê vei vêe... o o nôvi... de Oéli, vei?» Incrível, o Fernandinho!

Entrei. Lá dentro a roda era menor: só tia Eugênia, Geninha, Margarida e Aurélia. Os outros haviam saído para o campo do Vasco...

Conto de DELORE GURGEL
Ilustração de M. QUEIROZ



Geninha continuava na sua cadeira de rodas, inconformada, bordando uma peça do enxoval da noiva. Já havia feito muita coisa, dissera. Trabalhava com carinho, retribuindo assim o desvelo da irmã.

Enquanto iam desdobrando aquelas preciosidades diante de minha admiração, aventurei, gracejando:

— Então, Aurélia, como foi isso? Você sempre arranjou tempo, hein?

— Não... não foi bem isso... — retrucou minha prima. Eu acho que foi o Destino!

E contou, com tôda a simplicidade:

— Imagine você! Eu havia escrito à Margarida, quando ela estêve uns dias em São Paulo com o Mário, mas, sem reparar, inverti o número da casa, e minha carta foi parar às mãos de um outro sr. Mário Machado. Pura coincidência, que o fêz receber e abrir a carta que era endereçada ao meu cunhado. Resultado: devolveu-m'a desculpando-se, e, com incrível bom humor, acrescentou que estava tentando a vir livrar-me do assédio dêsse «antipático» Edgard, que tanto me atormentava. Eu dissera em minha carta, que não sabia como «despachar» o Edgard... Veja!

Enquanto Aurélia falava, eu imaginava o retrato dêsse xará do primo Mário: um tipo rotundo, baixote, beirando os cinqüenta, com uma obesidade pronunciada, uma respeitável calvície, falando em xarque, banha, bacalhau e outros salgados da sua importante firma importadora; os dentes postiços mexendo com os lábios; os óculos bi-focais combinando com as lentes de míope que Aurélia usava e guardava, num bota-tira constante.

A risada de Margarida chamou-me, repentinamente, das minhas divagações. Aurélia ainda falava, com uma vivacidade que eu lhe desconhecia:

— O Edgard parecia carrapato, ostra... — que sei eu? — Não me largava mesmo. Achei graça do paulista e resolvi responder-lhe. Pura brincadeira, mas... daí... carta vai, carta vem, levamos dois meses. Um dia êle veio ver de perto esta bela prenda e, o resto, você já sabe!

— E quando vocês se casarão? — indaguei curiosa.

— No fim do ano, se Deus quiser. Eu não posso esperar muito; estou envelhecendo...

— Qual nada!... E êle? Que tal?

— Êle?... Está chegando; veja! — respondeu-me, levantando-se lépida, com os olhos brilhando de felicidade.

Voltei-me para a porta da sala e, — coisa estranha, — senti uma espécie de choque incompreensível, de tortura, de angústia. Era o inesperado; era a surprêsa provocando-me a senção esquisita de um frio mais esquisito ainda, que subia e descia, arrastando tremuras à flor da pele.

Eu estava apalermada, prêsa ao banco, com a minha tremedeira tôda interior, como se a paralisia geral me houvesse tomado, de chôfre, cá por fora.

Aurélia trouxe-o pela mão. Apresentou-m'o. Eu queria dizer alguma coisa; não podia. Queria desviar meus olhos, dêle; não podia.

Êsse embaraço levou minha prima a supor não sei o que, que a fêz perguntar-nos: — «Vocês já se conheciam?»

Aproveitei a «deixa» com um esfôrço enorme, e consegui dizer, a custo:

— Sim... acho... eu creio que já o vi... Não sei... tenho idéia de... O senhor não me conhece? Não lembra...

Não; não se lembrava. Nem podia. Aquilo fôra apenas recurso para eu sair do meu atordiamento.

Felizmente a palestra generalizou-se e eu me pude dominar um pouco. Ainda assim, várias vêzes, surpreendi-me, numa irreverência desconsertante, olhando curiosamente para o noivo de Aurélia.

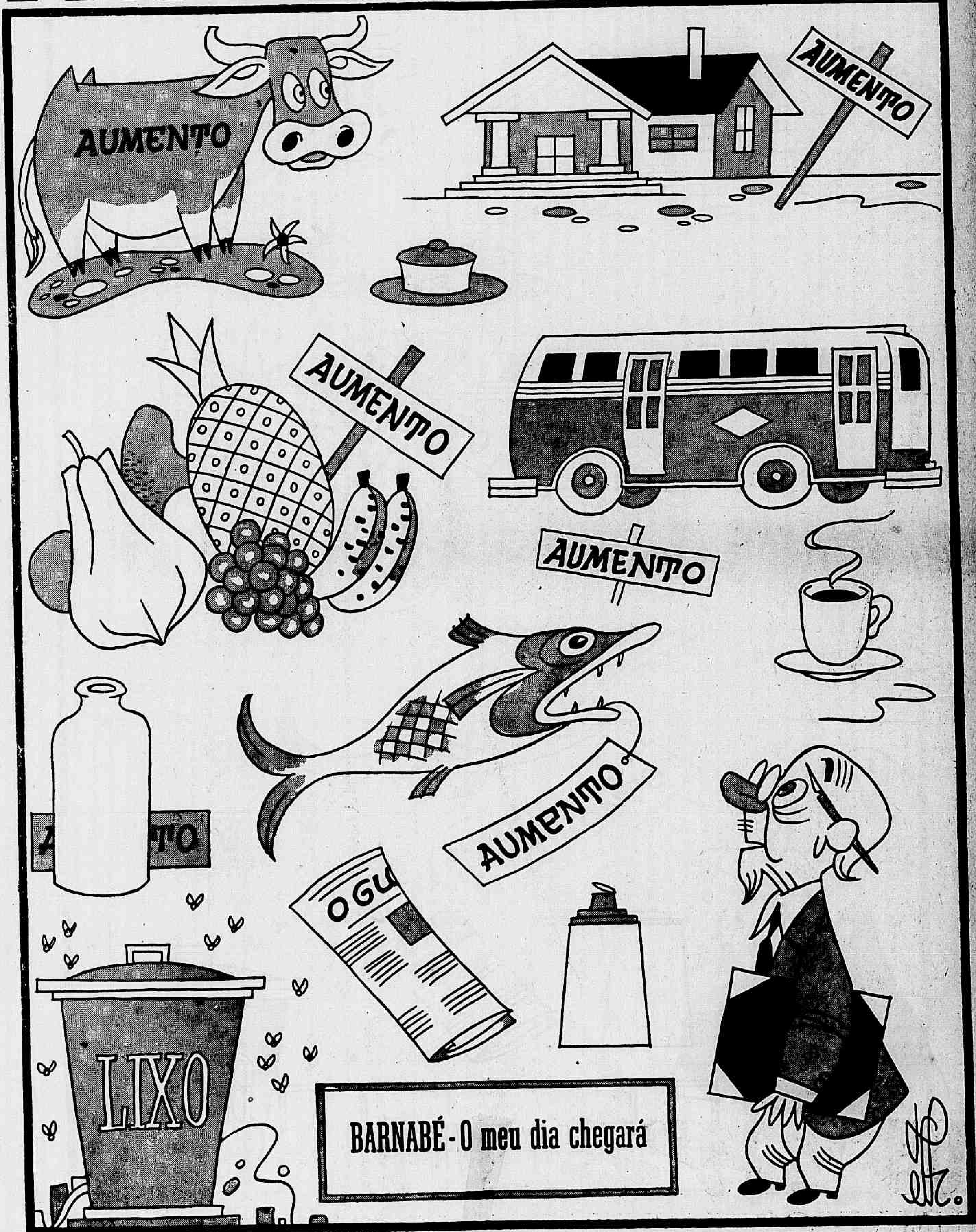
Mário devia ter, no muito, 30 anos; não era nenhum Apolo, mas, ao lado de Aurélia, que contraste!

Muito alto e magro, tez morena com algumas sardas, dentes um tanto desalinhados, olhos vivos e pequenos, queixo batido, testa estreita... Um caricaturista faria dêle um «zé macaco». Mas, desembaraçado, conversador, comunicativo, espirituoso, inteligente... isso era! Vestia-se bem e não tinha nada, absolutamente, que lembrasse o seu convivio com xarques, banhas e linguiças... Não! Absolutamente! Seu lenço branco, no bolsinho de fora, até trescalava a «L'aimant»...

Positivamente, não era possível que aquêle camarada estivesse mesmo disposto a casar com Aurélia! Ela sumia junto dêle. Esmirrada sem graça no ves-

(Cont. na pág. 34)

AUMENTOLANDIA



BARNABÉ - O meu dia chegará



MUITAS pequenas se preocupam em agarrar seu homem, como aconselha o famoso manual. Mas estas duas ao lado se consolam em agarrar seu peixe. A que pegou o binóculo procura divisar a praia distante.

OS "BROTOS" DO CAPITÃO CARR

UMA ESCOLA DE PESCA EM ALTO MAR, NA FLÓRIDA

E
com

O

ts se
ugar-
como
moso
estas
con-
r seu
jou o
divi-
lante.



E NÃO E' só vontade de pescar. Elas também fazem exibição de musculatura, como esta, que ofereceu o biceps para que a companheira o experimentasse.



O PROFESSOR é o Capitão Carr, de Nova Jersey, que explica a duas alúnas como funciona o anzol que tem nas mãos, após o que o mesmo é lançado ao mar.

FLORIDA, EE.UU. — "Meu nêgo, você arruma o seu Jantar logo mais? Eu só voltarei tarde porque vou pescar".

Essa frase se tornou um lugar-comum em muitos lares americanos, depois que o Capitão Bur Carr, aproveitando o seu barco U.P., recrutou candidatas entre as jovens da Flórida e lhes promete ensinar a dificilima arte de pescar. Trata-se de pescar realmente peixes e não homens. O único homem a bordo é o próprio comandante-professor, que se afasta 18 milhas da costa da Flórida, tôdas as manhãs, e dirige-se para as águas crespas do Golfo do México

Carr tornou-se o terror dos maridos locais, pois muitos dos "brotos" que vão no seu barco são casadas. Mas que há de fazer o marido de uma dona que nasceu com a vocação da pesca? -- Estas páginas mostram o curso em funcionamento.

O CAPITÃO CARR aperta a mão da jovem Myrtle Briggers e congratula-se com seus "brotos" pelo bom êxito alcançado na pescaria feita naquele dia. Viva!



RR
DA

OS "BROTOS" D



A PEDIDO do Capitão, num intervalo da pescaria, os "brotos" ocupam as cadeiras do barco e começam um lanche de sanduíches e soda. Que céu!





NÃO E' FÁCIL manobrar esta joça! — é o que diz a cara preocupada da jovem Betty Martin. E não é por falta de fazer fôrça — reparem o jeitão dela.

O CAPITÃO CARR



NO ALTO: que diz a expressão de Betty: susto ou prazer? À direita: Norma Wilson, durante a pesca, com um ar de saúde para dar e vender. Ahn!...



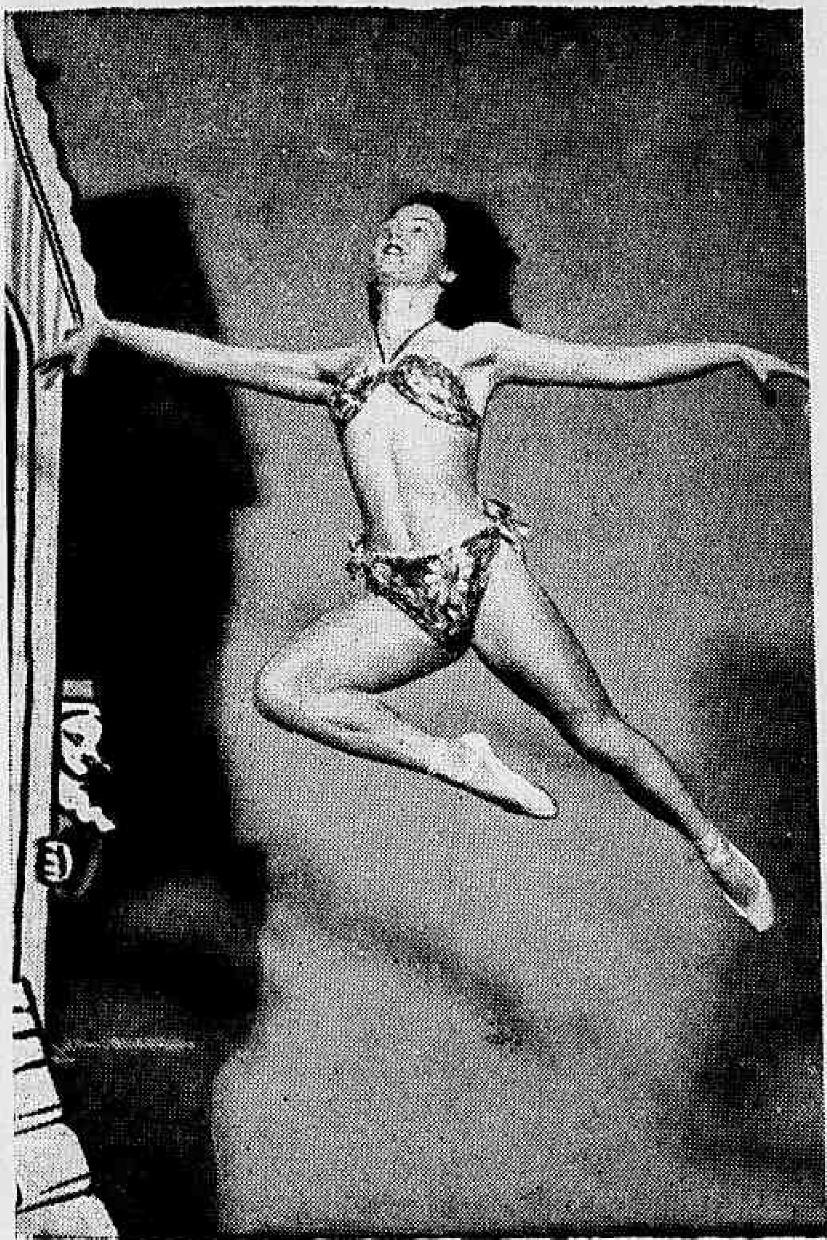
BEM. A PEQUENA Betty não fêz fôrça à toa e puxou seu peixe. Mas depois se decepcionou com a observação do Capitão: ela não fêz a coisa bem



do-
la.

UMA ESPIADA NO MUNDO

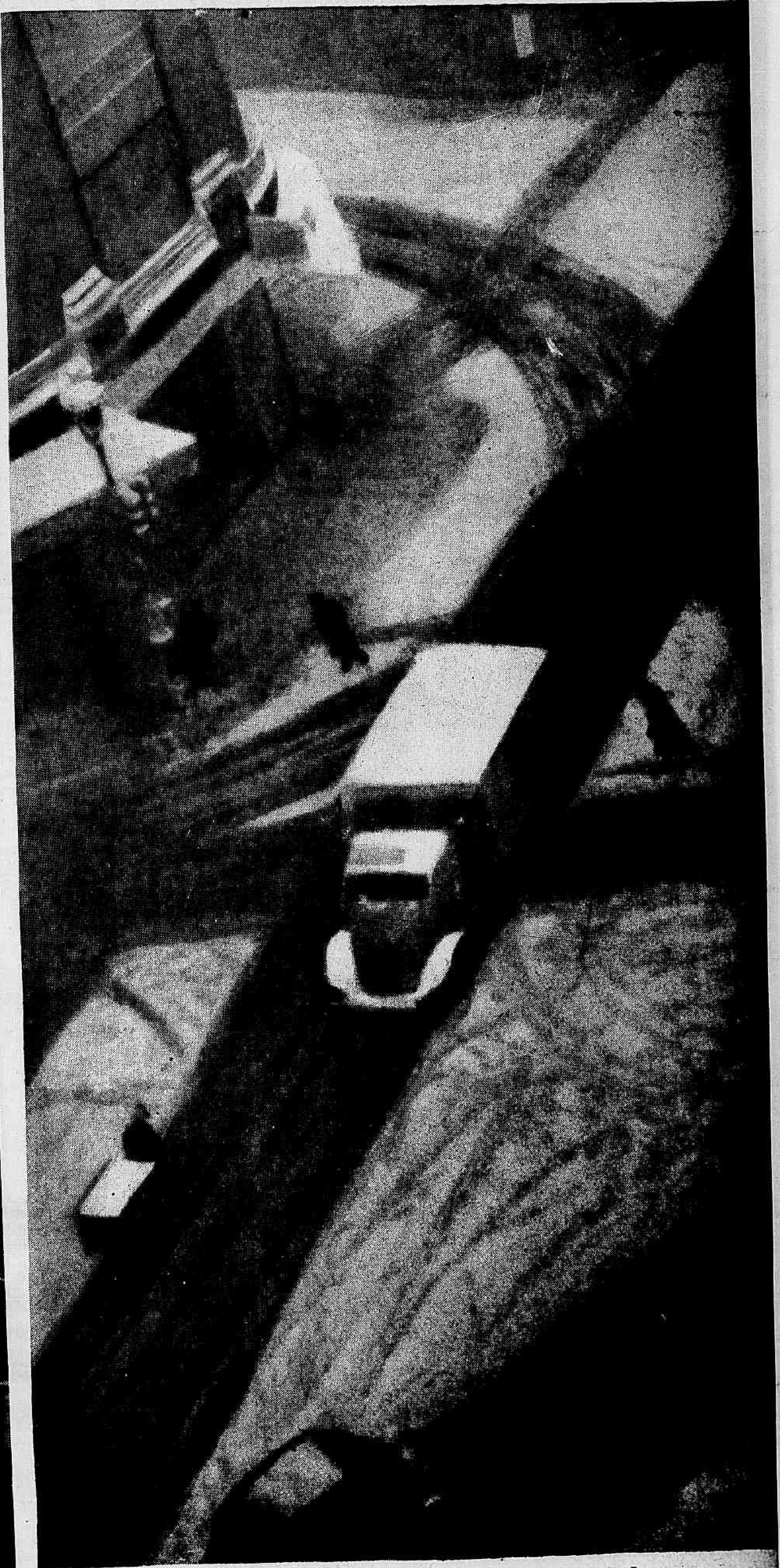
Junto à árvore de Natal, Rosselini e Ingrid Bergman festejam em família a grande data cristã. O menor dos garotos é **Robertinho**, filho do casal; o outro é **Renzo**, primeiro filho de Rosselini.



Esta encantadora néo-zeelandesa é Leonor Barry. que vemos, na foto, como aparece em cena num espetáculo do Windmill Theatre (Londres)

Um álbum comemorativo do milenário de Paris incluiu a bela cena que se vê ao lado, mostrando uma avenida metida em seu capuz de inverno.

Também esta pequena figura no espetáculo do Windmill Theatre — "We Never Closed". Os londrinos a consideram de abafar. Pode-se lá contrariar?







ÁGUA INGLÊSA GRANADO



Faz de você um forte!

TÔNICA-APERITIVA NAS CONVALESCENÇAS

O NOIVO DE AURÉLIA

(Cont. da pág. 35)

tir, no andar, no dizer... aquêles seus gestos pesados e angulosos...

Que teria êle encontrado nessa suburbana velhusca? — (pensei isto sem a menor complacência, piedade e respeito pela vida multi-sacrificada da minha prima). Êle, de certo, estaria brincando... aproveitando-se da pobre solteirona. Que maldade! Ou, — quem sabe? — talvez um casamento piedoso: o moço rico, desiludido, e a moça pobre, esquecida como flor sem perfume, murchando à inclemência do sol. Nada! isso é lirismo demais. Devia ser... sei lá! O fato é que essa noite tive insônia. O noivado de Aurélia não me saía do pensamento; sobretudo êle — Mário Manoel Rodriguez Machado. Que impressão forte me havia deixado aquêle Zé Macaco!..

No dia seguinte, um simples incidente forjava o meu encontro com o noivo de Aurélia. E que encontro!

Vovô telegrafara de Poços de Caldas, pedindo-me que fôsse buscá-lo. Era um homem ainda forte, porém, sentia-se embaraçado nos atropêlos de viagem. Arrumei minha maleta e pus-me a caminho.

Estava eu já cômodamente instalada numa poltrona do R.P., matutando... ruminando aquêle assunto que me não largava, quando, com espanto, vejo entrar no mesmo vagão o «dito cujo». Êle! Que surprêsa! Que coincidência

Êle, comumente viajava de avião, mas, desta vez, — explicou-me: devia encontrar-se com um sócio em Rezende, assunto rápido; mas haviam ainda outros interêsses, levando-o a aproveitar aquela paradinha em Cruzeiro... Eis a razão!

Estivera no restaurante do trem, tomando um cafèzinho, pois chegara bem em cima da hora... O relógio do porteiro do Hotel, fôra o culpado... E o assunto não parou mais.

Arranjou com a minha vizinha de banco, para trocar de lugar. Ela gostou, e nós também, creio, porque êle conversava muito curvado sôbre ela, e eu tinha que virar muito a cabeça para trás... Assim, agora, estava bem melhor!

— Sr. Mário Manoel... — comecei, querendo logo falar de Aurélia.

— Não me trate assim! Afinal, vamos ser primos... — atalhou êle. E continuando:

— Diga Manolo, simplesmente. Para os íntimos sou Manolo; e confesso que gosto mais. Minha mãezinha é espanhola...

E Manolo foi por aí a fora, contando-me coisas da Espanha, onde estivera durante três anos.

A música de sua voz tocava de leve na minha sensibilidade, e as horas fugiam com uma velocidade maior do que a do Rápido Paulista...

Falamos também de Aurélia. Reconheci que era bem intencionado quando disse: «Minha noiva não é bonita... mas é uma boa moça. Prendada... ativa... interessante...

Por Deus! Estaria Manolo apaixonado sèriamente? Não me pude conter:

— Você gosta mesmo dela, Manolo? E' amor... «no duro»?

Êle esboçou um sorriso, demorando a resposta; e seu olhar parou num longe da paisagem. Depois, com um longo suspiro:

— Bem... eu admiro Aurélia. Mui-

(Cont. na pág. 48)

A SAÚDE DO BEBÊ

O problema das glândulas

DR. SABOIA RIBEIRO

ESTADOS diversos, e até pequenas anomalias, costumam ser trazidos ao pediatra, como verdadeiras afecções provenientes do mau funcionamento de glândulas. A estas incriminam-se, sem mais exames, geralmente os estados de debilidade mental, não traumáticos, mas congênitos.

A obesidade, com a mesma ligeireza, é também atribuída a glândulas.

Na verdade existem moléstias de origens glandulares na infância, porém não tanto quanto a muitos parece.

Dois quadros clínicos são particularmente ligados, na idade infantil, ao mau funcionamento das glândulas.

Um que afeta mais diretamente os órgãos sexuais, e outro que atinge principalmente as faculdades da inteligência.

As doenças glandulares afetando a inteligência, muitas vêzes, não se revelam logo cedo, principalmente quando estão na dependência de um distúrbio da tiróide. Em primeiro lugar, pode o distúrbio ser em grau muito e muito leve, com pequenos reflexos no grau de inteligência. Em segundo lugar, quando a criança está sendo criada ao seio, as secreções da glândula do menino são compensadas pelas secreções maternas, que passam no leite.

Sòmente mais tarde se patenteia o deficit da inteligência, ou porque se agrava a deficiência da glândula, ou porque, com o desmame, faltem os elementos maternos que anteriormente supriam a carência.

Na hipótese de dúvida sôbre uma perturbação da inteligência nos primeiros meses, pode-se praticar o teste da gustação, que consiste no seguinte: dá-se-lhe, à criança, uma colherinha d'água adoçada com sacarina e, decorrida pequena pausa, uma dita de uma solução de bi-cloridrato de quinina a 1%. Na criança normal, a reação é de coisa agradável no primeiro caso; na criança idiota, a criança se mostra absolutamente indiferente.

As perturbações da tiróide emprestam à fisionomia da criança, geralmente, um aspecto que denuncia a origem glandular.

Se devidas a causas congênitas, a criança, no momento oportuno, exibirá uma face vultosa e balofa, cabeça achatada de cima para baixo, testa fugidia e enrugada (crânio de azteca), olhos pequeninos e sumidos, nariz largo e chato.

Dos quadros que, na infância, têm sua origem numa perturbação hormonal, salienta-se a enfermidade adiposo-genital (doença de Frolich). Êsse quadro, que decorre de um transtôrno da hipófise, coincide com um estado de atrofia aparente dos órgãos sexuais externos. Isso faz com que a sua existência seja entrevista tôda vez que não se deparam ditos órgãos com desenvolvimento aparente satisfatório.

Mas, na criança, muita vez a presença daqueles órgãos é mal percebida no seio da gordura (e mais nos meninos de carnes abundantes), parecendo assim serem portadores de alguma atrofia daqueles órgãos.

Ora: sòmente na puberdade se pode diagnosticar com segurança uma perturbação com origem numa insuficiência hipofisiária. Antes dessa idade, além de difícil, é muito rara de encontrar-se.

Facilita a confusão o fato de coexistir, freqüentemente, a gordura generalizada da criança e a própria obesidade.

Porém diferentes causas levam à obesidade da criança, a começar pela própria superalimentação, e não que se trate de doença glandular.

O diagnóstico de uma atrofia genital com adiposidade (doença de Frolich) exige portanto uma interpretação adequada dos fatos, e inclusive uma radiografia do crânio com vistas à hipófise.

Como se disse, antes da puberdade, é moléstia rara, e a maioria dos garotos com semelhante exibição clínica atingirá pleno desenvolvimento sexual, desaparecendo a gordura à época da adolescência.

Por outro lado, não se trata, na maioria das vêzes, de distúrbios de glândulas, nas situações que se deparam, nas escolas, de referência a garotos atrasados, que não conseguem acompanhar os colegas de classe e até débeis mentais.

As causas variam de um menino a outro menino, conforme a situação.

Só o exame médico poderá precisar o motivo, havendo certamente êrro nos que inculpam indistintamente uma dada causa.

"Em variados casos, cabe a culpa ao pedagogo."

Também a capacidade de trabalho de muitos escolares está sujeita a oscilações periódicas, sem que se encontre, em alguns casos, explicação clara ou plausível para o fato.

PAPÉIS TROCADOS

MARCOLINO saiu de casa, e com passo lento de resignado, caminhou pela estrada coberta de cerração. Levava a cesta de comida para mais um dia de trabalho como cortador de cana, no grande engenho onde era empregado.

Chegando à encruzilhada da venda, encostou-se à bomba de gasolina, a fim de esperar o caminhão que sempre passava já apinhado de gente para o corte, que naquele inverno de safra açucareira, prometia ser grande.

Era um dia como os outros. Oito horas de trabalho, ajudando a ceifar o oceano verde que se perdia no horizonte. Acordara cedo, tomara o café aguado, beijara as crianças, e ali estava esperando a condução.

Carroças de verduras seguiam para o Mercado, guiadas por gordas matronas, caminhões passavam rápidos, levantando nuvens de poeira que se confundiam com a espessa neblina.

Passou um automóvel prêto da Polícia e a leitura insignificante da palavra escrita no veículo, fêz o pensamento calmo de Marcolino encher-se de sombras de apreensão. A palavra «polícia» era como um espectro ameaçador que constantemente lhe trazia à lembrança aquêle vergonhoso episódio de seu passado. Marcolino, o pacato colono, não tinha consciência tranqüila.

Com a evocação súbita e inesperada, o remorso e o temor que sempre quisera esquecer, apoderou-se de seu espírito, transformando a manhã monótona em algo diferente. E recordou-se outra vez.

Fazia dois anos. Viera do Norte com uma leva de flagelados, conhecera a miséria, a fome, a sêde, a incerteza de dias melhores. Vira a mãe morrer na estrada, o pai meio cego ficar num superlotado hospital, sem notícias para sempre. Chegara com a mulher e três filhos àquêle lugar e ali se radicara.

Mas o primeiro ano passara mal. A mulher ficara grande tempo com pneumonia e o minguado salário mal chegava para remédios.

Farto de tanta privação, triste e acabrunhado, ia tôdas as noites até à venda da estrada, e embriagava-se para poder esquecer.

Numa noite, voltando a casa, alcoolizado, viu na estrada um automóvel parado. Um moço bem vestido, de lanterna na mão, examinava o motor. Parou de súbito com ousada idéia na mente. Resolveu assaltá-lo. Nunca fizera aquilo, mas a miséria o obrigava.

Tirou a lapiana do cinto, e chegando ao jovem encostou-a em seu ventre:

— Seu dinheiro, moço.

O rapaz, pálido e tremendo, entregou-lhe a carteira enquanto uma pintadíssima loura que estava no carro, dava gritinhos nervosos.

De posse da carteira, Marcolino saiu correndo. Chegou ofegante em casa e sob a luz do lampeão contou o dinheiro. Que beleza! Oitocentos cruzeiros!

Aquela noite uma pontinha de remorso começou a picar-lhe a consciência. Mas pouco se importou, confiado em que não roubara de gente pobre, e sim de um casalzinho farrista, dêsses que andam à noite, de auto pela estrada, em idílios escandalosos.

Mas depois a situação se normalizara, vieram dias de fartura, arranjara bom emprêgo, seu orgulho de homem de bem subiu à tona, e a inquietação surgiu. E a palavra «polícia» era tudo de mais presagioso em sua vida. Evitava ir à cidade com o eterno receio de algum dia ser reconhecido pelo ricaço.

★

O mundo dá suas voltas... Um dia, Marcolino tomou parte numa briga na venda da estrada e foi intimado a ir à Delegacia para prestar declarações. Enquanto esperava a hora da audiência, rememorava seu antigo pecado, tomado de inquietação, com suores frios brotando-lhe na testa. Mas confiando no longo tempo que se passara, tranqüilizou-se. Que bobagem! Quem sabia do caso? Era cousa passada. Podia ser que a vítima de seu deslize nem tivesse dado parte.

Em frente ao velho portão da Delegacia, encheu os pulmões, ergueu a cabeça, e com inquebrantável auto-confiança, entrou no edifício, sendo logo encaminhado pelo contínuo ao gabinete do Delegado.

Mas quando encarou a autoridade, sentado à mesa, tomou um choque, as pernas bambearam e a vista quase escureceu.. Era o próprio Delegado, o grãfino que êle roubara na estrada!

Os olhares dos homens encontraram-se com mútuo espanto. Mas nos olhos do Delegado a surprêsa foi rápida. Com a fisionomia inquieta, baixou a vista e, mexendo os papéis da mesa, disfarçou o quanto pôde, querendo evitar as palavras de Marcolino, enquanto êste, traído pelo seu temor, todo trêmulo balbuciou:

— Por Deus, «seu» Delegado! Eu não sabia que era o senhor! Eu juro que lhe devolvo o dinheiro!

O Delegado empalideceu, e todo confuso e vexado olhou para sua espôsa, uma mulher de aparência severa que viera naquele instante trazer-lhe o lanche da tarde, e para o contínuo, que com as mãos nas costas e ereto, estava junto à porta, esperando ordens. Com mil côres na face e gaguejando, encarou o matuto com indisfarçável olhar de súplica:

— O que você está dizendo? Que dinheiro é êsse? Eu não o conheço! Saia, vá lá fora, depois eu o chamo!

Após a saída de Marcolino, o jovem Delegado, sorrindo amarelo e esfregando as mãos, chegou à espôsa:

— Nossa! A gente lida com cada louco!... Desculpe os gritos em sua presença, querida. Esta vida de Delegado é assim mesmo... E' melhor você ir-se.

A mulher saiu sorridente, entre beijinhos e adeuses, penalizada com seu pobre e amolado marido. Mal fechada a porta atrás dela, o Delegado deu um espetacular suspiro de alívio, e disse ao contínuo com voz baixa e raivoso:

— Vá chamar aquêle desgraçado! Quase me fêz uma boa!

(Cont. na pág. 48)

Conto de WALDEMAR IGLÉSIAS FERNANDES
Ilustração de GIPSON DE FREITAS



BORDADOS





Uma sugestiva e interessante coleção de modelos bordados, apresentamos aqui às nossas leitoras, para completar o seu elegante guarda-roupa.

OS ESPINHOS DO AMOR

...a família conseguiu o que eu desejava, e eu e Byron fomos para a ...ersidade estudar juntos. Meu pai pagou as despesas dêle, cobrindo-o ...as mesmas considerações com que me distinguia.











...dias se seguiram alegres ...ssavam ràpidamente. Eu ...va certa de que era a ... feliz jovem dêste mundo, ...estar na Universidade a ...dar ao lado do homem a ... amava loucamente. O ... futuro estava assegura... que Byron não se sentiria ...is humilhado e forçado a ...lhar duramente para ...ar-se.











O aparente ciúme de Byron não me desagradava, pois era prova de seu amor por mim. Se eu ainda não tivera ciúmes dêle era porque estava certa de seu amor. Mas um dia...







leon eliachar

apresenta:

Esclarecendo:

O MISTÉRIO DO 5.º ANDAR

(CRÔNICA EM 5 PAVIMENTOS)

Petrópolis, março.

1 Aconteceu. Aqui mesmo, em Quitandinha, por ocasião da coroação da «Rainha do Cinema Brasileiro de 1952», Eliane Lage. A ABCC organizou uma festa e convidou uma porção de gente. Joaquim Menezes, o presidente da Associação, conseguiu, com seu esfôrço e com a boa vontade da maioria dos astros e estrêlas do nosso cinema, reunir um grupo bastante agradável no alto da serra. Se a coisa se passou aqui no alto, nem por isso deixou de ter os seus baixos.

2 A lista dos artistas presentes foi enorme. Eliane Lage e Tom Payne, trouxeram, em sua nova camionete, pela estrada Rio-São Paulo, a sua eterna bagagem de simpatia... Fada Santoro, uma morena do outro mundo, que vive neste, apresentou seu noivo, um rapaz bastante simpático, menos que sua noiva, é claro... Luís Delfino foi levar Marlene e voltaram juntos, Oscarito, num gesto simpaticíssimo (é assim que se diz?) subiu à meia-noite e meia para o «show» e regressou de madrugada, Eliana, louríssima, agradabilíssim, simpaticíssima, por azar de todos regressou cedo, levando consigo Adelaide Chiozzo e sua sanfona... Humberto Teixeira ficou um dia e meio sem falar com Miriam Moema, mas pouco antes do fim, fizeram as pazes... Watson Macedo contou grandes anedotas e disse que a maior oportunidade de sua carreira lhe foi proporcionada por «Barnabé, tu és meu», uma fita carnavalesca que não foi sua, por sorte, mas sim de José Burle... Mariza Prado recebeu tentadoras propostas de um milionário local mas permaneceu fiel a Fernando de Barros, que não conseguia dormir sossegado lá em São Paulo... José Lewgoy, fora da tela, nos pareceu um perfeito galã, fazendo concorrência ao Cyl Farney, entre as meninas da redondeza... Paulo Wanderley, sóbrio, discreto, sentava-se atrás de um cafèzinho, no bar, e fazia planos para sua nova fita... Marly Sorel amarrava a cara tôda vez que se lembrava, com saudades, do Reinaldo Costa... Dinah Mezzomo, que na véspera havia oferecido um coquetel, em sua residência, em homenagem à nova Rainha, dançou bastante e falou mal de muita gente, inclusive dêste cronista, que está aqui para servi-la, irmã... Rosângela anunciou que seria cronista cinematográfica — e se a moda pega, não teremos mais artistas. Nem crítica.

3 Faço questão de registrar aqui, as figuras que se destacaram no «show». Bené Nunes, ao piano, mais parecia um polvo. O rapaz é, realmente, um fenômeno, com os teclados sob os dedos. Toca que nem menino prodígio, e poderia, se quisesse, obter um cartaz internacional. Recebeu, certa vez, elogios de Tommy Dorsey; e agora recebe os meus, que o envaidecem muito mais... Pagano Sobrinho, humorista de São Paulo que está fazendo uma temporada numa emissora carioca, e num bar de Copacabana, sem remuneração, agradou em cheio. Improvisa com tanto desembaraço que a gente tem a impressão de que êle decorou as coisas. E conta os enredos dos filmes que viu que é uma maravilha, só vendo. Quando quiser pagar um chope é só chamar que eu vou. Lá mesmo... Ivon Curi é uma atração, num palco. Cantando em francês, abafa cem por cento, qualquer cartaz original da França. E, se não sabiam, fiquem sabendo que é um humorista de primeira, e faz imitações deliciosas. Também é compositor, interessa?...

4 E ia me esquecendo de um detalhe importante. A «Rainha» não foi coroada, como foi anunciado. Porque não havia «coroa»; os críticos estavam só com a cara. Por isso, no momento solene, surgiu uma faixa — e o locutor Manuel Jorge anunciou, muito sério, que a estrêla Eliane Lage seria enfaixada...

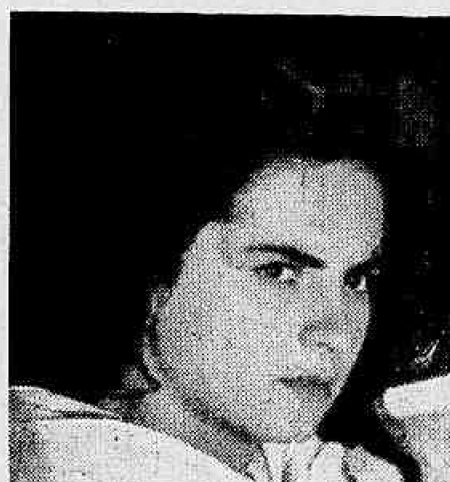
5 Agora, a nota pitoresca do assunto: o mistério do 5º andar. Era lá em cima que estavam abrigadas as estrêlas. Uma turma de meninotes, representantes de jornais meninotes também, andava inquieta. Depois das 3 da madrugada era um barulho infernal: telefones tilintando, portas batendo, sussurros. Alguém sugeriu que se fizesse sinais luminosos, nos cruzamentos dos corredores, e mão e contra-mão, em determinados horários. Mas não adiantou, porque depois das cinco o negócio era mesmo «mão única»...



ELIANE LAGE
Rainha do cinema: simpatia



JOSÉ LEWGOY
Melhor ator: bom humor



MARISA PRADO
Melhor atriz: candura

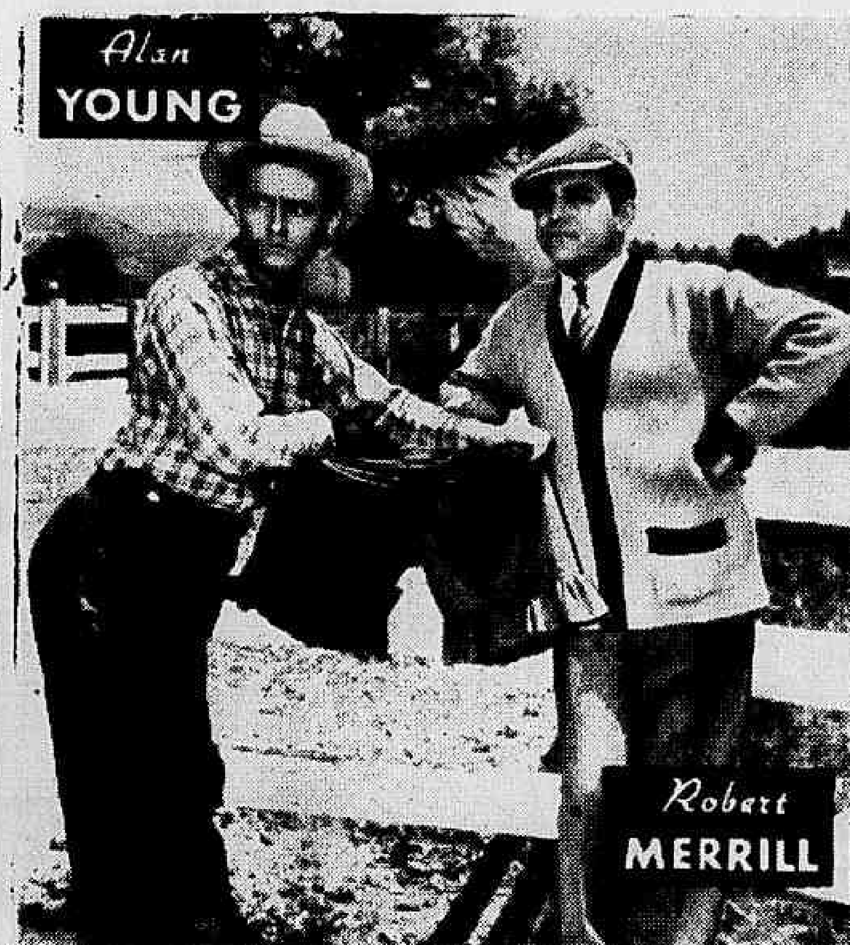


BENÉ NUNES
O melhor «show»: fenomenal

Cinema

CINEMA













FOTOS PARAMOUNT

FLASHES DE HOLLYWOOD

EM Hollywood tudo acontece. Até isso. No duro. Vocês nem de longe podem imaginar as coisas que os astros e estrêlas vivem fazendo, por trás das câmaras, nos intervalos de filmagens. Mas o nosso correspondente secreto toma conhecimento de tudo. Aqui vão, para começar, algumas das «coisas» que êle conseguiu fotografar — sem que os astros sequer percebessem. Vejam só:

A glamorosa Hedy Lamar, que está interpretando seu primeiro papel de comédia ao lado de Bob Hope em «A Cigana me Enganou» (My Favorite Spy), aderiu de todo a essa campanha do bom humor adotando a célebre máxima do vaudeville que é «Faça rir seja lá como fôr», mesmo depois de ter sido sèriamente machucada durante a filmagem dessa farsa romântica. O fato aconteceu durante uma das hilariantes seqüências no final do filme no qual Hedy e Bob, como agentes de espionagem, percorrem às tontas a África do Norte, disfarçando-se em bombeiros, indo de aventura em aventura. Numa dessas confusões Hedy caiu, torcendo gravemente o tornozelo. Com médo de ter ferido sèriamente sua linda parceira, Bob, assustado, deixou de fazer um dos seus habituais improvisos. Hedy, vendo isso, resolveu reconfortar-lhe o espírito dizendo-lhe num sorriso envolvido numa careta de dor: «Bob, você está me matando de riso e de outros modos, também!» Aqui, seu repórter indiscreto apanhou uma pose de Hedy, que é uma das melhores artistas amadoras de Hollywood, quando ela fazia a caricatura do despreocupado Bob Hope em seu vestiário, no «set» da Paramount.

UMA completa mudança de gênero foi temporàriamente executada agora pelo famoso barítono Robert Merril, luminar astro cantante do filme «A Felicidade Estava Perto» (Aaron Slick From Punkin Crick). Eminente cantor de óperas, tendo dado diversos concertos realizados com o maior sucesso por tôda a América, Merril é excelente em sua interpretação da Canção do Toreador da «Carmen», de Bizet, e agora resolveu também enfrentar touros. Mas nessa comédia desenrolada no campo, cheia de música, mas na qual êle não canta uma só ária de ópera, Bob interpreta o papel de um jovem da cidade que ao se ver perseguido por um touro feroz, é salvo do mesmo pelo bravo matador Alan Young, querido e conhecido ator cômico. «No palco do Metropolitan» Bob dá impressão de que vai matar os seis touros», disse Alan, mas na tela, eu é que tenho que dar conta dêsse serviço». Notem a seriedade que apresenta nessa foto o «matador» Alan Young recebendo instruções sôbre a arte de torear dadas pelo mais jovem veterano no papel de Toreador na ópera. Parece que êles sabem tudo sôbre a arte. Agora vamos ver a arte do touro...

DEPOIS disso ficamos convencidos de que o dia era para graças, e em vista disso apressamo-nos a ir para o «set» da Paramount do filme «O Biruta e o Folgado» (The Stooge) para visitar os queridos Dean Martin e Jerry Lewis, a dupla cômica número um de todos os tempos. Aproveitando um dos momentos de loucura dos dois, o seu re-

pórter assestou a câmara para êsse instantâneo dos dois loucos e da linda Polly Bergen, que também aparece na comédia de Hall Wallis. Parece que os rapazes exageraram ao demonstrar sua apreciação pelo trabalho de Polly no filme, pois atocharam literalmente o seu vestiário de flores, e Polly, para demonstrar gratidão aproximou-se de ambos para agradecer com um abraço e um beijo a cada um. Só depois é que ao procurar respirar o perfume das flores é que notou que eram tôdas de papel!... Polly recusou-se a continuar seu trabalho no filme enquanto os dois farsantes não comessem pelo menos as petúnias que havia no quarto. Parece que de agora em diante a dupla deixará de brincadeiras no gênero dessa. De outra vez ou enviam flores mesmo de verdade ou apenas farão cumprimentos verbais, fáceis de engulir, se a coisa se complicar.

OS infatigáveis atores de cinema, mostram, uma vez ou outra, sinais das semanas e meses de trabalho num filme, mas coisa alguma, a não ser algum desastre, os impede de gracejar uns com os outros até a filmagem da última cena de uma produção. O diretor William Wyler estava filmando «Entre duas lágrimas» (Carrie), no momento em que Laurence Olivier e Jennifer Jones, em caminho para Chicago onde se casariam, estão de pé na parte traseira de um vagão de estrada de ferro. Nesse dramático romance decorrido no princípio do século, Olivier sacrifica família, posição e fortuna para desposar Jennifer Jones, que êle ama loucamente e vem a perder mais tarde. O vagão está equipado de molas que dão a ilusão de movimento, se bem que não se mexa um centímetro do lugar em que está, sendo que a paisagem é que desfila através das janelas do trem. Enquanto Larry abraça Jennifer esperando o momento de começar o diálogo, Wyler grita para os homens encarregados de balouçar o trem: «Dêm um impulso nisso!» O que fêz com que Laurence Olivier fingindo indignação exclame: «Isso é maneira de dirigir uma cena de amor entre dois grandes atores dramáticos como nós?» Todos riram do espírito de Larry que, por causa do seu trabalho em «Entre duas lágrimas» criou imensa popularidade entre os trabalhadores do «set» com quem vive conversando para americanizar o seu acento britânico, pois nesse filme êle é natural dos Estados Unidos. Spencer Tracy tem sido o seu melhor professor, pois Larry procura imitá-lo por achar sua pronúncia do inglês inteiramente a seu gôsto. Só temos medo de que o querido Spencer ensine algumas frases brabas ao até aqui impecável Sir Laurence Olivier...

UM pouco de riso era exatamente o que se fazia necessário no «set» para aliviar a tensão que reinava ao ser feita a filmagem de «Na Voragem do Vício» (Something To Live For), com Ray Milland e Joan Fontaine. A romântica dupla estava caminhando pela rua numa cena sob a chuva fabricada no estúdio. No entrecho, Joan interpreta o papel de uma atriz de palco que tinha um fraco pelo álcool e Ray tenta curá-la do terrível vício que já o empolgara no passado mas de que está liberto agora. Nem uma só vez no filme êle toca em álcool. Caminhando sob a chuva, Ray pára defronte da barraca de uma florista e compra para Joan um pote no qual está plantado um pé de gerânio que apresenta à moça com uma galante mesura. Nesse momento êle espirra, a cena é cortada e êle grita para o diretor: «Será que não é possível fazer chover uma «pinguinha» em vez de água para evitar que eu me resfrie?»

CONTANDO anedotas um ao outro, estavam Josef Cotten e Corine Calvet quando batemos esta chapa no «set» em que Hall Wallis os está dirigindo em «O Expresso de Pequim» (Peking Express). Se bem que Joe diga que essa anedota é velha como a Sé de Braga, rimos a valer quando êle contou que um soldado da guerra passada que tinha vindo das linhas da frente para descançar em sua aldeia natal enquanto estava de licença, encontrou um conhecido que mugia pacificamente uma vaca. «Como é, rapaz, porque em vez de trabalhar aí você não vai para a frente?» pois assim se dizia naquele tempo das linhas de fogo. Ao que o jovem fazendeiro respondeu na maior inocência: «Porque a vaca não dá leite na frente, companheiro, só aqui atrás mesmo».

NAS TELAS

AREIAS ARDENTES

(PRODUÇÃO NACIONAL ATLÂNTIDA)

(SESSÃO ESPECIAL)



É muito fácil sair do cinema, depois de assistir a essa fita, e exclamar: "Uma droga!" De fato, muita gente achará assim. Mas, julgando-a dentro do padrão nacional, a Atlântida merece louvores, pelo equilíbrio de suas produções. "Areias Ardentes" me pareceu, contudo, um filme pretencioso e fracassa redondamente dentro de suas finalidades, pois não consegue nem de longe, ser um filme artístico nem tampouco terá sucesso de bilheteria. A história, extremamente mal contada, mal delineada, não pôde ser penetrada a fundo pela câmara de J.B. Tanko, um novo diretor — de possibilidades. O espectador, por isso mesmo, fica na superfície dos acontecimentos, boiando, sem nada entender. Fica iludido, isso sim, por uma fotografia bonita, com bonitos enquadres, boa iluminação, tanto de exteriores, e uma adequada movimentação de câmara. As interpretações, de um modo geral, estão corretas. Todos os atores estão sóbrios, discretos, vivendo, tanto quanto possível, seus papéis. A começar por José Lewgoy que, embora fugindo ao gênero de vilão, apresenta o seu melhor trabalho até agora. Está completamente à vontade. Fada Santoro, melhor do que nunca, revela-se, evidentemente, uma boa atriz que, certamente, será aproveitada em papéis mais importantes. Ainda está mais bonita do que atriz, mas, em outros papéis é bem possível que seu talento supere sua beleza. Renato Restier, sincero, correto, iguala-se aos dois principais. Cy Farney, bem melhor do que em qualquer outro filme já feito até agora, deixa bastante a desejar na figura do médico. Mas isso não é culpa sua, porque a fita precisava de um galã e a Atlântida parece que só conta com o seu nome. Margot Bittencourt — "melhor revelação de 51" (?) — fotografa bem, às vêzes. Contudo, não tem classe nem para andar. Não sabe falar. E representa mal. Será que isso faz parte do seu papel?... Luíza Barreto Leite, menos exagerada, começa a compreender que cinema não é teatro (onde, aliás, é uma grande atriz) e começa a adaptar-se. Ainda bem. A música de Leo Perachi empresta colorido dramático a algumas cenas. Os músicos brasileiros começam a se interessar pela sétima arte e sentem a fascinação que ela exerce sôbre o seu espírito. Assim, esta é mais uma das boas partituras nacionais que temos ouvido em filmes indígenas. Pena que "Areias Ardentes" tenha muita coisa ruim que poderia ter sido evitada. E' pena que a história, e especialmente a cenarização, não a tenham tornado clara do ponto de ser compreendida pelos que a estão vendo pela primeira vez. Poderia ter resultado num bom espetáculo.



DUELO AO SOL (Duel in the Sun, Selznick) — Henry King quis, sem dúvida, repetir o sucesso de bilheteria de «...e o vento levou». E até certo ponto o conseguiu. «Duelo ao Sol» é um «western» de luxo; precioso demais para os resultados obtidos. Contudo, agrada. Os amantes do bom cinema o receberão com reservas. Não se pode negar que tenha muito boas cenas e que prende o interêsse do espectador. Gregory Peck, muito bom no homem mau; Joseph Cotten, idem, no homem bom. Jeniffer Jones num ótimo desempenho.. Destaque-se a fotografia e a esplêndida partitura.



DIZEM QUE E' PECADO (People will talk, 20th Fox) — Joseph L. Manciewicz, criou um gênero novo no cinema, com o traço de sua personalidade, depois que apresentou «Quem é o Infiel» e «A Malvada», comédias dramáticas de crítica à sociedade. «Dizem que é pecado» é outro êxito seu. Embora baseado numa peça teatral, tem muito cinema — e bom. A crítica, desta vez, atinge a classe médica, resvalando também para outros ângulos, dentro do mais delicioso bom humor. Cary Grant, esplêndido no papel de Dr. Praetorius e Jeanne Crain, mais bonita e talentosa. Espetáculo divertido.

★

O COLAR DE CORAL (Produção nacional, Cine-Filmes Ltda.) — Filme audacioso. Audacioso no sentido de ser apresentado. Assim como foi vergonhosa a sua exibição, não queremos incorrer no mesmo êrro de fazer algum comentário. Mesmo porque não conseguimos aturar a primeira cena; saímos logo. Conclusão: um filme sôbre cobras, feito por gente que tem mentalidade de minhoca.



A TORTURA DA CARNE

"L'EDERA"

ELENCO:

COLUMBA DOMINGUEZ — ROLDANO LUPI — JUAN DE LANDA — FRANCA MARZI — GUALTIERO TUMIATI — NINO PAVESE e outros

Extraído do romance de **Grazia Deledda** — Redução cinematográfica por **Augusto Genina** — Cenários de **Augusto Genina** e **Vitaliano Brancati** — Diretor de Produção — **Vittorio Ferges Davanzati** — Fotografia de **Marco Scarpelli** — Costumes de **Dario Cecchi** — Música de **Antonio Veretti** — Apresentação da **Art Films.**





EM Sardenha, num restrito povoado, sem história passada devido à sua grande simplicidade, vive a família dos nobres Decherchi, fiéis as mais antigas tradições de sua casta, porém às margens da ruína financeira, ao que parece, estão resignados passivamente, na esperança de que Tio Zua, um velho parente rico, enfêrmo, que vive em sua companhia, os be beneficie com seus bens.

Porém o velho, sòrdidamente avarento, quanto maior é a ruina sôbre os seus, mais àsperamente os trata, ficando cada vez mais seguro ao dinheiro. E' o mais velho da família e justamente quem merece o mínimo pertencer. Êle é sabedor das relações amorosas que ligam Dom Paulo, seu simpático sobrinho, viúvo, porém muito jovem, com Annesa, uma jovenzinha extravagante, filha de desconhecidos. Esta, que havia sido acolhida pelos Decherchi, tornou-se a alma da casa. E' mulher, capaz de fortes sentimentos e de paixões bem elaboradas, passa sua vigiada e intensa vida cotidiana entre as paredes da grande mansão, a qual se adere, quase fundindo-se com ela, da mesma maneira como a «héra» se enrosca, por um segrêdo miraculoso da natureza, ao frondoso tronco de árvore.

A convivência de Annesa com os Decherchi e, sobretudo, o seu grande amor por Dom Paulo, refinaram curiosamente seu temperamento selvagem ao ponto de descuidar-se de um seu antigo namorado, de igualdade social, um jovem pastor. Annesa odeia cada vez mais o Tio Zua, que no seu conceito é o único espírito mal existente naquele paraiso terrestre, o velho solar dos Decherchi. Longe de Deus, devido ao seu ateismo e ligações ilegais com Dom Paulo, de quem está loucamente apaixonada, sua inquietude se

transforma em desespêro quando, havendo fracassado alguns pedidos de empréstimo, o solar tem a sua desvalorização e é dominado pelos credores, e Dom Paulo, que seguira viagem em busca de ajuda para evitar a eminente ruína, comunicara-lhe secretamente que se não encontrar o dinheiro, matar-se-á. Durante sua ausência, depois de haver oferecido na triste casa, uma refeição aos pobres, ato praticado anualmente, conforme tradição da família, Anesa ficara só com o avarento Tio Zua que em agonia diz muitas asneiras e ofensas a pobre rapariga, porém continua às portas da morte. A jovem olha fixamente o velho enfêrmo, que, em vida nada quer fazer para salvar os seus, mas saindo dêste mundo, que êle diz ser o inferno mas tem pena de deixá-lo, satisfaria a todos e salvaria o nome da nobre família. Dominada pelo pensamento de que a ruína dos Decherchi não deixaria que tornasse a ver seu amante, joga-se sôbre o miserável e sufoca-o com uma toalha.

Logo após ter praticado o delito, a jovem ouve a voz de Dom Paulo chamando pelo seu nome. Êle vem feliz e contente porque uma bela viúva, depositando-lhe imensa confiança, lhe havia emprestado o dinheiro necessário para pagar aos credores. Agora, êle tem a intenção de trabalhar corajosamente e de casar-se o quanto antes com sua adorada Annesa. A jovem, desesperada, sente todo o pêso da culpa do crime cometido inùtilmente e foge. As más línguas do povoado, que nem sequer o Padre Virdis, um grande amigo de todos e particularmente dos Decherchi, consegue fazer calar, acusam a família de haver provocado a morte do velho Tio Zua. Em vista disto, a mansão é posta sob severa vigilância e se procede a autópsia do cadáver; no entretanto, Annesa que havia se refugiado na cabana de um velho pastor, nas montanhas, encontra no seu esconderijo um castigo divino para começar a pagar seu grande pecado; Annesa é acometida de um acesso de loucura. Mais tarde, ao se defrontar com o Padre Virdis que ali fôra levado por um velho Pastor, não tem mais remédio senão confessar sua culpa e decide voltar para apresentar-se às autoridades, salvando assim seus benfeitores.

Mais tarde, voltando ao povoado em companhia do sacerdote, Annesa inteira-se de que a autópsia havia estabelecido morte natural para o Velho. A jovem cái em prantos e agradece ao Padre Virdis a grande fé de que agora em diante passa a ser possuidora. A idéia de voltar a ver seu amante, de voltar a viver como dantes e sem pêso algum na consciência, destrói em Annesa a conquista moral e a jovem cria no coração a fé concebida quando em seu arrependimento; ela corre desatinadamente para abraçar outra vez seu querido Dom Paulo, o único e verdadeiro amor de sua vida, pelo qual sacrificou sua consciência inùtilmente, demonstrando para si mesma o quanto é grande a amizade em seu coração.

Dom Paulo se mantém firme no propósito de casar-se com Annesa agora que a tranqüilidade voltou juntamente com o amor desta jovem que reluz em sua visão em todos os instantes de sua vida. Confessara seu amor ao Padre Virdis e diz que o quanto antes, amanhã mesmo; êle quer que Annesa se torne sua espôsa. Da mesma maneira que chega a felicidade para a jovem Annesa, ela vê em seu grande amigo, o Padre Virdis, um juiz mudo de sua consciência. Poderá ter como espôso aquêle homem tão bom como Dom Paulo? Annesa dá a compreender que aceita as propostas de seu amante porém, com o coração cheio de dor e sofrimento foge de casa pela segunda vez e pede ainda o auxílio do Padre Virdis. O sacerdote lhe aconselha deixar para sempre o povoado partindo em busca de terras estranhas; sofrendo esta separação ela poderá expiar sua culpa, purificando sua alma e renunciando ao homem a quem ama tão loucamente. Poderá ainda um dia ser digna de si mesma e viver a vida que sempre sonhara. Dom Paulo que ignora as intenções de Annesa, como que guiado pelo instinto, segue a galope uma diligência, ignorando que ali dentro ela carrega para longe daquele lugar onde fôra tão feliz a criatura por quem se apaixonara de corpo e alma. Não podendo suportar sua curiosidade, chega perto da diligência e verifica que Annesa é o imã que lhe atraía. Entabolam uma conversa e então Dom Paulo descobre que a jovem pretendia partir atrás de outra vida e talvez — quem sabe? — outros amôres! Com a intervenção de seu amante, a pequena se vê obrigada a descer da mesma, interrompendo a intenção da fuga. Annesa está desesperada, ama demasiadamente Dom Paulo para permitir que seja tão amargurado. Verificando que nenhuma outra causa poderia transtornar sua paixão, ela confessa o horror de sua culpa e revela o castigo que ela mesma escolheu, pedindo-lhe que, para conseguir isto, êle também deve sofrer um pouco com aquela que tanto sofreu por um grande amor.









O que vai pela Broadway



DOROTHY LAMOUR
Só vale de «sarong»

NEW YORK (Correspondência de Jackson Flores) — Irresistìvelmente absorvente é essa película «5 Fingers», que o cinema Roxy lançou esta semana. Produzida por Otto Lang para a 20th Century Fox e dirigida pelo famoso Joseph L. Mankiewicz, «5 Fingers» é baseada numa história de L. C. Moyzisch, estrelando James Mason e Danielle Darrieux. Possuindo uma trama fascinante, essa película baseia-se em fatos narrados no livro «Operation Cicero», escrito por L.C. Moyzisch, attaché militar da embaixada nazista em Ankara, durante a guerra passada. Moyzisch conta como Ulysses Diello, empregado da embaixada britânica em Ankara, fotografava documentos altamente confidenciais guardados no cofre daquela embaixada, vendendo-os depois aos nazistas. Com James Mason interpretando o papel de Diello, que os nazistas convencionaram chamar de Cícero, essa história de espionagem desenrola-se num clima de contínuo «suspense», consideràvelmente ajudado com as cenas filmadas em Ankara e Estambul, onde se desenvolve a ação do filme. James Mason está excelente no papel de Ulysses Diello e Danielle Darrieux desempenha-se muito bem, interpretando uma inescrupulosa condessa. O final dessa incrível história baseada em fatos verídicos, é qualquer coisa de notável. A direção de Mankiewicz é magnífica e vocês serão surpreendidos com alguns bons «shots» do Rio de Janeiro. «5 Fingers» é uma película fascinante, absorvente, bem interpretada e dirigida. E' pena que vocês não estejam aqui, porque, além dêsse excelente filme o cinema Roxy apresenta no seu show do palco a Dorothy Lamour. E' isso mesmo, ela aparece de «sarong»...

★

Ùltimamente eu tenho visto tantos filmes de índios, que até em sonhos me vejo perseguido pelos «peles-vermelha». Por essa razão é que vacilei um pouco ao assistir a «Distant Drums», da Warner Brothers, com Gary Cooper. Essa película que teve a direção de Raoul Walsh, não me decepcionou; ao contrário, manteve-me atento durante todo o tempo e ao final fiquei convencido de que uma história sôbre os índios, desde que seja bem interpretada, movimentada e bem dirigida, ainda pode ser vista sem provocar tédio. «Distant Drums» conta as primeiras tentativas de contato com os índios Seminolas, que viviam disseminados pela Flórida. Filmada em tecnicolor no próprio local onde se desenrola a história, essa película está repleta de ação que a transforma num espetáculo interessante. Gary Cooper, interpretando o papel de um capitão do exército americano à testa de um grupo expedicionário, desempenha-se convincentemente. Mari Aldon é a figura feminina do filme, que consegue despertar a atenção de Gary Cooper, quando êle não está ocupado com os índios. Se você já está cansado de filmes de índios, veja «Distunt Drums» que, talvez, tenha o efeito de um antídoto.

CINEMA

Liz CONTINUA Solteira!

Fotos COLUMBIA

Apesar de amar os mais disputados galãs da tela, na vida real Lizabeth Scott prefere a solidão...

O verdadeiro responsável pel êxito de Lizabeth Scott na tel foi Hall Wallis. Porque foi êle quem lhe deu sua grande oportunidade em filmes como «You Came Along» e «Th Strange Love of Marta Yvers». Aí meio mundo a conheceu — e todos o rapazes da terra se apaixonaram po ela. Dezenas, centenas, milhares d cartas chovem, de todos os recanto do globo; a maioria fazendo propos tas de casamento. E um mistéri continua intrigando a todos: enquan to astros e estrêlas se casam e se di vorciam diversas vêzes, Liz Scot continua solteira.

— «Quando me casar, será defini tivamente. Não encontrei ainda o ho mem que viverá comigo eternamente Essas aventuras fugazes, atrapalhan a carreira de uma artista. Não é me gênero de publicidade, explicou Li recentemente, a um jornalista.

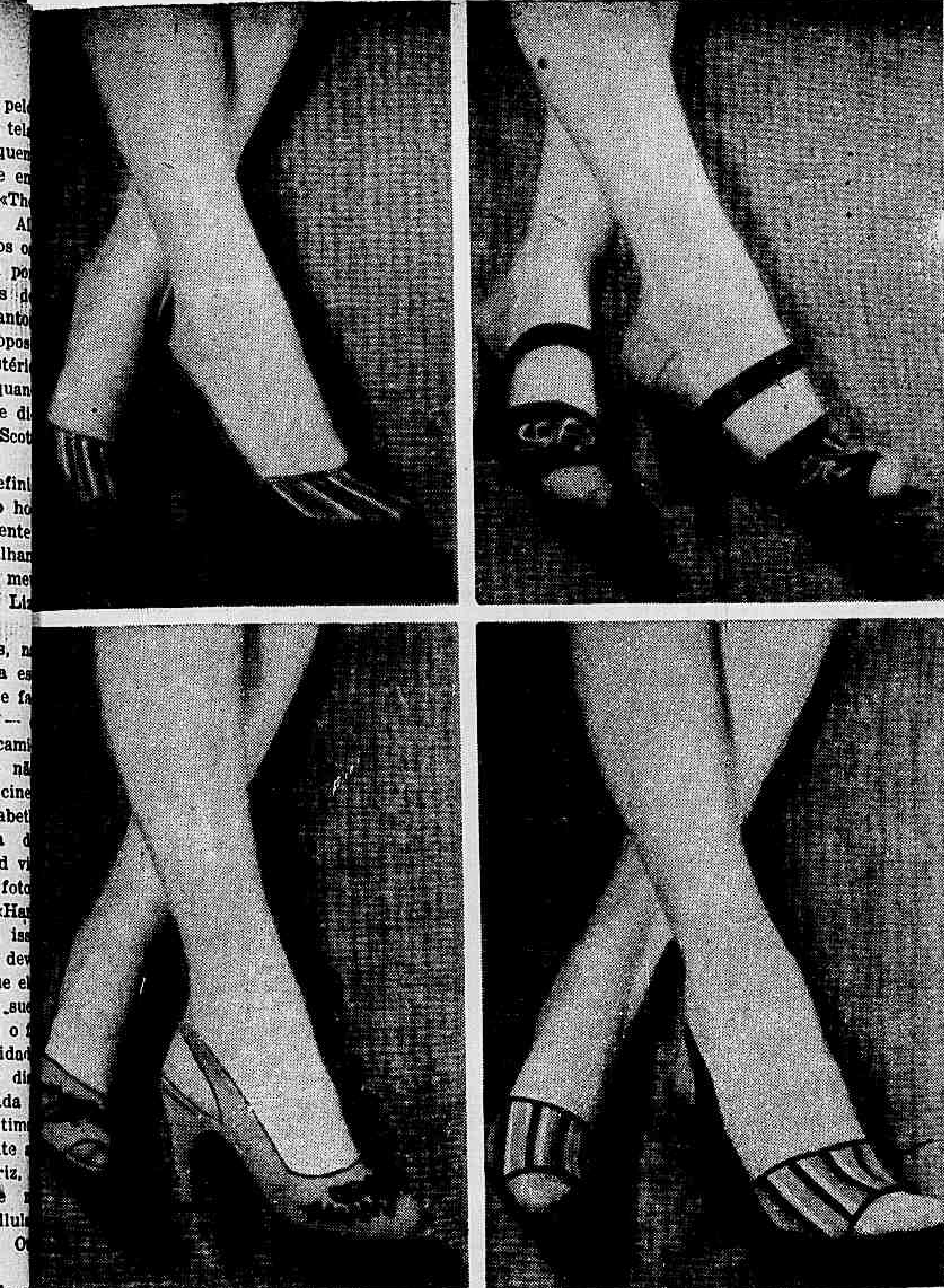
E se passarmos os olhos atrás, n carreira de Liz, veremos que ela es tá com a razão. Embora já fôsse fa mosa nos teatros da Broadway — que geralmente significa meio cami nho andado para Hollywood — nã foi por isso que os produtores cine matográficos contrataram Lizabet Scott. Essa sensacional sereia d olhos verdes chegou a Hollywood vi «model route» isto é, devido às foto de modas por ela posadas e que «Ha per's Bazaar» publicou. De fato, iss foi assim. Em verdade Lizabeth dev o seu contrato a uma foto em que el parecia vestindo um conjunto de su ter e calças de esporte. Imagine o quanto é poderosa a personalidad dêsse «meteóro»!... Mas, apesar di so, Lizabeth Scott é considerada maior «descoberta» dêstes últim tempos e deve isso exclusivamente seu talento. E' uma grande atriz, já tinha provado sobejamente Broadway quando substituiu Tallul Bankhead na peça «Skin of O Teeth».

Miss Scott nasceu no dia 29 de s tembro de 1923, em Scranton. Eliz beth é realmente o seu nome e el apenas tirou-lhe a primeira letra, p ra chamar atenção pela originalidad Publicidade, compreendem!... Quan do ela pensou deixar sua cidade p ra tentar sucesso no teatro, encon trou cerrada oposição de sua mã Afinal Mrs. Scott, ante a insistênci da filha, acabou concordando e dan do-lhe a suspirada permissão (o qu talvez não fôsse lá muito important e o dinheiro (isso sim!) para que el cursasse a Alviene School of Dram em Nova York. Terminado o curs Lizabeth entrou para a companhia Olson e Johnson, e com ela andou r presentando «Hellzappopin», aquê celebérrimo «show». Entrementes aumentando as suas minguadas re das posando como modêlo de moda que foi, afinal, o que lhe abriu portas de Hollywood. Depois de um curta temporada de verão no Bart Theatre em Abingdon, Va., a garô voltou para New York e consegu que lhe dessem aquêle «role» de S die Thompson na peça «Chuva», ent levada à cena no Teatro da Rua 52 Tão impressionante foi o seu desem penho que imediatamente um empr sário da Broadway a contratou. Or o homenzinho tinha em seu teatro Ta lulah Bankhead estrelando «Skin Our Teeth». E uma bela noite Tallu lah adoeceu. Não houve dúvidas. Cha maram Lizabeth para substituí-la. E a garôta consagrou-se com uma «per formance» memorável, saudada pelo público e pela crítica com os mais ru dosos aplausos. Entretanto isso não impressionou a turma de Hollywood. Impressionados êles ficaram foi com

(Cont. na pág. 4

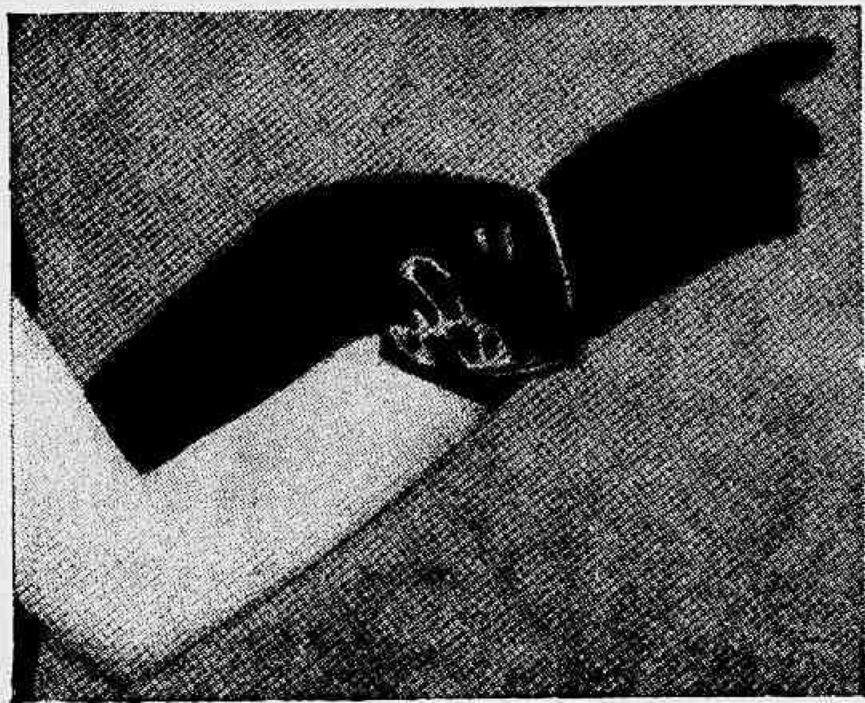


LIZABETH SCOTT ACHA QUE A ARTE E O AMOR NÃO SE COADUNAM: SÒMENTE SÒZINHA PODERÁ VENCER!





Detalhes originais



Um chapéu de gôsto original, ainda que simples. Tipos de calçado criados pelo sapateiro parisiense Casale, para a primavera. Adereço, decote e mangas, na foto à esquerda. Finalmente, uma luva de cano com porta-níqueis.







Aspectos variados da moda







ão variadas as sugestões destas páginas mas a nenhuma
alta o "chic" próprio da ocasião a que se destina o traje.

PUXE PELO CÉREBRO

NOSSA PÁGINA DE TESTES — OS SEIS PONTOS DA CULTURA

Nenhuma resposta certa ..	Estado primitivo	Homem-macaco
De 1 a 3	Cultura inferior	Selvagem
De 4 a 6	Cultura média	Estudante ginasial
De 7 a 11	Cultura superior	Universitário
De 12 a 14	Genial	Um sábio
Tôdas as quinze		O gênio em pessoa

1 — QUE QUER DIZER PROPRIEDADE «ABACIAL»:

— A que não foi herdada?
— A que se refere a Abádias?
— Ou a que não pode ser negociada?

2 — QUAL DÊSTES TERMOS SIGNIFICA «LADRÃO DE GADO»:

— Abactor?
— Abacelador?
— Emboaba?

3 — SE UMA PESSOA DIZ: COMPREI UMA «PANTALHA»:

— Quer dizer que se deu mal?
— Refere-se a um abajur?
— Ou a uma pechincha?

4 — QUE VEM A SER «ABATIS»:

— Uma espécie de abacate?
— Lugar de matar bois?
— Trincheira feita com árvores cortadas?

5 — UM SINÔNIMO PARA «CAPATAZ»:

— Abegão?
— Presbítero?
— Almocreve?

6 — QUAL O SIGNIFICADO DE «ABESANA»:

— Junta de bois?
— Multidão de abelhas?
— Comida oriental?

7 — UMA PESSOA QUE É CONDENADA POR «ABIGEATO»:

— Matou alguém?
— Roubou gado?
— Seduziu a mulher do próximo?

8 — QUAL O NOME CIENTÍFICO DA «GERAÇÃO ESPONTÂNEA»:

— Sindromia?
— Ontogenia?
— Abiogênese?

9 — QUAL DENTRE ÊSTES ANIMAIS É «ABRÁQUIO»:

— A cobra?
— O tamanduá?
— O macaco?

10 — DE QUE ESTADO DO BRASIL SE ORIGINOU A COMIDA CHAMADA «ACAÇÁ»:

— Rio Grande do Sul?
— Ceará?
— Bahia?

11 — UM OFICIAL MANDOU QUE SEUS SOLDADOS ACAÇALASSEM AS BAIONETAS. QUE QUIS ÊLE DIZER:

— Que as retirassem dos fuzis?
— Que as brunissem, limpando-as bem?
— Ou que as quebrassem?

12 — NOS TEMPOS DA ESCRAVIDÃO NEGRA, PODIA-SE COMPRAR UM «ACAFATE» POR BAIXO PREÇO:

— Era um negrinho menor?
— Um carneiro para montada de crianças?
— Um cestinho de vime?

13 — A QUE CHAMAVAM OS NOSSOS INDÍGENAS, «ACARATINGA»:

— A uma espécie de caranguejos?
— A certa embarcação?
— A garça real?

14 — QUE NOME SE DÁ A UMA PROPRIEDADE QUALQUER SEM CHEFE DIRIGENTE:

— Estulta?
— Acéfala?
— Ingênita?

15 — QUE VEM A SER «ACENDALHA»:

— Fagulhas?
— Cavacos para acender fogo?
— Travessa para reforçar as portas?

(Respostas na página 50)

O CAMUNDONGO

(Cont. da pág. 23)

as autoridades constituídas, isso representava um grave problema, pois que a malandragem cobraria mais ânimo com essa "morte heróica" e indiferentismo do bandido.

O diretor do presídio, porém, preparara o "golpe de cena". Sabedor da ojerisa de Ralf, na hora em que êle se preparava para dirigir umas palavras à assistência, soltou, sorrateiro, um camundongo que aprisionara num dos depósitos do local.

Foi quando Ralf, sorriso cínico a lhe fender a fisionomia rude, circuncagava o olhar de desprêso que viu o ratinho correr célere em sua direção.

Um uivo, um berro fenomenal de terror, um empalidecimento mortal e um desmaio!...

Foi dessa forma que morreu o "perigo nº 1", desmoralizando tôda a "gang" de sua terra...

PAPÉIS TROCADOS

(Cont. da pág. 26)

Marcolino entrou de novo, espremendo o chapéu nas mãos trementes.

— Por favor, «seu» Delegado. Não me prenda...

— Que vai te prender, «seu» idiota!? E em tom confidencial chamou-o a um canto: Escuta aqui. Vá embora, não preciso de seu depoimento. Toma lá 100 cruzeiros, mas com esta condição: Não conte a ninguém que você me viu aquela noite na estrada, hein? E muito menos com uma mulher. Vá, suma! Está perdoado, desapareça!

Marcolino, confuso e surprêso, pegou a nota, e aos cambaleios saiu para a rua. O Delegado ainda pálido suspirou mais uma vez, e tomando um copo d'água comentou com o continuo, seu confidente:

— De boa escapei, Rodrigues. Imagine que êsse caipira que aí veio, é o tal que me viu quando eu estava com a Ivette numa farra memorável.. Quase me faz a caveira... Uff!...

O NOIVO DE AURÉLIA

(Cont. da pág. 34)

to, mesmo! E sabe duma coisa? — eu penso que o casamento não depende tanto do amor como da mútua compreensão.

Concordei quase sem querer, e quase sem querer também foi que lhe disse:

— Parece que você já teve algum grande desengano...

— E' verdade, mas estou completamente curado.

— Está mesmo?...

Manolo sorriu desta vez com mais franqueza e desviou o assunto perguntando:

— E você? Não me conta nada?

— Nada tenho a contar, Manolo; ainda não vivi. Além disso, prefiro ouvi-lo.

— Deveras?

A voz grossa do chefe do trem interrompeu-nos:

— «Fechar as janelas, por favor; vamos passar o túnel grande».

Manolo ergue-se, como os outros, fechando-a. Ao sentar-se, porém, um solavanco maior fê-lo amparar-se de qualquer jeito. Então, sua mão, resvalando do bordo da poltrona, caiu pesada no meu ombro, descendo pelo meu braço...

O caso era p'ra rir; rimo-nos... mas súbito, quando nossos olhares se encontraram, aconteceu o inesperado:

Manolo, sentindo o contacto da minha pele fresca, paralisara o seu gesto; eu, sentindo o tremor de seus dedos longos naquela carícia inopinada, corei. Um delicioso embaraço ficou sublinhando o sorriso que se apagara de nossas bôcas...

Nesse instante acenderam-se as lâmpadas no vagão, marcando a entrada no túnel grande...

★

Aurélio tem um coração de ouro. De ouro, não; de platina! Não brigou comigo, não chorou, não se lastimou. Disse apenas: — «Foi o destino!» Sua voz era triste...

Sua vida, tão bonita e tão pura, continua a estiolar-se na luta diária da casa.

Filosofando, com a maior calma dêste mundo, deu seu lindo enxoval para uma noiva pobre. Continua «titia».

Eu, às vêzes, fico pensando, dolorosamente, no que eu tive coragem de fazer! Como pude casar-me com o noivo de Aurélia!...

DELORE GURGEL

A INSATISFEITA

(Cont. da pág. 2

nela um ar de distinção, uma certa a mosfera serena que a destacava c vulgar, e que não tinha nada de comu de forma que o seu tipo e sua atitude colocava à parte.

Porter, que a acompanhava e seguia com os olhos, ao vê-la atraves os gramados, sentiu que essa mulher julgava o centro das atenções ambi tes, caráter êsse que tocava os lir tes da insanidade. Porter passou en a comparar as qualidades de Ma diante das de Jeliffe. Uma, tão afetad a outra, a simplicidade em pessoa.

A presença de Mary naquela fes teria significado muito mais para personagens que ali se encontrava e a poderiam conhecer e estimar. Ma teria outra espécie de admiradores, se qualquer semelhança com a multid louca que contemplava Delilah Jelif

Colin Quale também lá se acha a fim de colhêr os louros da transf mação de seu "modêlo". Vinha a quenos passos atrás dela, renden homenagens ao gênio que havia enc trado o seu, e com êle tanto se adapto

— Eu a pintarei nesse vestido, dis êle a Porter; será minha obra prim E se você a houvesse visto na noite que a conheci!

Porter sorriu.

— Ela me disse.

— Era uma coisa inacreditável. M parecia indumento para noviciado. tida em roupas que tinham por ocultá-la. Uma coisa monstruosa.

E prosseguiu:

— Muito poucas mulheres há, pel quais eu pudesse fazer tanto, como por ela. As outras não têm essa culdade de adaptação, êsse temper mento. Talvez que houvesse uma out a quem eu pudesse também transfo mar, mas não tive nenhuma oportu dade. Era uma loura pequena e lind Era a mulher de um pastor. Pared uma santa, e devia usar côres nítid

omo o verde-claro, o vermelho ou o zul. Mas tinha o hábito de só vestir egro. Por vêzes perguntei a mim mesmo se aquela mulher era tão santa como fazia crer a quem a via. Depois houve um divórcio, e, segundo penso u, por causa de um outro homem. Ela morreu logo depois...

Porter, que o ouvia distraidamente, nterroga:

—Que tipo de mulher era ela?

— Era angélico à perfeição. Eu teria gostado muito de ensinar-lhe como se estir.

— Chegou a dizer-lhe isso alguma vez?

— Sim. E ela me ouviu. Foi justamente ali que vim a perceber que ela não era a santa que fazia crer. Uma noite, quando se realizava uma festa na paróquia, eu pude realizar minha idéia. Eu a vesti de anjo, com um vestido encarnado e uma lira dourada, e assim a pintei, depois. Ela vinha a meu estúdio; mas eu não estava certo de que isso era tolerado por Poole.

— Poole?

Porter já estava muito interessado.

— Seu marido. Êle não a fazia feliz.

— Por culpa dela?

Colin levanta as espáduas em sinal de dúvida.

— Há sempre duas faces na medalha. Eu repito: ela tinha ares de santa.

— Eu gostaria muito de ver o retrato que você pintou.

Antes que recebesse resposta, acrescentou com vivacidade:

— Posso ir, um dia, a sua casa?

O olhar de Colin se ilumina.

— Eu vou mudar de apartamento. Antes de acertarmos, desejo que me avise. Peco que me dê algum tempo antes de ir ver-me.

Colin e Delilah entraram no automóvel de Porter, de volta da festa. Êste guia o auto e tem o cérebro em ebulição. Êle estava perplexo por ver que Mary sabia de tudo e isto não mudara o seu pensamento em relação a Roger Poole!

CAPÍTULO XVIII

Mary escreve a Poole uma carta: "Les Chambres de la Tour"— Junho.

"Faz uma semana que comecei a trabalhar no escritório a mais dura semana que já encontrei em tôda a minha vida. Mas, por favor! não pense que eu esteja arrependida. E' que fazia lá fora delicioso tempo, e eu me achava encarcerada!

"Comecei a compreender que a mulher que vive sòmente em sua casa, goza de uma liberdade que não aprecia suficientemente. Ela pode ir à cidade pela manhã, sair à tarde e deixar qualquer coisa a fazer para o dia seguinte. Mas os homens não podem fazer nada disso; mal o sol aponta a esperzir seus raios e os pássaros cantam, êles sentem o apêlo da própria vida e se lançam em aventuras.

"Todavia há compensações, e eu estou buscando encontrá-las. Procuro pôr em prática as minhas teorias, e estou convencida de que apenas sou uma assalariada, já não dependendo de ninguém para comprar meu pão e minha manteiga, embora sempre recusasse tôda ajuda masculina.

"Tia Isabelle é aquela criatura amorosa de sempre, o mesmo sucedendo com Susan Jenks. E ambas muito me preocupam. Muito penso nelas. Que será das mulheres que trabalham quando já não mais houver outras que cuidem da casa? Sem tia Isabele e Susan Jenks, quem ficaria a cuidar da casa, a arranjar-me o leito, a preparar refrigerantes para os dias quentes, ou bebidas quentes para o tempo frio?

"Começo a perceber o ponto de vista masculino. Se eu fôsse homem desejaria uma mulher especialmente para isto: esquentar meus chinelos diante do fogo nas noites frias, justamente como nas histórias antigas; para preparar-me a alimentação sempre quentinha e para apagar as rugas de minha fronte.

"Eis por que motivo eu não estou bem certa de dar uma espôsa capaz de proporcionar tais confortos. Não me acho com bastante disposição para aquecer chinelos. Posso achar que uma Constance ou Leila o façam; mas, Grace e eu! Mas queira ouvir-me: há mulheres de interior e as outras. E eu julgo fazer parte das outras.

"Isto que lhe digo, compreenda bem, é uma filosofia baseada na experiência de uma semana neste mundo prosaico. Eu lhe irei transmitindo o que se fôr passando em matéria de transformação últerior acêrca de minhas opiniões.

"A casa parece estar vazia apenas com as três. Constance me fêz uma falta que eu não posso traduzir em palavras bem como o magnífico bebê. Constance deseja dar-lhe o meu nome, mas Gordon se manteve firme na opinião de que a menina tivesse o nome materno. Daí resultou então êste nome combinado: Mary-Constance... tão longo nome para uma criaturinha tão pequenina!

"Todos nós fomos a Nova York para a partida. Por "nós" quero falar em nosso grupo familiar: tia Frances e Grace, Leila e o general — Oh! Pobrezinha da Leila! — Delilah Jeliffe e Colin Quale, tia Isabele e eu, Susan Jenks com o bebê nos braços até ao derradeiro minuto; por fim, Porter Bigelow.

"A bordo, Leila desabafou em prantos. Jamais imaginei que a nossa pequena Leila, sempre tão alegre, tomasse as coisas sob o ponto de vista tão trágico. E causava pena ver a cara de Barry. Mas eu não devo falar disso. Nem mesmo devo pensar.

"Porter estêve sempre muito gentil para com Leila. Êle se portava como se fôsse uma sua irmãzinha, e isto lhe valeu muita simpatia. No instante em que o navio largava, êle a tomou dos braços do general, exclamando-lhe: "Vamos menina! Coragem! Êle deverá estar de volta muito em breve, e chegará quando menos você esperar.

"Porter a levou para um taxi e ali a instalou. Então começamos a fazer passeios e excursões durante o dia. Fizemos tudo o que é possível fazer em Nova York num dia de lindo verão, a começar por excelente almôço em elegante restaurante de Long-Island, terminando num jardim suspenso sôbre um terraço. Leila estava tão fatigada, como uma criança, esquecendo tôda a sua tristeza.

(Continua no próximo número)

LIZ CONTIUUA SOLTEIRA

(Cont. da pág. 45)

o tal foto do «Harper's Bazaar» e trataram de contratar o modêlo imediatamente. Lizabeth Scott com apenas dois filmes — «You Came Along» e «The Strange Love of Martha Yvers» — tornou-se a sensação cinematográfica do ano! Aparecendo agora com Edmond O'Brien e Terry Moore em «O Filho Perdido», drama de poderosa intensidade e de profundas emoções, Lizabeth Scott tem merecido aplausos que a crítica americana raramente tem dispensado a outra estrêla.

PALAVRAS CRUZADAS

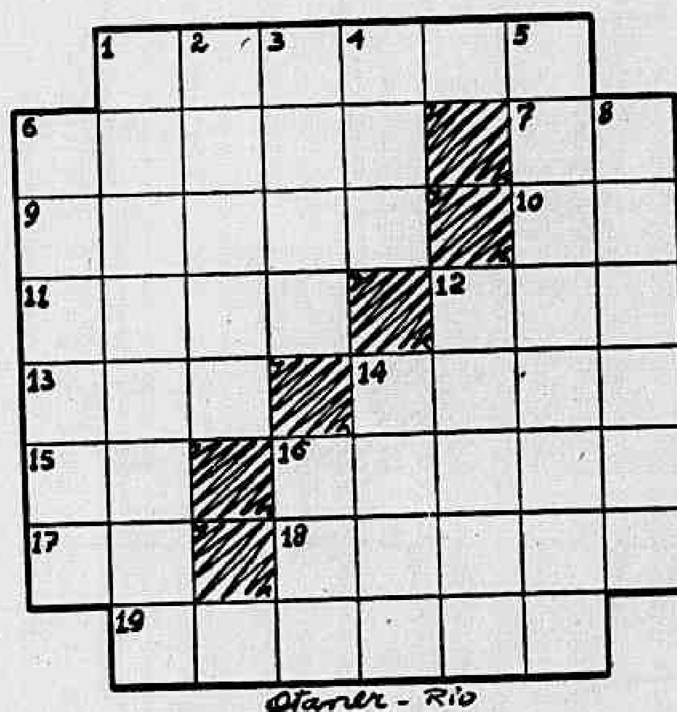
Problema N°. 98 para Veteranos

HORIZONTAIS: — 1. Mancha comprida — 4. Série de idéias — 7. Tubérculo venenoso da ilha de S. Tomé — 9. Igualdade de câmbio — 10. A nós — 12. Profeta hebreu (900 a. A.C.) — 14. Bebida chinesa — 15. Remoinho — 17. Rio da Alsácia — 18. Infusão de congonha — 19. Atenuar — 22. Rio da Rússia, na prov. de Liningrado — 23. Emblema da realeza francesa — 24. Maltratar ou cansar (o cavalo) — 27. Suavidade — 28. Rio da Rússia — 29. Esteiro de rio — 31. Gênero de palmeiras do Brasil — 32. Cidade da França, dep. do Loire-Inferieure — 34. 17ª letra do alfabeto grego — 35. Dueto — [illegible] e ilha do mar Egeu — [illegible] Antepassados — 39. Carregação de navio.

VERTICAIS: — 1. Gancho — 2. Medida japonêsa de capacidade — 3. Certamente — 4. Bazófia — 5. Aparência — 6. Bom aspecto — 8. Que tem fôlhas esparsas — 9. Repetição de uma idéia ou palavra — 11. Asa — 13. Circunscrição civil de Moçambique — 14. Terra natal — 16. Planta borragínea do Peru — 18. Fazer boa liga — 20. Cidade da Suiça, no cantão de Berna — 21. Mofar — 24. Nome poético que os gregos davam a Ceres — 25. Neurastenia — 26. Riso — 27. Bocado — 30. Macaco americano — 32. Tribo de índios do Maranhão — 33. Conjunção coordenativa — 35. Dor — 37. Grande peixe das águas africanas.

★

Problema N°. 98 para Novatos



HORIZONTAIS: — 1. Templo pagão — 6. Cessar de andar — 7. Ali — 9. Extingue — 10 Forma arcaica do artigo «o» — 11. Divisão, ramificação — 12. Vertebrado coberto de penas — 13. Atua — 14. Ligam — 15. Oferece — 16. Iguaria feita com ovos de tartaruga — 17. Gemido — 18. A voz do gato — 19. Helminto parasita intestinal.

VERTICAIS: — 1. Ave trepadora que imita a voz humana — 2. Fio flexível de metal — 3. Tartamudo — 4. Reza — 5. Levantando — 6. Lugar onde se pára — 8. Da Alemanha — 12. Exercer ação — 14. Fruto do abieiro — 16. Aranha amazônica.

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS Nº 97 — PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: — Almirantes — Aben — Itã — Ab — Este — Ab — Lua Sais — Cham — Axi — Ta! — Orbe — Es — Oda — Cava — Narcisismo.

VERTICAIS: — Bibe — On — Apalaton — Ma — Ressarci — Antambas — Ti — Eta — Sabeismo — Bu — Ei — Ac — Sa — Ho — Xe — Ada — Evia — Ar — As — Co.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: — Aparecido — Argamassa — Epodo — Une — —Elo — Ta! — Rã — Amoreiral — Apavorara.

VERTICAIS: — Amar — Argentoso — Elmo — Insolaria — Ocar — Cata — Alma — Eco.

Colaboração e correspondência para: »REVISTA DA SEMANA» — PALAVRAS CRUZADAS



Ao público

O sr. Oswaldo de Castro Oliveira, que se tem apresentado como agente desta revista no interior de Minas e Bahia, não é e nunca foi nosso representante.



PARE!

A QUEDA DE SEUS CABELOS

USANDO

PETROLINA MINANCORA

O TONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

CONTRA CASPA, QUEDA DOS CABELOS E DEMAIS AFECÇÕES DO COURO CABELUDO

CORREIO DA REVISTA

R.S. de L. — Paranaguá — Paraná: — «Trecho de meu diário» não pôde ser aproveitado. No gênero crônica, já temos redatores permanentes. Veja se manda conto.

WILSON MACEDO — Jacareí — S. Paulo — Pode escrever para a rua Pontes Correia, 107, Andaraí — Distrito Federal.

A.S. — Pôrto Alegre — Seu conto, «Uma simples história» foi recebido. Vamos examin-lo.

GUTTORM HANSSEN — Rio — Aprovado o seu conto «Um encontro na estrada». Quanto ao «Última ilusão», ainda não foi julgado. Aguarde o resultado de ambos.

A.M. — Rio — «A fuga de Davi» estava fraquinho. Por isso não pôde ser aprovado.

V.B. — Rio — Seu «Alma enfêrma» não passou. E' conveniente melhorar seu estilo.

P.M.M. — Belo Horizonte — Não foi aprovado o seu conto «Estranha fascinação». Pelo que parece, o amigo começou a escrever seu conto, com uma idéia, e, linhas depois, embarafustou por outras. Queira mandar-nos outro mais homogêneo.

PAULA LOPES — Rio — «O Chefe» e «Gargalhada do Destino» foram aprovados. Aguarde a vez.

WALDEMAR IGLÉSIAS FERNANDES — Piracicaba — Foi entregue aos ilustradores o seu conto «Papéis Trocados».

LOURDES B.C. JÚDICE — Campos: — Estão aprovados os seus contos: «Cidade pequena — cidade veneno», «Jacaré» e «Aquilo que o vento não levou».

PÉRICLES LEAL — Rio — Está com os ilustradores o seu «Rosário».

L.M.A.R. — Rio — «Retôrno à paz», embora bem escrito deixou de ser aprovado por não ser conto. Procure produzir conto literário e mande. Já temos um corpo de redatores para o gênero crônica.

C.C. — Lajes — Santa Catarina — «Vingança do Destino» não passou pelo crivo da comissão julgadora. Seu maior defeito era o português mau...

ANA MARIA P. FERREIRA — Niterói — Seu conto «Uma revelação», foi aprovado.

DELORE GURGEL — Rio — Foi aprovado «O noivo de Aurélia». Quanto ao outro, «Tiana», vai ser examinado. Continue a escrever e a mandar-nos os seus contos. A senhora tem visíveis qualidades de escritora. Parabens.

R.J. de A. — Rio — Não confundir realismo com imoralidade. Uma revista como a nossa não poderá admitir histórias como a que o amig mandou.

G. de A.R. — S. Paulo: — Dam preferência a contos regionais, c racteristicamente brasileiros. Mas n é conveniente abusar da linguage matuta, cheia de palavras e expre sões roceiras, pois isso aborrece mu- to mais do que diverte. Além diss é preciso muita técnica, muita co vivência com os matutos para inte pretar-lhes os modismos de lingu gem. Seu conto «Zé do Roçado» n está mal imaginado, mas peca cen por cento, pela má aplicação do li guajar roceiro.

S.C. dos A. — Rio: — Não foi p sível aprovar o seu «Maria José Além de seu português estar mu ruim, lembre-se de que o título conto não se ajusta à história. N vá dizer que se trata de literatura al tracionista...

H. de S.P. — Salvador, Bahia: Pode mandar. Se estiver bom, s publicado. Se não, daremos aqui razões, utilizando apenas as inic do amigo. Se preferir um pseudô mo, é só nos indicar um de sua colha.

O.P. — Rio: — Qualquer livra da cidade pode ter as obras de nos fala. Mas, se é como nos diz, ra que comprar tantas de uma v Comece por uma. Devagar e sempr

T. dos S. — Rio: — Agradeci mas seu conto não pôde ser aprova Melhore o seu português. E' pre aprender a pensar, para depois p sar em escrever. E o amigo é ai tão moço!

J.T.F. — Angustura, Minas — conto «Domingo em casa» poderia aproveitado se o estilo não estive tão monótono. Veja se aproveit tema e nos manda coisa mais viva concisa. Procure evitar cenas rep nantes.

D.Q. — Rio — Sua "compos «Gamarra» não pôde passar pelo vo dos julgadores, por estar atrativos literários. Mas não des me e mande outro conto.

G.B. — Castro, Paraná — «Va ro na Fazenda» foi recusado. O lo não ajudou, e o português m defeituoso.

C. dos A. — Rio — Nada pude fazer para salvar o seu «Noivo por dia». Um conselho de amigo: E as amplificações em seus contos. plificação é o excesso de detalhe de comentários que podem muito ser riscados do borrão ao passar- fruto de nossa inteligência para o ginal defenitivo. As amplificações tam muitos escritores. Fuja d menina!

COMO APRENDER A DANÇAR

4ª EDIÇÃO AMPLIADA



Com a nova dança, «Baião», Samba liso, e os últimos passos de Bolero, Rumba, Swing, contendo 120 gráficos, 830 passos, facilitando as senhoritas e cavalheiros a aprenderem em suas próprias casas em 10 dias apenas, no princípio sem companheiro ou companheira. Método de ritmos modernos pelo Prof. do «CURSO PRATICO DE DANÇAS RITZ». Aulas particulares, rua da Liberdade, 120 — Preço: Cr$ 45,00 — Pedidos pelo reembôlso postal — com o autor — Caixa Postal, 649 — São Paulo.

A venda também nas livrarias do Rio e Livrarias e Casas de Música de São Paulo.

A REVISTA HÁ 50 ANOS

6 de abril de 1902

CRÔNICA

Minha boa amiga:

CONTINUA em Londres — Sempre a mesma existência movimentada e, portanto, relativamente feliz. Viajar, é viver. Nós, os filhos dos povos ribeirinhos, temos no sangue a febre de correr mundo, transpor oceanos, em busca de novos tipos e novas paragens. Não faço o mesmo porque não posso, mas as suas cartas atenuam, e muito, os surdos desesperos da inércia. Observa tão bem... reproduz com tanta verdade e colorido! A sua carta de agora diz mais e melhor sôbre a funesta campanha do sul da África do que quanto tenho aprendido em copiosos artigos de revistas. Li-a, reli-a: não me farto de a ler.

Não deve realmente ser agradável a vida em Londres neste cruel período de derrotas. A tão falada im- passibilidade britânica é apenas exterior e torna ainda mais amargo e cruel o drama íntimo de cada alma Rara é a família importante que em Inglaterra não tem uma perda a deplorar. Famílias e nevoeiro confun- dem-se no negrume das vestes. Um luto pesado cobre a vasta metrópole da riqueza e da liberdade e só a orquídea de Lord Chamberlain adquire de dia para dia um vermelho mais rubro eum viço mais insolente com o sangue de novas vítimas ceifadas em novas batalhas.

A si, que a conheço, deve ser-lhe também penoso em extremo o espetáculo. Também a mim. Ambos tí- nhamos pela civilização britânica uma simpatia a que o respeito não era estranho. Veio-nos êle talvez da comum idolatria por Shakespeare, o maior gênio de todos os tempos. Recorda-se do regalo mental, do in- tenso gôzo com que, juntos, percorremos e comentamos as obras primas do poeta! Ainda ontem o admirava na versão italiano do **Romeu** — "Il sonno discenda sui tuoi occhi, la pace sul tuo cuore, e foss'io quel sonno e quella pace destinati a cosi dolce letto."

Depois percorremos a nova Cartago. Lembra-se da irreverência com que um dia, em um almôço sôbre a relva verde esmeralda dos arredores de Windsor tratamos a anglofobia de Henri Heine? Estou em acredi- tar que êle nunca sorvera o orvalho de uma manhã da primavera londrina, debaixo de um céu de azul felino com uma ligeira brisa nevada que rosava por igual a pele macia e transparente da minha linda "partenaire".

Voltamos encantados da excursão: da energia forte dos homens; da graça simples das mulheres; do en- canto infinito dos lares; da liberdade escrita em cada consciência, em cada palavra, ato ou gesto; do respeito consciente pela lei; do amor hierático pelo passado. Não nos deslumbrou e muito menos nos reduziu a riqueza; mas quem poderia ficar insensível a êsse prodigioso hino do trabalho?!

Quem nos diria que em tão curto prazo haveria de assim transformar-se a civilização que tanto havíamos admirado! A minha boa amiga explica o fenômeno por uma vesânia de momento. Não acredita na perpe- tuidade endêmica da crise. "Há de passar", exclama. Deus a ouça. Custa tanto ter de reformar idéias que se julgavam exatas e inventar noções que se supunham positivas!

Vejo, pelo final de sua carta, que tudo quanto se refere à literatura e arte continua a interessá-la. Mas é com mágua bem sincera que não posso responder-lhe. A geração de outros tempos, da época em que deixou o Brasil, era bem mais produtiva que a atual e os que ainda hoje nos encantam com a plasticidade da prosa ou a música do verso são "os novos"... de então. Nem um livro, nem um drama. Um enxame de críticos, mi- nha boa amiga, que nem sequer, por falta de assunto, têm que fazer. Se voltasse, teria pena. Deixe-se ficar por lá. A ilusão e a saudade farão com que me não acredite, mantendo intacto êsse respeitável sentimento de orgulho com que sempre se refere ao Brasil.

JACQUES BONHOMME.

OS TEATROS

(TRECHO)

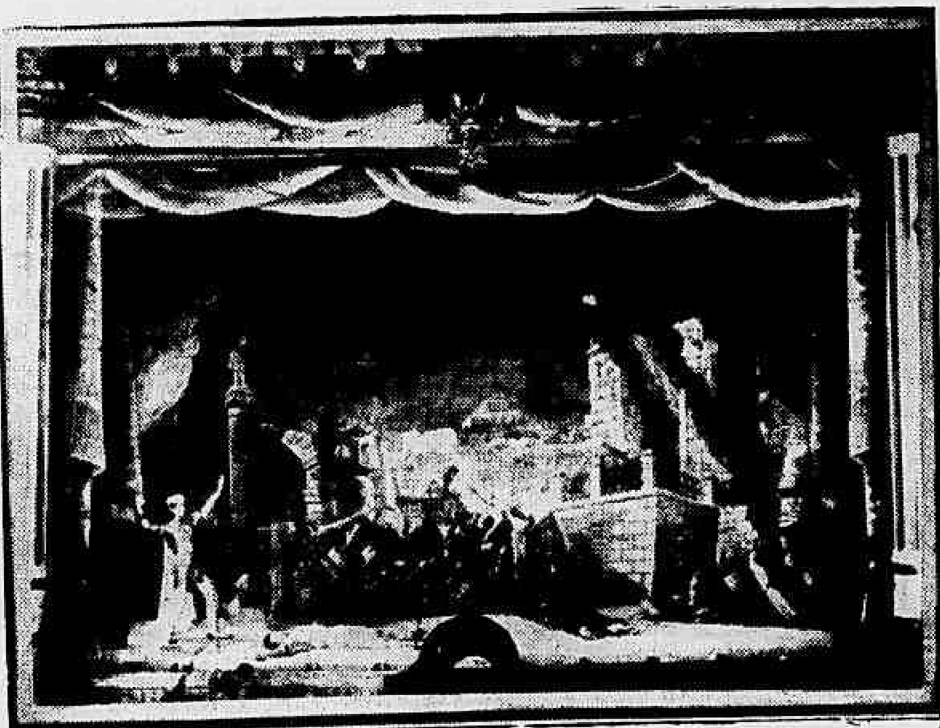
Eugênio de Magalhães realizou a sua festa artística com a **Morgadinha de Val Flor.** A casa completamente cheia; os artistas muito aplaudidos; a peça sempre nova.

De resto terão ocasião de vê-lo em breve em trabalho de grande responsabilidade, e em que os seus recursos artísticos podem expandir-se à vontade. **Na Honra,** de Sudermann, que sucederá ao **Quo Vadis?** no Recreio Dramático, êle criará o Roberto Heinecke, um dos papéis mais brilhantes do teatro contemporâneo.

★

No teatro Recreio Dramático prosseguem os ensaios da **Honra,** de Sudermann e marca-se a comédia de Labiche e Goudinet — **O mais feliz dos três.** — **No Lucindá** realizam-se os últimos espetáculos da emprêsa Cinira Polônio antes da partida para S. Paulo. Peixoto fêz um benefício muito concorrido, com farta messe de aplausos. A companhia representou **A direção dos balões,** comédia em um ato, original do ator Pedro Augusto, tão mal desempenhada que nem nos permitiu julgar do mérito do autor. A 12 do corrente estreará no Apolo a companhia Tomba. O **Quo Vadis?** — mantém-se em sucesso constante.

FARFALLA



Cena do ato III de «Quo Vadis?»

★

A dona da casa encontra a criada numa longa palestra:

— Não tem pejo de viver sempre a conversar na cozinha?

— Se a senhora permite, de outra vez conversarei no salão.

CORREIO DA REVISTA



No verso desta foto, Tilly escreveu as seguintes palavras: «Uma moça que ficou deseja conhecer o cavalheiro que virá buscá-la».

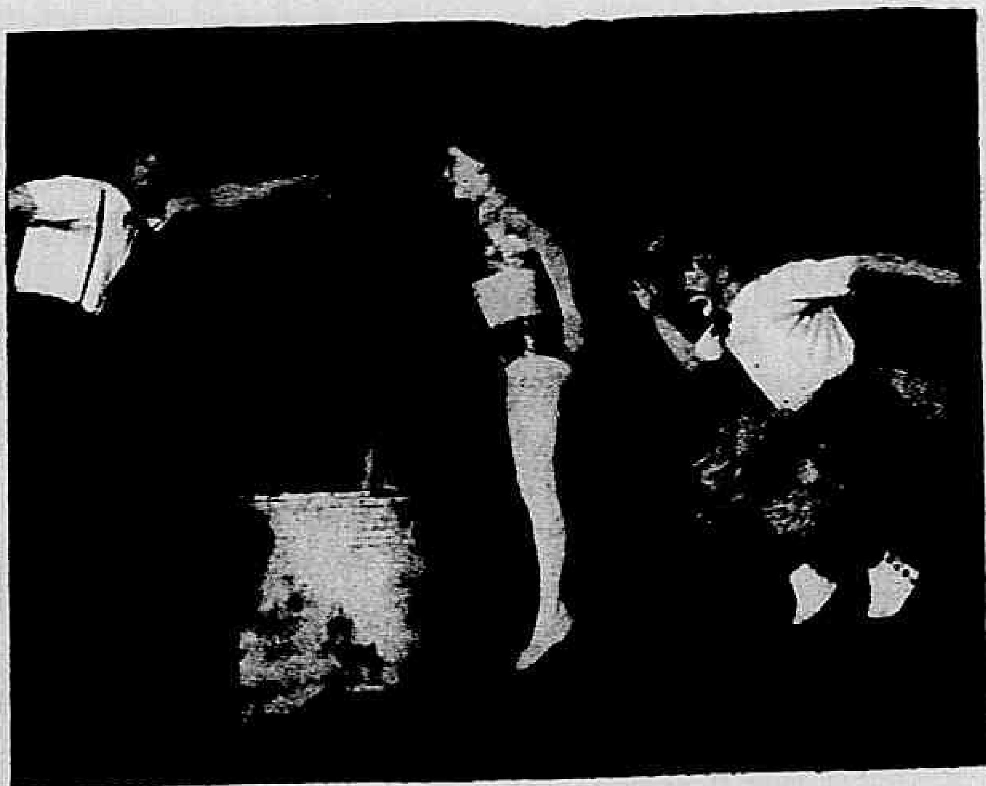
De Lindáu, na Alemanha, recebemos a seguinte carta, com data de 26 de novembro de 1951, que vai traduzida e acompanhada de duas fotografias da missivista:

«Uma moça da Alemanha, com pouco dinheiro mas muito humor, cheia de vida e tendo no coração um grande desejo de viajar, gostaria de ir para a América. Não tenho parentes aí mas talvez os srs. possam me ajudar no intento em que estou de ser companheira de viagem de um teuto-americano ou de americano que fale alemão ou mesmo com uma americana. Para isso bastariam publicar o meu retrato com algumasc palavras adequadas. Eu trabalhei até agora como «garçonnette» nos melhores hotéis e muito desejaria ainda ver umas coisas do mundo. Tenho 37 anos e sou solteira. Com a quebra do valor do nosso dinheiro perdi minhas economias que chegavam a 20.000 Reichsmarks. Agora estou sem vintem a vontade de correr mundo ficou no meu coração. Se querem ajudar-me eu lhes agradeço de todo coração e fico grata. Sua — Tilly Munch. Endereço: Lindáu (B) Alemanha — Metzgergasse, 7».



Nas costas desta, escreveu Tilly: «Estou na Riviera Alemã e gostaria de atravessar o grande Oceano rumo à América. Quem vem me buscar?»

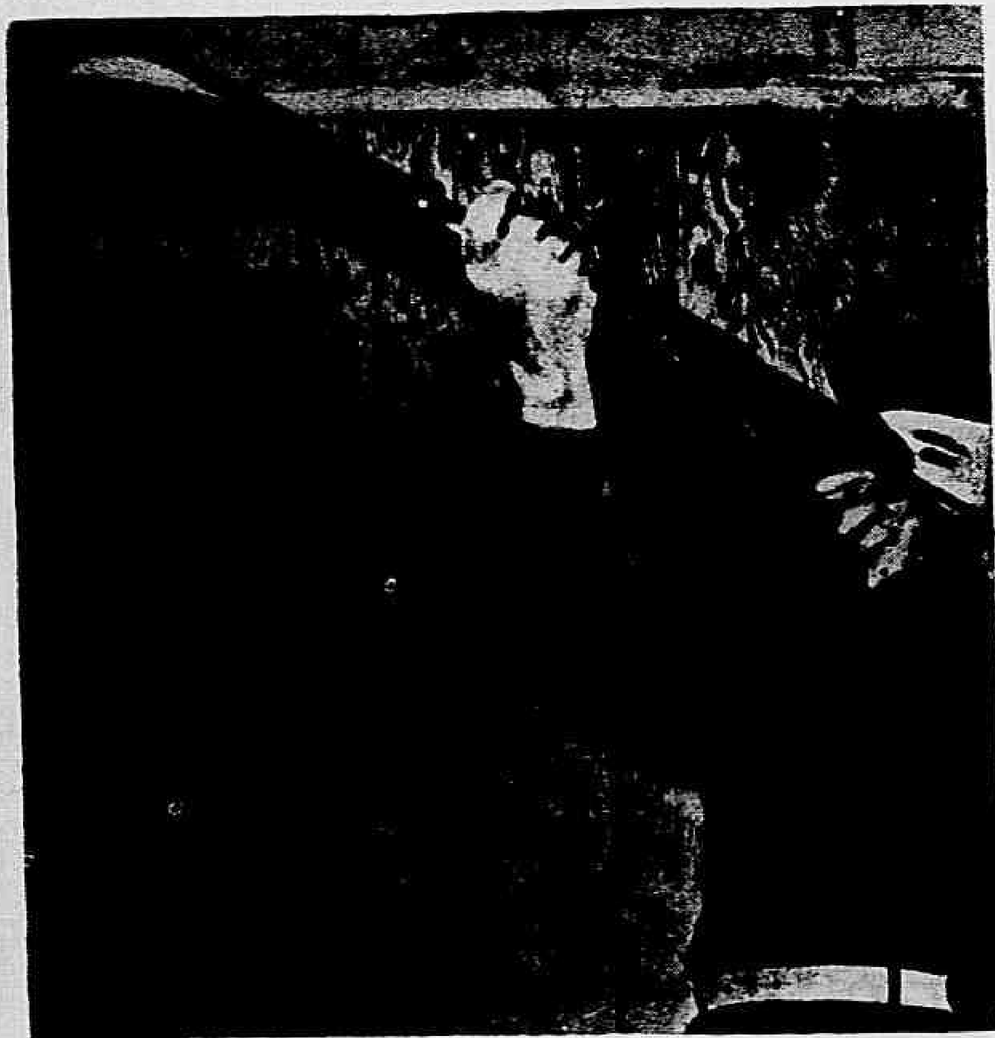
O TRIO GRANTLEY



E' um grupo de acrobatas formado pelo velho Grantley, sua filha Pauline e um tio desta, irmão daquele. Dão espetáculos que alcançam grande sucesso, pulando como gazelas perseguidas pelos caçadores. Levaram muito tempo a harmonizar os seus movimentos puladores a grande altura, impulsionados por trampolins, subindo aos ares como bolas de borracha. E, quando saltam, batem em tambores, gritam, fazem coisas com fogo, quebram vidros, enfim, tudo o que serve para atrair a admiração do público. Mas muita gente quer é ver Pauline, que, nos seus dezesseis anos, é um tipo fascinante.

★

TIROS DE ESQUINA



Desde muito que se criticam certas idéias extravagantes, como, por exemplo, a que imaginava uma espingarda dotada de cano curvo para atirar nas esquinas, sem que o alvejado disse o atirador. Pois bem. Eis aqui uma carabina construída em Detroit, Estados Unidos, especialmente idealizada para aquela espécie de tiros. Aqui vemos o sargento da polícia, Leon Littleton, fazendo experiências com a estranha arma de cano torto. Não se sabe ainda se a coisa deu certo; mas, que, evidentemente, já não se pode ridicularizar certos inventores, lá isso é a mais pura verdade.

Tudo isto

O marechal foi vaiado



HÁ vidas que seriam sempre veneradas se os seus donos morressem na hora de sua culminância social, profissional ou política. Veja-se o que aconteceu ao famoso Petain. Soldado dos mais gloriosos da França, o venerável Petain morreu na prisão, com a grande maioria do povo francês contra êle. Apenas porque, ao invés de ter morrido antes da capitulação da França perante Hitler, teve que aceitar a derrota de sua pátria e, o que foi pior, submeter-se à situação da guerra com os alemães dominando o território nacional. Considerado traidor, Petain foi condenado e encarcerado até à morte. Todo o seu heroísmo de Verdun e de outras gloriosas batalhas da França contra a invasor germânico na primeira grande guerra, foi destruido pelo gesto infeliz de Vichy na segunda conflagração mundial. agora sucede uma dessas desgraças com outro marechal europeu: Pietro Badoglio. Êsse italiano foi o comandante dos exércitos italianos na segunda guerra mundial. Mussolinista e defensor da coroa, estêve prêso e respondeu a processo, em virtude de vitória das arm aliadas contra o eixo. Badoglio, depois de ser a mais alta patente militar de sua pátri desceu a nada. Onde passa muitos lhe viram a cara, outros fazem gêstos de desprêz todo mundo se mostra constrangido. Recentemente, quando o marechal ia à Igreja Santa Maria dos Anjos, em Roma, a fim de assistir a uma missa de "requiem" mandad celebrar pelos monarquistas em memória do duque de Aosta, foi vaiado pelo povo. o velho marechal de 81 janeiros, teve que ser escoltado pela polícia para não sofr maiores agressões. *Sic transit...*

E o diabo diss: Não



CASAR não é sopa, todo mundo sabe por experiência própria, ou "por ouvir dizer". Mas quando um cidadão diz que vai casar, prepara o enxoval e deixa que a noiva também dispenda dinheiro, faça convites, trate de tudo, e, no fim, êsse mesmo cidadão recua, francamente, só aplicando uma boa sova no malandro. E foi o que aconteceu em Niterói há poucos dias. Osvaldo Marinho, de 20 anos, operário, conheceu Anésia Maria da Conceição. De simples olhares passaram ao namôro. Desde, ao noivado. Anésia, apesar de estar apenas com dezenove anos, é uma jovem muito ajuizada e digna. Osvaldo vivia a sonhar com o céu de sua lua de mel o que também sucedia com ela. Afinal, depois de consultas mútuas e solenes, ficou o "conjugo vobis" para fins de fevereiro. Tudo pronto, a noiva se vestiu, o noivo envergou sua melhor fatiota domingueira e saiu o parzinho amoroso para o Palácio da Justiça da vizinha capital, seguido dos parentes da noiva. Quando chegou a vez de contar o noivo se "aceitava Anésia como sua legitima espôsa", com surprêsa para o Juiz e todos os present Anésia, tomados de grande indignação não viram mais diante dêses um Juiz com se paramentos e o ambiente majestoso da Justiça. Avançaram para o noivo relapso e l deram uma surra em regra: bofetões, pontapés, taponas e munhecaços de todo jeit Interveio a policia e todo mundo foi explicar-se ao delegado. Mas Osvaldo, logo depo foi visitar a noiva e confessou estar arrependido de sua atitude. Casaria muito brevement

O destino de um criminoso



EM abril de 1948 trazia o telegrafo aos jornais do Rio uma notícia sensacional. Na cidade de Lagoa da Prata, Minas Gerais, um grupo de bandidos assaltava a Agência do Banco de Minas, originando-se daí troca de tiros e vários mortos. Dentre os capturados havia um rapaz muito bem parecido, branco, testa ampla, sem qualquer estigma de banditísmo. Chama-se êle Francisco Antônio de Alencar. Submetido a julgamento pegou vinte e quatro anos de reclusão. Por felicidade foi mandado para o presídio das Neves, que fica próximo a Belo orizonte. A Penitenciária das Neves é modelar. Há regime para regenerar os delinquentes: trabalhos agrícolas, oficinas de variados fins, biblioteca, cultura esportiva, enfim, tudo o de que se precisa para tornar um criminoso em um cidadão útil à sociedade. Com o novo pensionista do Estado, se verificou então uma coisa singular: Francisco Antônio de Alencar se destacava pelo seu procedimento exemplar. Fundou um jornalzinho com o nome de "Grades Abertas", do qual é tudo, escrevendo artigos para a regeneração dos detentos. Criou na Penitenciária um curso de alfabetização, do qual é professor. No ano pessado, entrou num concurso de contos instituido pela Prefeitura de Belo Horizonte e, vencendo uma centena de concorrentes, levantou o primeiro lugar com a história "O Egresso", ganhando mil cruzeiros. Uma jovem belorizontina, Raymunda Avelino, leu o conto e se interessou pelo autor. Visitou-o na Penitenciária. Amaram-se acabam de casar-se! Foi dirigido um apêlo ao Presidente da República pela liberdade de Francisco.

Aconteceu

Pau de arara



DENTRO dos seus sofrimentos, tem o povo bastante espírito para amenizar a própria dor. Nestes últimos anos, levas e mais levas de retirantes descem dos sertões do nordeste brasileiro e do interior da Bahia, em busca do Rio e de S. Paulo, na ilusão de melhor sorte. Enchendo caminhões a rodar pelas estradas poeirentas, os infelizes abandonam suas casas, seus haveres, plantações e animais, e vêm para o sul. Muitos aqui chegam atraidos por promessas falazes e mesmo criminosas. Outros, mais felizes, conseguem trabalho na lavoura ou nas indústrias aí por essas cidades do sul, iniciando uma vida mais digna para si mesmos e suas famílias. Os caminhões cheios de gente receberam o pitoresco nome de "pau de arara". Por quê? A alma do povo é fértil em tais criações. Araras e papagaios podem dormir em paus que mal dão para conter os dedos de seus pés inteligentemente providos de garras pela natureza. Nos caminhões, por falta de espaço e de cômodos, os aliciadores de gente sertaneja atravessaram vários paus, aos quais os infelizes se agarram como se fôssem araras. Ali conseguem cochilar, aos solavancos. Ali se firmam como náufragos terrestres, agarrados àquelas varas como papagaios em galhos de mato. Os "paus de arara" trazem milhares e milhares de retirantes para o sul. Muito sofrem, muito se extenuam, passando fome e sêde varando desertos e chapadões inóspitos. E, quando chegam ao Rio, verificam com amargor nalma que, em verdade, não passaram de uns "araras" acreditando em conversa para gato cair de telhado.

Emigrante e exportador



HÁ episódios amargos na vida do pobre. Para enfrentá-los, só mesmo a resignação mesclada de bom humor. Veja-se o que acaba de ocorrer com um casal de retirantes que vinha dos sertões ressequidos da Bahia, em demanda do sul. O caminhão vinha cheio de retirantes de sertões mais longínquos, quando, em certa povoação baiana, parou a fim de receber um casal de camponeses que abandonava o torrão natal. Êle, um trabalhador forte, queimado de sol, com apenas 35 anos de idade; ela, cabocla cheia de vida e de olhar enérgico, mais moça e já vinculada a face pelo dissabor. Em tôrno alguns meninos seus filhos. Todos subiram ao caminhão em busca do sul. Além de trouxinhas e um baú de cacarecos, a mulher fêz questão de conduzir uma velha máquina de costura. Se não encontrassem emprêgo para o marido, ela cairia no veio da máquina e trabalharia para dar de comer aos filhos e a êle. Uma edição heróica de nova "Amélia" sertaneja. O mundo era grande, e o casal estava esperançoso. Continuar onde estavam era morrer de fome voluntariàmente, arrastando na desgraça aquêles pobres inocentes. E veio a idéia de aderiri ao grito geral: "Para o Sul !" Metidos entre aquela multidão de gente que descia dos sertões fugindo à fome, lá se foi o casal de baianos. Ao parar o caminhão na "barreira" Bahia-Minas, um grupo de fiscais examinou os farrapos daquela gente naufragada. "Descoberta" a maquinazinha de costura, exigiram pagamento de "direitos", arbitrando em Cr$ 200,00 ! E o desgraçado, para não matar de dor a espôsa, tirou pão da bôca dos filhos, para saciar a voracidade do "outro país..."

O maior roubo da História



NÃO é o maior da História Universal, mas sim, dos Estados Unidos. O caso sucedeu com o milionário norte-americano Laverne Redfield e sua exma. espôsa. No dia dois de março dêste ano de desastres e sêca, estava o casal a divertir numa mesa de roleta da cidade de Reno, quando ladrões habilíssimos penetraram em sua luxuosa e desguarnecida residência, d'ali retirando jóias e valores num total de 2 milhões e quinhentos mil dólares. Isso, ao câmbio de vinte cruzeiros dá apenas a importância de 50 milhões de cruzeiros, ou na velha moeda, cinqüenta mil contos de reis! Acham os cronistas norte-americanos que é êste *o mais vultuoso roubo até agora verificado nos Estados Unidos. Ao chegar ao palacete, verificaram que os gatunos se haviam aproveitado de sua ausência para operar calmamente. O caso foi transmitido à polícia; mas, como reaver o dinheiro, valores e jóias, se o casal não possuia lista alguma dos números de seus títulos e das notas de banco, nem tão pouco uma relação das jóias guardadas no cofre e surripiadas pelos assaltantes? Para que fôsse possível deter algum suspeito e encontrar uma pista segura, era preciso que os valores negociáveis pudessem ser identificados, as jóias também, mas, como nada disso pode ser feito agora, uma vez que o milionário e magnata do petróleo sempre displicente, não tomara nenhuma providência. o jeito que há é Mr. Redfield conformar-se com o rombo e tratar de comprar novas jóias...*

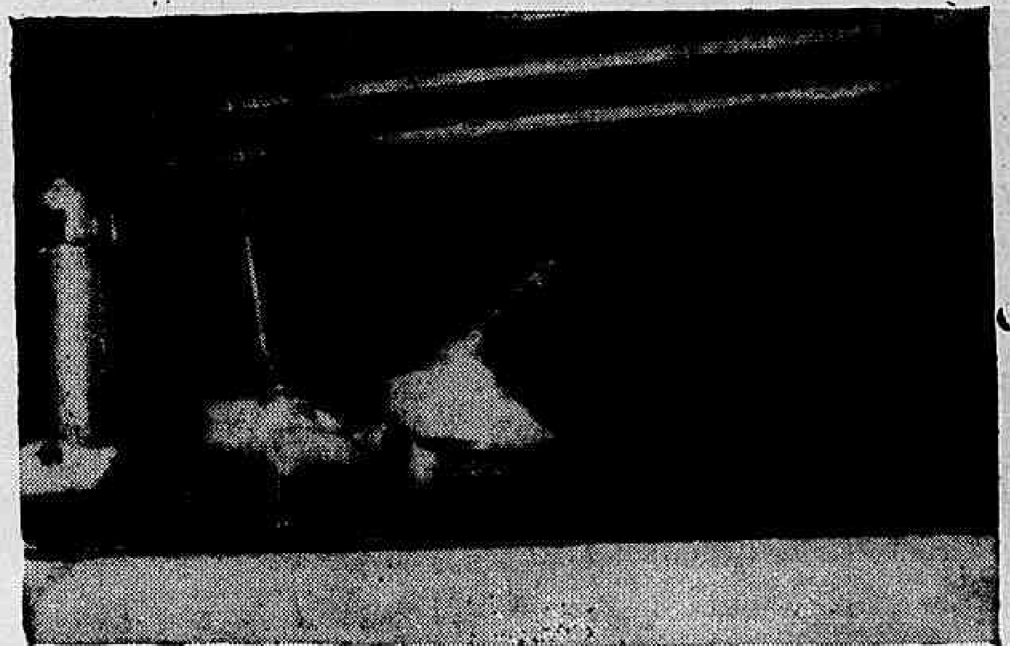
AUDIÇÃO PARA PORCOS



Nada mais falta ver-se neste mundo! Olhem esta cena comovente: o saxofonista Phil Tate, em sua fazendola, cria porcos. Um dia imaginou que a música de seu belo instrumento, muito bem poderia substituir as rações daqueles suinos, contribuindo para que os mesmos engordassem ainda mais. Nada como uma melodia sentimental para acalmar um espírito de porco. E o nosso músico está pondo em prática seu método. Se, daqui a uns meses, verificar que os suinos não aproveitaram nada, pelo menos lhe ficará esta experiência: porco é mesmo um bicho que só se dá bem nas sujeiras...

★

FERIDO DE EMBOSCADA



A senhora Sol Rosenblatt, beija seu espôso, Rosenblatt, que foi nomeado procurador da herdeira de um dos Morgans. Êle é vítima de um tiro que lhe foi desfechado, de emboscada, por um criminoso que o tocaiou do lado de fora do seu apartamento, em Park Avenue, em Nova York. O tiro o atingiu na coxa, partido de um carro que passava, pelo que há um criminoso e seu cúmplice. O baleado gritou e foi socorrido pelo porteiro, sendo levado em ambulância, para o «New York Hospital». O caso se prende à herança da falecida Eleanor M. Satterlee, do qual era êle também beneficiário.

CORPO ESBELTO E FACEIRO

VINHO CHICO MINEIRO

Seja inteligente! não espere engordar demais, tome de hoje em diante VINHO CHICO MINEIRO que conservará o seu porte elegante. A perda de pêso é natural, não faz mal e não provoca rugas. Insista no tratamento e depois do terceiro vidro o seu corpo tomará linhas firmes e delgadas adquirindo forma elegante indispensável à mulher moderna.

EUTRICHOL ESPECIAL

que faz voltar a côr natural aos cabelos brancos. Fórmula completamente inofensiva, não contém nitrato de prata ou outro sal prejudicial à saúde. Revigoriza o cabelo, não o deixando quebradiço. Pode ser usado indefinidamente, e o seu uso previne a queda do cabelo e elimina a caspa. Antes de acabar o primeiro vidro o seu cabelo estará completamente revigorizado, tendo voltado, portanto, à sua côr natural.

À venda nas boas Farmácias

PARA COMPLETAR A SUA BELEZA E PERSONALIDADE USE ÊSTES PRODUTOS DA MULTIFARMA.

LEITE DE ARROZ BISCUIT

Para manter a limpeza e a higiene da pele, use LEITE DE ARROZ pela manhã, à tarde antes da maquilagem e à noite antes de deitar. Para fixar o pó de arroz não há melhor que o próprio LEITE DE ARROZ. O seu uso constante remove as partículas mortas e queimadas da pele, sardas, manchas, panos e cravos, tornando-a lisa, macia, aveludada e eliminando o cheiro desagradável do suor.

(Exigir a marca BISCUIT)

MULTIFARMA

Rua Direita, 191 — 6º andar

SÃO PAULO

Remessas pelo Reembôlso.

UM SONHO DE SOL...

(Cont. da pág. 4)

blioteca, correio, ginásio (em cima, num terraço superior) e outras utilidades.

Alguns visitantes de espírito conservador, no entanto, não concordam com a planta do edifício. Êste é construído em gigantesca estrutura de concreto, que sobe a 150 metros do nível do solo. A estrutura suporta as unidades pré-fabricadas de um ou mais compartimentos — que constituem os apartamentos e a grande área de serviço. No interior dos apartamentos há poucas divisões: a cozinha é separada por uma meia parede, o quarto principal, que fica junto ao balcão da frente, limita com a sala por um muro alto.

e há pouca individualidade" —

— "Não há muita intimidade e há pouca individualidade" — é o comentário de muita gente Outros afirmam: "Não parece uma casa de família. Parece um acampamento".

Le Corbusier tem resposta para tôdas essas objeções.

— Existe a intimidade que uma família moderna possa exigir. Não há vizinhos visíveis, nem mesmo em frente. Não se ouvem ruídos dos apartamentos do lado de cima. Há sol — muito sol — o que é essencial. Você não passa sua vida no banheiro, não é certo?

Acrescenta que seus apartamentos não impedem a vida de família, ao contrário facilita-a.

— Quando o chefe da família chega em casa, as crianças não estarão se lamentando. A espôsa não estará nervosa. O apartamento é limpo e atraente e não é difícil mantê-lo assim. Por isso, o pai de família, prefere ir para casa em vez de ficar nos bares.

O "modulor" é uma teoria do mestre, correlata das outras que sustenta no campo de sua especialidade. Em linguagem de leigos ela pode ser resumida nestas palavras: é um sistema arquitetural com medidas baseadas nas proporções do homem médio e que utiliza conceitos derivados do sistema métrico decimal e do sistema de medidas anglo-saxônio. Uma das fotos desta reportagem mostra Le Corbusier expondo sua teoria do "modulor".

(Fotos de Fenno Jacobs)

À LUZ DA PSICANÁLISE

Pelo Dr. LUIS FRAGA

UM COMPLEXO DE FAMÍLIA

R. Vasconcelos: 33 anos, engenheiro, casado, tem três filhos e vive bem com a família. Inteligência lúcida. Relativa cultura geral e profissional. Vive angustiado com as manifestações afetivas dos irmãos. Vasconcelos é um dos filhos do segundo matrimônio de seu pai que o deixou órfão na primeira infância, em penúria econômica. A viúva ficou com um pequeno montepio e mais de meia dúzia de filhos menores. Os filhos do primeiro matrimônio estavam criados quando se fêz o segundo que sofreu oposição acre de todos os filhos. A viúva lutou com dificuldades para educar os órfãos. Educou-os perdendo alguns por subalimentação. Trabalhava para não recorrer aos enteados que a desprezavam. Nada, porém, impediu que êles procurassem os irmãos do primeiro matrimônio.

R. VASCONCELOS — Procuravamos nossos irmãos principalmente para despistar a sociedade cheia de exigências.

MÉDICO — Foram bem recebidos...

R. VASCONCELOS — Com indiferença. Olhavam-nos com superioridade, evitando apresentar-nos como verdadeiros parentes e seus filhos não nos chamavam de tios.

MÉDICO — Vocês devem ser da mesma idade...

R. VASCONCELOS — Tentamos acreditar nesta razão. Buscamos, com os nossos recursos, ter a mesma aparência social e intelectual. Não dispunhamos do necessário, mas alguns de nós aparecemos e fomos elogiados.

MÉDICO — E' um mérito. O estímulo dos primeiros os ajudaram, convenhamos...

R. VASCONCELOS — Possivelmente. Houve, também, críticas desanimadoras.

MÉDICO — Não estará você prevenido e alimentando um complexo?

R. VASCONCELOS — Acredito. Por isso o procuro.

MÉDICO — Continue.

R. VASCONCELOS — Perdemos oportunidade de ser aproveitados, aliviando a carga. Fomos esquecidos e preteridos.

MÉDICO — São escrúpulos que reforçam um nome que vocês herdarão. Não se deve procurar os interêsses humanos isolados, em paixões acanhadas. Isto adormece a inteligência e entorpece a alma. Devemos procurá-lo no que há de mais puro e belo no sentimento moral.

R. VASCONCELOS — As nossas vidas não passavam da esfera acanhada das lutas. Conseguiamos, por vêzes, elogios pálidos, como favor. Não conseguiamos amor: ao contrário, ainda hoje, se estamos juntos, chamam-nos «malucos» em tom jocoso mas, repetidamente. Parece que a alcunha que nos dão, em forma de philhéria, é o resultado duma combinação entre alguns dêles. Alguns porque um dêles procede de modo mais humano. Procura auxiliar-nos e nos dá assistência moral. Sofre conosco as nossas dores, vive as nossas alegrias e, acredito, sente as injustiças que os outros nos fazem quando, reunidos, testemunha o que lhe estou relatando.

MÉDICO — Parece haver rancor em suas palavras...

R. VASCONCELOS — Pode lhe parecer estranho: não há rancor, há ressentimento. Eu os estimo. Fui educado na religião católica e sou espírita por convicção. Uma e outra crenças ensinam o perdão. Mas o procedimento de meus irmãos me faz sofrer e desperta o complexo natural que me perturba. Tenho vontade de me afastar para não transformar em rancor, como o doutor pensou, os meus naturais sentimentos. Os meus filhos são pequeninos e não quero transmitir-lhes êste complexo. Que me aconselha o doutor?

★

Não se afaste. Procure-os menos e manifeste, sempre que oportuno, o seu interêsse e amizade. A primeira idéia de justiça nasce não daquilo que devemos, mas daquilo que se nos deve. Mantenha essa coisa sublime: os laços da família, a verdadeira origem das sociedades. Os interêsses humanos vêm depois, mais ou menos amplos e generosos. Vença o complexo e perdoe o que lhe pareça ofensivo. Fique bem com sua consciência, o verdugo das nossas paixões más; tem alegrias que nos arrebatam ao céu e suplícios que nos precipitam ao inferno. Inflexível com a fortuna, com o poder; com o prazer, cede apenas, ao arrependimento e à virtude.

E, afinal, tudo isto pode ser o fruto exclusivo do complexo que o senhor confessa. Seus irmãos são seus irmãos. Êles não lhe podem querer mal.

Esteja bem com a sua consciência. Da consciência nos vem a fé.

CORRESPONDÊNCIA

SÍLVIA B.M. — Minas — Não desespere. E' curável.

MARY — D. Federal — Jorge não é mau rapaz. Procure-o novamente.

AUGUSTO — São Paulo — O seu caso depende de um exame minucioso e preciso.

CLOTILDE — Salvador, Bahia — Se êle a ama, não tenha receio.

MADALENA — Já tratamos dêste assunto. Procure ver o número de CENA de 8 de novembro de 1951.

DORA RAMOS — São Paulo — Não é um caso de psicanálise.

COUPON

Nome. ....

Pseudônimo: ....

Data do nascimento ....

Estado civil: ....

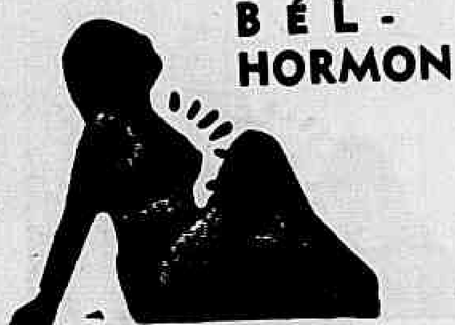
Profissão: ....

Residência ....

A BELEZA DOS SEIOS

BÉL-HORMON

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL - HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumosos, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios é um preparado modernissimo, eficiente de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» Nº ......

NOME ....

RUA .... Nº ....

CIDADE ....

ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

Respostas ao teste

1—A que se refere a Abadias
2—Abactor
3—Refere-se a um abajur
4—Trincheira feita com árvores cortadas
5—Abegão
6—Junta de bois
7—Roubou gado
8—Abiogênese
9—A cobra
10—Da Bahia
11—Que as brunissem, limpando-as bem
12—Um cestinho de vime
13—A garça real
14—Acéfala
15—Cavacos para acender fogo

Uma loja em sua casa

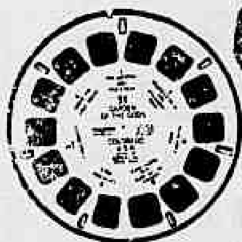
FOTO LÉO



VAI ATENDE-LO EM SUA PRÓPRIA CASA PELO REEMBOLSO POSTAL

TELE-VISEX

Para ver vistas em alto relevo

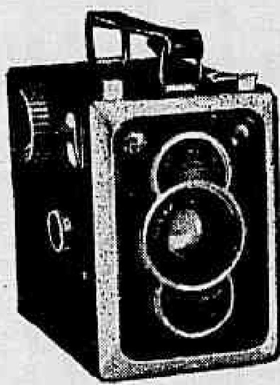




Maravilhoso aparelho que faz a gente "viajar" pelo mundo inteiro na NOSSA PROPRIA CASA com uma incrivel realidade. **Cr$ 280.00**
Cada disco com sete vistas coloridas **Cr$ 20,00**

"BOX-ZEISS"

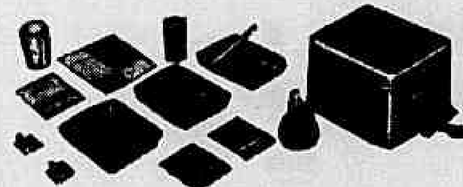
6x9
Fabricação
Alemã



(O melhor do mundo)

Lente azul · treis diagramas · treis objetivas regulaveis para distancias · trava para evitar dupla exposição numa só chapa · Sincronismo interno para Flash · Instantaneo e pose e dispositivo para propulsor. **Cr$ 540,00**

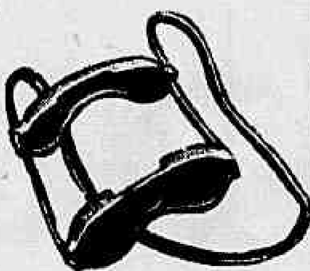
CONJUNTO ANSCO



Revele e copie seu filme **na HORA.**
Este moderno e simples aparelhamento lhes proporcionará essa satisfação · Este conjunto contem: 1 copiadeiras eletrica · 1 lampada vermelha · 1 lanterna amarela e vermelha · 3 banheiras · 1 termometro · 1 pinça · 1 copo graduado · 1 lata com fixador · 2 pacotes com reveladores e 1 pacote c/ 25 folhas 6x9 já farpadas.
Conjunto completo **Cr$ 395,00**
Vendemos avulso papeis e drogas.

BINÓCULO-VISEX





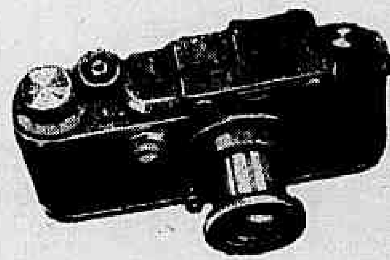
Bonita apresentação em preto brilhante.
Focalização central · Protetor e tiracolo patenteado · Extra luminoso (Lentes Azues) · Grande alcance · Binoculo facil de levar e bom companheiro para Viajens, futebol e praia. **Cr$ 120,00**

POLIOPTICON



Binoculos · Lunetas terrestres · Lunetas astronomicas · Microscopios · Periscopios · Lupas · Telelupas
Todos esses instrumentos podem ser montados com a coleção de partes óticas que compoem POLIOPTICON.
Perfeito funcionamento ótico. **Cr$ 900,00**

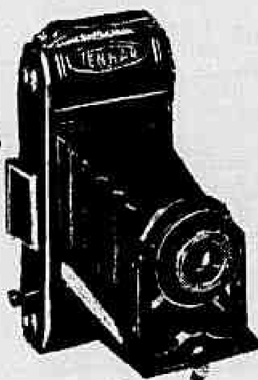
"LEICA" (Japoneza)



LEOTAX a leica fabricada no Japão é perfeitamente identica á de fabricação Alemã.
1:3,5 · Telemetro Sincronizado · Veloc. de um ségundo até 1/500 e estojo de prontidão
Cr$ 3.800,00

Tennar

6x9 – 1:6,3



Veloc. 1/25 · 1/50 / 1/100 · 1/125 · T. B.
Diafragma de palhetas
Regulador de Distancias
Disparador na Tampa
Vizor Esportivo
Fole de Couro
Cr$ 580,00

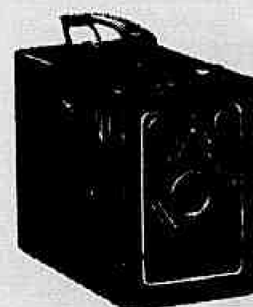
BLITZ-BOX

6x9 ALEMÃ



Inteiramente capeada · 2 visores brilhantes · sincronismo para flash ·
Finamente acabada. **Cr$ 240,00**

BOX-FOTO LÉO 6x9

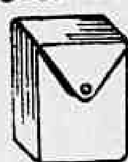


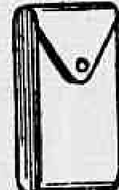
Construção solida · 2 visores · Filtro amarelo conjugado · Instantâneo e pose · 2 diafragmas. Facil manejo. Maquina fotografica ideal para principiantes. **Cr 115,00**

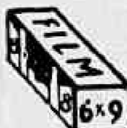
TRIPÉS



BOLSA-BOX BOLSA-FOLE



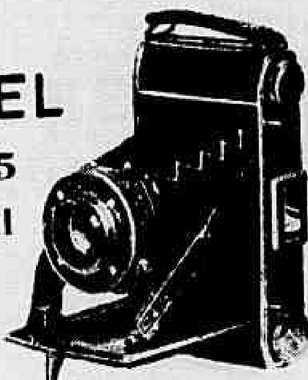




TRIPÉS	BOLSA-BOX	BOLSA-FOLE	FILM
Cr$ 200,oo	Cr$ 50,oo	Cr$ 75,oo	Cr$13,5o
Cr$ 250,oo	Cr$ 70,oo	Cr$ 90,oo	
Cr$ 380,oo		Cr$ 170,oo	

DEHEL

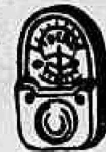
6x9 1:3,5
Lente Azul



Veloc. 1/segundo até 1/200 · Sincronismo para Flash · Frizos cromados · Fole de Couro · Automático · Disparador na tampa · Tabela: Profundidade de foco inbutida. **Cr$ 1.550,00**

CORTADEIRA FARPADA · TELEMETRO · PROPULSORES · FOTOMETRO









CORTADEIRA FARPADA	TELEMETRO	PROPULSORES	FOTOMETRO
Cr$ 170,oo	Cr$ 220,oo	Cr$15,oo	Cr$150,oo
		Cr$ 18,oo	
		Cr$ 25,oo	

FOTO LÉO
AV. S. JOÃO, 25

Vendemos pelo Reembolso qualquer Artigo Fotográfico.

CAIXA POSTAL
8760

Mil pessoas compram diariamente na Foto Léo, deve haver uma razão para essa preferência.



Segundo o dr. V. Demetz a dança clássica, tal como é praticada no «ballet» da ópera, é um esporte

Dança - Esporte ou Divertimento?

MÉDICOS E FISIOLOGISTAS DISCUTEM ESSA ANTIGA QUESTÃO ★ O "BALLET" E AS DANÇAS DE SALÃO ★ UM PENSAMENTO DE PLATÃO SÔBRE A DANÇA

A questão é antiga: a dança é um esporte ou apenas um divertimento? Numerosos médicos e fisiologistas que expressaram sua opinião sôbre o assunto, observam que a aplicação do têrmo "esporte" para a dança depende do caráter desta.

O dr. V. Demetz afirmou que a dança clássica, tal como é praticada pelo "ballet", da Ópera é um esporte. Os dançarinos de Roland Petit, de Carmen Amaya, de Katerine Dunham, de Sadle Wells, do "ballet" de Monte Carlo, são, pràticamente, atletas. O dispêndio de energia física de um dançarino, durante um recital, pode ser perfeitamente comparado ao de um corredor de fundo, de cinco ou dez quilômetros.

E observou o dr. Demetz que, quando

o pano cai, os dançarinos estão molhados de suor, sorriem ao público que os aclama, entretanto, sua tensão arterial ultrapassa 20 e a temperatura subiu além de 38°. Têm pressa de voltar para o camarim, tomar uma ducha e se entregar às mãos do massagista. Ser um dançarino clássico é uma profissão rude que exige uma resistência orgânica fora do comum, anos de aprend zado e várias horas de exercicio monótono por dia.

E o médico tem razão certamente.

Completamente diversa é a opinião sôbre a dança nos salões e "dancings". Têm razão os que afirmam que êsses é um divertimento em que se dispende as energias supérfluas da mocidade. Os médicos e fisiologistas, que estudaram os efeitos dos vár os ritmos coreográficos no organismo do dançarino e sôbre o seu aparelho circulatório, tiraram conclusões muito interessantes para as pessoas que dançam só para se divertir.

RITMOS MODERNOS E ANTIGOS

Assim, o samba e as danças rápidas aceleram o ritmo cardiaco com uma frequência notável. A valsa, ao contrário, não se recomenda aos dançarinos sujeitos a vertigens ou enjôo; ela determina nos orga- n smos dêstes perturbações muito sérias e que se prolongam muito depois de terminada a dança. E' interessante que a valsa, pouco apreciada pelos homens, conservou o favor das mulheres.

O "boogie-woogie" ou o mais moderno "be-hope" não se recomendam às moças, tanto como as corridas de motocicletas ou o trote a cavalo. Um médico americano acha que três minutos dessas danças exgotam mais sèriamente e mais depressa que uma corrida de 400 metros.

O tango, de acôrdo com a op nião da maioria dos especialistas, é uma dança que adormece; mas é, talvez, a única dança que se pode recomendar às pessoas idosas. Depois dos trinta anos será aconselhável dançar o tango.

PLATÃO E A DANÇA

Depois de uma dança movimentada, que exige muito esfôrço fisico, o melhor é descansar e aprove tar a ocasião para tomar um refrêsco. Mas, é muito difícil convencer as pessoas jovens a fazer essa pausa. Elas têm bastante fôrça vital para dançar ininterruptamente tôdas as danças modernas, desde a valsa de rodopio até o mais estravagante "boogie-woggie". Mas, elas devem saber que essas danças nada têm de comum com o esporte. Aliás, já há muitos séculos, Platão assim se expressava sôbre a dança:

"O animal jovem não pode ficar sossegado. Salta e agita-se sem cessar, com um prazer visível, como se qu sesse gastar em mov mentos inúteis fôrças super-abundantes. E' a um desejo semelhante que a mulher obedece quando ela dança. Mas, enquanto o animal não tem consciência da ordem e da desordem nos movimentos, a mulher recebeu dos deuses, com o sentimento do prazer, o ritmo e a harmonia".



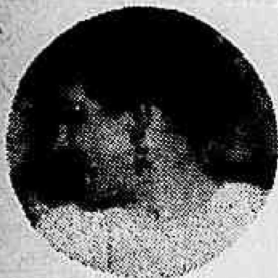
Os bailarinos do «ballet» — opina o dr. V. Demetz — são verdadeiros atletas e se extenuam como êstes

A Pergunta da Semana — Por SINIMBU

QUEM SERIA IMPERADOR DO BRASIL



se voltasse à monarquia?



D. JOÃO?

Seria por acaso D. João, que vemos acima, usando o fez de seu sogro (que é muçulmano), num dos clubes que costuma freqüentar? D. João é moço elegante, arroz doce de tudo que é festa grã-fina no Rio e em Petrópolis. Tirou curso de oficial da Aeronáutica e é hoje pilôto comercial. Um acaso dos acasos — sòmente assim — poderia levá-lo ao trono brasileiro. E que divertida seria a côrte!



O CONDE DE PARIS?

É o pretendente do trono da França, como sucessor do falecido Duque de Guise. Casou-se com D. Isabel de Bragança, princesa brasileira, irmã do precedente. Também por um acaso dos acasos — na falta de herdeiros diretos — poderia D. Isabel vir a ser Imperatriz do Brasil. Mesmo assim o Conde de Paris seria um simples príncipe consorte e nunca Imperador. Êsse está rifado.



D. PEDRO HENRIQUE?

D. Pedro Henrique nasceu em Paris e completará 43 anos em setembro próximo. E' filho de D. Luís de Bragança, apelidado o Príncipe Perfeitíssimo, que foi escritor, combateu na Primeira Grande Guerra e deitou manifesto monárquico em 1910. Era D. Luís o herdeiro presuntivo do trono brasileiro, por renúncia dos direitos que tinha ao mesmo o seu irmão mais velho, D. Pedro. Seu primogênito Pedro Henrique, que reside no Estado do Paraná, julga hoje ser o herdeiro da coroa, por sucessão de seu pai. Fotos: no canto superior, à esquerda, D. Pedro Henrique; no inferior, D. Luís de Bragança.





D. PEDRO GASTÃO?

D. Pedro Gastão é o primogênito de D. Pedro de Bragança, Príncipe do Grão-Pará por ser filho mais velho de Isabel, a Redentora. Tendo feito um casamento morganático renunciou seus direitos ao trono em favor de D. Luís. Entende o seu ramo, contudo, que com a morte de D. Luís, ocorrida em 1920, êsses direitos voltaram a ser de seus herdeiros (de D. Pedro). Nesta hipótese, o trono viria a caber a D. Pedro Gastão, que hoje reside em Petrópolis e é casado com uma princesa espanhola. Fotos (na ordem indicada): D. Pedro Gastão e seu pai, D. Pedro de Bragança.



REVISTA DA SEMANA

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

ANO LI ★ Nº 14 ★ 5-4-52

Redator-Chefe:
ALCEU MARINHO REGO

Chefe de Publicidade:
J. M. COSTA JÚNIOR

Paginação de
VICTOR TAPAJÓS

Desenhos de
ALBERTO LIMA

Diretor:
Gratuliano Brito

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1939, e na Feira Intern. de S. Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano	Cr$ 200,00
Seis meses	Cr$ 100,00
Registrada — Um ano	Cr$ 230,00
Seis meses	Cr$ 120,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr$ 350,00
Seis meses	Cr$ 180,00

O número avulso custa Cr$ 4,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 4,50

CORRESPONDENTES — Na Bahia: J. Machado Cunha avenida Sete de Setembro, 149, Cidade do Salvador Bahia. Em São Paulo: venda e publicidade na Capital a cargo da Agência Zambardino, rua Capitão Salomão, 69 — Telefone: 34-1569

Tem Agentes em tôdas as localidades do território nacional

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y.. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Cx. Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2.º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratorio y Cia., Constituyente. 1746, Montevidéu. Na Argentina "Interprensa", Florida, 299, tel. 32, Av. 9509, B. Aires

Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

Êste número consta de 60 páginas

Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA

Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro

TELEFONES:

Redação: 22-4447 ★ Publicidade: 22-9570 ★ Portaria: 22-5602 ★ Gerência: 22-8647 ★ Contabilidade: 22-2550

MÓVEIS e DECORAÇÕES



Projetos executados por técnicos especializados

TAPÊTES FEITOS À MÃO
TAPÊTES E PASSADEIRAS

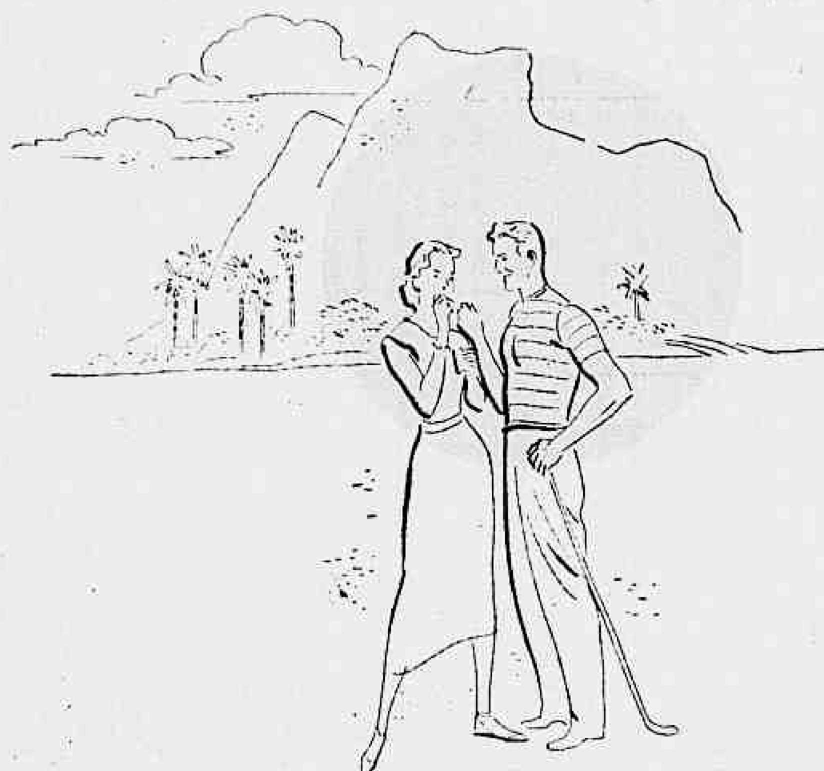
de forração, em côres lisas e com flores

GRUPOS ESTOFADOS

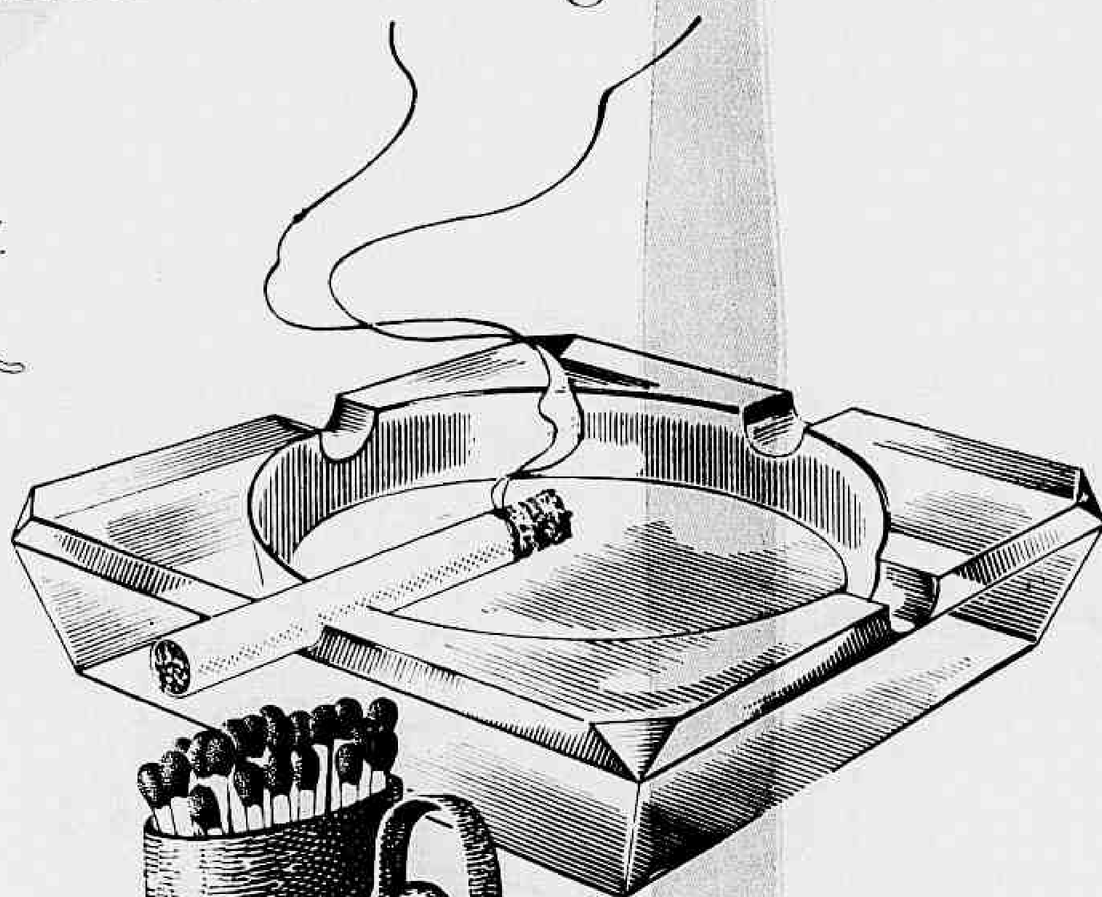
— especialidade de nossas oficinas —



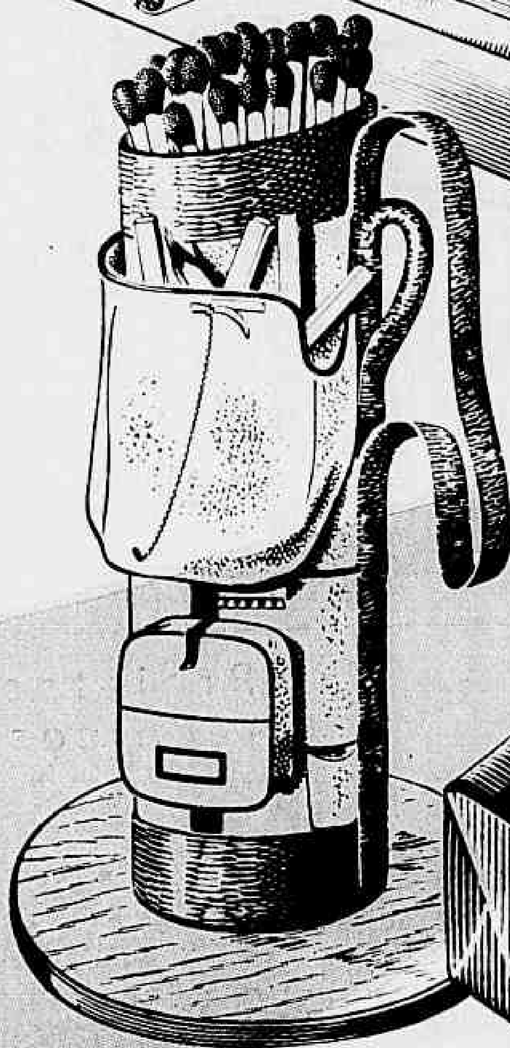
65 rua da CARIOCA 67 — RIO



você o consagrou e fez muito bem...



É a você, que sabe apreciar o golf
e outras coisas boas da vida,
que Hollywood deve a preferência
unânime de que hoje goza
entre as pessoas de bom gosto.





cigarros Hollywood

uma tradição de bom gosto



UM PRODUTO SOUZA CRUZ